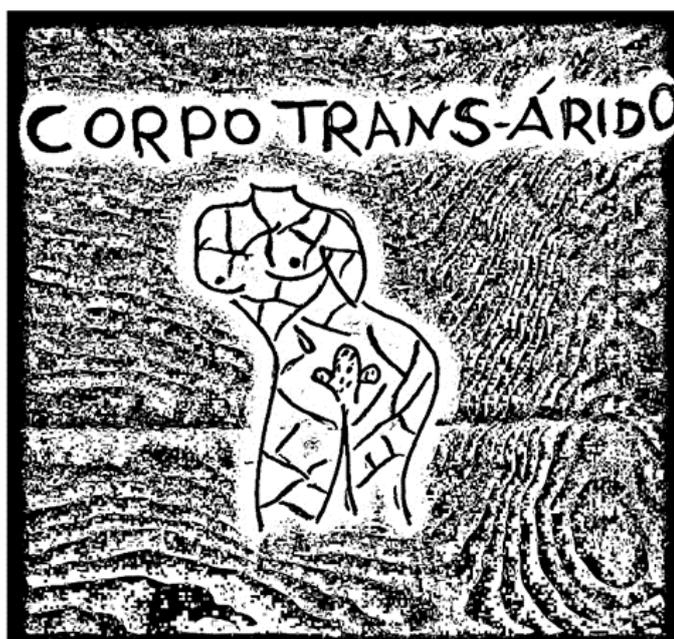




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DENYSE DE ALMEIDA DOS SANTOS

**TRANS-ÁRIDAS: CARTOGRAFANDO RELATOS PERFORMÁTICOS
DE MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO SEMIÁRIDO
BAIANO.**



Feira de Santana
2023

CORPO TRANS-ÁRIDO



DENYSE DE ALMEIDA DOS SANTOS

**TRANS-ÁRIDAS: CARTOGRAFANDO RELATOS
PERFORMÁTICOS DE MULHERES TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS DO SEMIÁRIDO BAIANO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana,
para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Almeida da Silva

Feira de Santana – BA
2023

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Santos, Denyse de Almeida dos
S234t Trans-áridas: cartografando relatos performáticos de mulheres travestis e transexuais do semiárido baiano / Denyse de Almeida dos Santos. - 2023.
133f.: il.

Orientador: Antonio de Almeida da Silva

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

1. Travestilidades. 2. Cartografias-performáticas. 3. Semiárido baiano. I. Silva, Antonio de Almeida da, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 396-055.3

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal Nº 77.496 de 27/04/1976
Reconhecida pela Portaria Ministerial Nº 874/86 de 19/12/1986
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.271 de 14/12/2004
Recredenciada pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DENYSE DE ALMEIDA DOS SANTOS

“TRANS-ÁRIDAS: CARTOGRAFANDO RELATOS/DIÁRIOS PERFORMÁTICOS DE MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO SEMIÁRIDO BAIANO” Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, na linha de Culturas, diversidade e linguagens, como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação.

Feira de Santana, 12 de junho de 2023.

Prof/a. Dr/a. Antonio Almeida da Silva
Orientador/a – UEFS

Alfrancio Ferreira Dias
Primeiro/a Examinador/a - UFS

Prof/a. Dr/a. Elenise Cristina Pires de Andrade
Segundo/a Examinador/a – UEFS

RESULTADO: *Aprovada*

AGRADECIMENTOS

Agradeço por ter alcançado este território acadêmico que parecia impossível para uma Travesti negra e sertaneja (re)existir. Agora, é hora de avançarmos juntas, ocupando e Transformando a Universidade com coragem e determinação. Ao longo dessa jornada, percorri os caminhos desconhecidos do sertão baiano, concluindo o ensino médio, a graduação e agora o mestrado. Não nego as dificuldades que enfrentei mas através de performances e (re)existências superei os obstáculos e preciso continuar em busca de novos rumos, desafios.

Nessa jornada os inícios, meios ou fins se misturaram para compor a arte de uma vida Travesti, uma pintura borrada, um teatro em constante (re)volução. Agradeço à Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação, por me permitir esse processo. No entanto, sabemos que ainda é preciso desfazer o que o tempo machista consolidou e promover Transformações na educação superior, respeitando a diversidade e colorindo cada vez mais a Universidade.

Sou grata ao meu orientador, o professor Dr. Antonio Almeida Silva, por acreditar em mim durante essa pesquisa e me acompanhar nesse sertão Trans e Travesti. Também sou grata a todos os professores do Programa, principalmente da minha linha de pesquisa Cultura, Diversidade e Linguagens, assim como as/os colegas que se aproximaram virtualmente, mesmo em tempos de isolamento.

Agradeço ao grupo de pesquisa Corpo-Território Decolonial e ao professor Dr. Eduardo Miranda, por proporem parcerias para descolonizar sexualidades, gêneros e raça. Também sou grata ao professor Dr. Pedro Paulo Souza Rios, amigo pessoal, por orientações acadêmicas e pessoais.

Agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado concedida durante o tempo de vigência do meu mestrado, essa foi essencial para minha jornada e é fundamental fortalecer esses programas de permanência nas instituições que tanto ajudam pessoas historicamente marginalizadas a terem uma melhor seguridade no período em que estudam.

Agradeço a meu pai Denilson de Oliveira dos Santos e a minha mãe Edite Arcanjo de Almeida. Agradeço a minha avó Valdete Reis do Nascimento (Piluxa) que tem um lugar especial em meu coração, mesmo que suas lembranças já afetadas pelo Alzheimer não mais se recordem de mim. Também agradeço à minha irmã Carla Cristina pelos conselhos e laços de amizade.

Agradeço ao meu então companheiro que durante o meu mestrado acompanhou meu percurso e minha rotina de estudos e ao acompanhar as minhas leituras, palestras, escritas sobre sexualidades e gênero foi se percebendo também uma mulher Transexual, apesar de tudo, continuaremos juntas, rompendo barreiras e estigmas.

Não posso finalizar sem agradecer a todas as mulheres Transexuais e Travestis que participaram desta pesquisa. A parceria e união diante das estruturas de poder são fundamentais para quebrá-las. Um agradecimento especial e um VIVA a todas nós TRANS E TRAVESTIS que resistem dia após dia pelo direito de EXISTIR.

QUERER O QUÊ, QUE MAL HÁ?¹

**EU QUERO SER FELIZ
MAS O QUE A FELICIDADE?
EU QUERO SER AMADA
MAS O QUE É O AMOR?
EU QUERO SER GENTE
MAS O QUE É O CORPO?
EU QUERO ESTAR VIVA
MAS O QUE É ALMA?
EU QUERO SER
PROFESSORA
DANÇARINA
DOUTORA
EU QUERO
AS INVENÇÕES DESSE TEMPO
EU QUERO ESSE DIREITO
COMO VOGÊS
EU QUERO SER AQUI
NO MEU LUGAR
NA MINHA CIDADE
SER ESSA INVENÇÃO
REINVENTAR-ME
TODOS OS DIAS
COMO VOGÊS FAZEM
PARA FUGIR
PARA FLUIR
PARA SER EU
OU SER OUTRAS...**

¹ Poema de Denyse de Almeida dos Santos, escrito faltando um mês para o natal de 2022, em uma tarde abafada, de muito calor em Feira de Santana, onde o tempo se foi fechando, e começou a chover, na rua e dentro dela, e o desejo de querer, ser, estar e escrever. Escreveu.

RESUMO

A dissertação aborda a invisibilidade e as experiências de Travestis e Transexuais que vivem no semiárido baiano, um território marcado por tradições cissexistas. Nesse contexto, essas pessoas enfrentam desafios significativos ao expressar seus modos de vida e resistir nas pequenas cidades rurais e urbanas dessa região árida. A pesquisadora, que é uma Travesti residente nesse território, compartilha sua vida e jornada pessoal como personagem conceitual e não fictícia, destacando as construções subjetivas que a levaram a se tornar uma Travesti. Além disso, ela se une a outras Transexuais e Travestis para formar uma espécie de cartografia humana, na qual cada uma relata suas vivências e estratégias de fuga em meio ao contexto desafiador do semiárido do sertão baiano, usando performances como forma de expressão. Essas narrativas desafiam os estereótipos enraizados da região, que ainda é muitas vezes associada à ideia de "cabra-macho", e contribuem para a (re)construção de um semiárido performático e Travestilizado, que permite a expressão autêntica e a existência plena das Travestis e Transexuais nesse espaço geográfico. A dissertação destaca a importância da visibilidade e do empoderamento dessas comunidades marginalizadas, bem como a capacidade de resistência e reinvenção em um ambiente socialmente desafiador.

Palavras-chave: Travestilidades; Semiárido Baiano; Cartografias-performáticas.

ABSTRACT

The dissertation explores the invisibility and experiences of transvestites and transgender individuals living in the semi-arid region of Bahia, a territory still marked by cissexist traditions. In this context, these individuals face significant challenges in expressing their ways of life and surviving in the small rural and urban towns of this arid region. The researcher, who is herself a transvestite residing in this territory, shares her life and personal journey as a conceptual and non-fictional character, highlighting the subjective constructions that led her to become a transvestite. Furthermore, she joins other transvestites to form a kind of human cartography, where each one recounts their experiences and escape strategies within the challenging context of the semi-arid Bahian hinterlands, using performances as a form of expression. These narratives challenge the entrenched stereotypes in the region, which is often still associated with the notion of "cabra-macho," and contribute to the (re)construction of a performative and transvestite semi-arid, allowing for authentic expression and full existence of transvestites and transgender individuals in this geographical space. The dissertation underscores the importance of visibility and empowerment for these marginalized communities, as well as their capacity for resistance and reinvention in a socially challenging environment.

Key words: Autobiographical-narratives; Transvestites; Semi-arid-Bahia; Cartographies

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Cordel SERTRANSNEJA -----	21
Figura 2- Capa do cordel SERTRANSNEJA-----	22
Figura 3- A-FETA-DA -----	28
Figura 4- Certidão para ser Travesty -----	32
Figura 5- Essa boneca tem manual? -----	33
Figura 6-ISMOS -----	39
Figura 7- Corpo Trans-atuante-----	40
Figura 8- Aterrada -----	42
Figura 9- Do pó me fiz Travesti-----	45
Figura 10- Enterrar JESUS para ressuscitar Núbia -----	47
Figura 11- Nova outra. -----	48
Figura 12- Giros, babados e costuras de mim. -----	52
Figura 13- Embaralhada entre ser homem e ser mulher. -----	57
Figura 14-Carta ilustrada rainha Luna-----	59
Figura 15- A professora -----	62
Figura 16 -----	67
Figura 17- O céu de Deny -----	68
Figura 18- Catarina Paraguaçu. -----	76
Figura 19- TRANS É LÚCIDA, TRANSLOUQUECE. -----	79
Figura 20- PROFESSORA-ARTÍSTA TICO-TICO NO FUBÁ. -----	82
Figura 21- O corpo de uma Travesti é didático e pedagógico. -----	84
Figura 22- A voz da Travesti rompe barreiras -----	86
Figura 23- Cartografia de um corpo Transárido. -----	87
Figura 24- Márcia Cabrita- <i>In memoriam</i> -----	94
Figura 25-Além do corpo que se vê pela janela, ELA. -----	97
Figura 26-Preparação para o espetáculo da vida Travesti.-----	100
Figura 27-Uma Deusa Travesti, que dá vida ao barro. -----	102
Figura 28- Apalhaçaria Travesti-----	104

Figura 29- A cor e a raça da sertaneja. -----	110
Figura 30- Corpo-aquilombado. -----	113
Figura 31- bicha de fé? -----	116
Figura 32- Borboleta do Ser-tão. -----	119
Figura 33- Corpo-pesquisa/pesquisa-corpo. -----	124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA	ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS
CEMEI	CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL
UEFS	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
UNEB	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

SUMÁRIO

TERRITÓRIO, DESTERRITORIALIZAÇÕES, RETERRITORIALIZAÇÕES E CAMINHOS, DEPOIS UM DIÁRIO.	15
TRANS-DIÁRIO: COMO SE NASCE UMA TRAVESTI?	28
TRANS-RELATO-PERFORMÁTICO: DA MORTE À VIDA, JESUS MORREU NÚBIA (RE) NASCEU.	37
TRANS-RELATO-PERFORMÁTICO DE UM CORPO ARTE-BICHA-TRANVESTIR RAINHA JUNINA.	55
TRANS-DIÁRIO: em Trans-se-forma-em-ação no Semiárido baiano.	62
O céu de Deny	68
Do céu abriu-se um rizoma	71
TRANS-RELATO-PERFORMÁTICO DE UMA PROFESSORA QUE É CANTORA E ARTISTA.	76
TRANS-DIÁRIO-POR UM SERTÃO TRANS(E) VIADO.	87
TRANS-RELATO-PERFORMÁTICO ATRAVÉS DO ATO, DO BARRO.	97
TRANS-DIÁRIO-DESCOLONIZANDO A TRAVESTILIDADE NO SEMIÁRIDO BAIANO: reterritorializações a partir das subjetividades e atravessamentos em sexualidade, gênero e questões étnico-raciais de uma Travesti.	106
TRANS-RELATO-PERFORMÁTICO EM FORMAS SUBJETIVAS DE VIVER, NO SERTÃO ADENTRO, HÁ AQUILOMBAMENTOS DE CORPOS DIFERENTES TRAVESTI.	115
ENTRE O PERSONAGEM E A ESCRIVENCIA É QUE SE CRIA-CRIOU AS IMPOSSIBILIDADES E REEXISTENCIA.	120
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICE – A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)..	134
APÊNDICE – B: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	136



A Todas as TRAVESTIS do Sertão Baiano.



TERRITÓRIO, DESTERRITORIALIZAÇÕES, RETERRITORIALIZAÇÕES E CAMINHOS, DEPOIS UM DIÁRIO.

" Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar. Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar. Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar. E a morte, o destino, tudo. Estava fora do lugar, eu VIVO pra consertar. "

(Geraldo Vandré e Théo de Barros/1966).



UM TERRITÓRIO SERTÃO

Início a escrita dessa pesquisa com o trecho da canção "Disparada" de Geraldo Vandré e Théo de Barros (1966), para destacar que muitas das coisas que serão (des)escritas aqui ocorrem em uma região do sertão que, frequentemente, fica em silêncio.

Mas agora é possível falar, escrever, dizer; não iremos mais ver a morte diante dos nossos olhos sem gritar, NÃO! Não aceitaremos ser apenas estatísticas, morrer na tenra idade, na base da facada, da foicada, esartejada ou torturada, só pelo fato de sermos quem somos. E embora nos pareça que só a morte é nosso destino, iremos LUTAR, RESISTIR E VIVER, para falar de nossas histórias, celebrar nossas trajetórias e mostrar que podemos mudar, consertar o sertão e a nação.

Nesses territórios, lugar marcado, caricaturizado como terra de "cabra-macho"? seguiremos em frente de salto alto para ocupar esses e quaisquer outros territórios que antes nos impediam de explorar, por isso se faz necessário desterritorializar.

Permita-me convidá-las/os/es a desbravar os rincões do sertão, em particular a região semiárida da Bahia. Ao transpor o limiar, adentrando o ribeirão e seguindo a trajetória do rio Paraguaçu até o rio Itapicuru, e avançando rumo ao Piemonte-Norte, descortinar-se-á um cenário digno de atenção: uma performática manifestação Travesti. Nessa região, as tradições culturais emergem vívidas e pujantes, permitindo-nos mergulhar em suas raízes e vivenciar suas

singularidades. Imperdível é a chance de experimentar, com os sentidos e a alma, tudo o que esse território tem a nos oferecer.

UM SERTÃO TRAVESTI EXISTE POR AQUI.

Nos caminhos desse sertão aparecem casas características das cidades interioranas, as praças e os lugares que ainda guardam possíveis tradições. Onde mais adentro dos roçados, caatingas, cercas e punhados de cactos e palma, lugares que muitas vezes dizem semiárido para viver.

Existem muitas belezas e formas de vida escondidas na aridez do solo, das pessoas e dos costumes. Algumas dessas formas de vida são Travestis que se apresentam em performances escondidas, mas ainda assim são dignas e vivas. Elas desafiam os limites das margens e florescem, abrocham, padecem e crescem até conseguirem ser vistas. Suas belezas são capazes de colorir o cinza e a aridez do sertão e Transformá-lo em um lugar vivo e colorido.

Eu quero falar desse território, que para muitos é ressequido quando, na verdade há tantas vidas e tantos motivos para pensar que as coisas que fazem parte dele, da geografia à cultura, e tudo que compõe esse lugar, evidenciando assim que o “Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113), então torna-se necessário pensarmos nas produções de sexualidades e gênero que sempre atribuíram ao nordestino.

Não podemos negar que o pensamento, em conjunto com a terra, vai afetando o sujeito e assim vamos fazendo parte, nos compondo e tornando-nos uma coisa só, pois a “A região é também modos de pensar, modos de querer, modos de falar, modos de gostar, modos de preferir, modos de amar, modos de desejar, modos de olhar, de escutar, de cheirar, de sentir sabor e de sentir dor.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 61).

Mas ao passo que evidenciamos esse emaranhado semiárido, também é preciso questioná-lo e problematizá-lo em seus costumes e em suas tradições que tornam conhecidos os sertões, já que os territórios se constituem fascistas, machistas e misóginos, criação do patriarcado a serviço do capitalismo que elege suas preferidas e os seus preferidos, e onde igualmente os que não se “enquadram”, preteridos se tornam, pois “Falar em região é se referir(...)àqueles que não fazem parte dos projetos que deram origem a dado recorte regional.” (IBID., 2008, p. 58).

E nesse recorte, na criação da imagem e da identidade do sertanejo, as feminidades sempre foram preteridas e excluídas. Albuquerque Júnior (2013, p. 151-152), em *Nordestino: invenção do “falo”*, apresenta e deixa bem claro que o nordeste se constituiu em interesses capitais; o patriarcado inventa esse fato, atribuindo a imagem do “cabra-macho”, “cabra-da- peste”, valente por natureza ao nordestino, sertanejo, matuto e brejeiro, sendo assim “O

nordestino será inventado como macho por excelência, a encarnação do falo, para se contrapor a este processo visto como de feminização, pensando como ameaçador, em última instância, para a própria região.”

Embora seja fato que as Transfobias são um problema estrutural ao nível nacional e mundial, não podemos deixar de dizer que essas violências também são geradas pelas micropolíticas e os seus vários tentáculos. Obviamente, uma região que sempre repugnou as manifestações de feminilidades irá contribuir para as violências contra pessoas Trans e Travestis.

Assim, segundo o dossiê de assassinatos e violências contra Travestis e Transexuais, produzido pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais - (ANTRA, 2021), a região nordeste sempre aparece liderando nas pesquisas de violências contra nossa população Trans e Travesti; inclusive essas violências apresentam características que denotam o que sempre foi posto como culturalmente do “cabra-macho” nordestino: armas brancas ou instrumentos da labuta da roça, foice e enxadas.

Diante dessas observações, é possível compreender que a região, enquanto “território, pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem cultural.” (HAESBAERT, 2009, p. 78).

Em contrapartida, ao pensar o conceito de território, reflito que esse, em suas múltiplas relações de poder que atravessam as vidas dissidentes, também produz aberturas e fugas. O território, em seus costumes, tradições, em seus códigos e signos sexuais e de gênero, violentam corpos Trans e Travestis, por exemplo, mas por esses mesmos códigos e signos é possível criar aberturas e novas possibilidades de existência, que por sua vez cria movimentos e desestabilizações ou desterritorializações-reterritorializações, pois “O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir.” (GUATTARI; ROLNICK, 2010, p. 338).



Embora não seja a finalidade desta pesquisa aprofundar-se nos conceitos de território, desterritorialização/reterritorialização, a proposição aqui evidenciada solicita uma reflexão, principalmente através dos autores Deleuze e Guattari, sobre os referidos conceitos.

Já que o território geográfico-cultural-social-sexual aqui discutidos produz atravessamentos aos corpos Travestis, como já foi dito, esse corpo, por sua vez, assume ou produz também seus processos de desterritorialização, entendendo que "O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente "em casa" (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 388).

Assim, a partir do corpo Trans e Travesti como objeto desse estudo, é possível entender que nossos corpos dissidentes e contra-hegemônicos dentro dos signos e elementos culturais do sertão vão se desterritorializando/reterritorializando, abandonando os próprios territórios, destruindo os territórios, Transformando os territórios e produzindo corpos que são novos territórios. Corpos, territórios, se movimentam "de um lado a outro, por linhas de fuga que dão prova da presença, nelas, de movimentos de desterritorialização e reterritorialização" (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 79).

Em suma, uma Travesti se desterritorializa ao fugir das imposições de sexualidade e gênero impostas pela cisnorma, se reterritorializa ao inventar um corpo para si, que não é novo, mas é inventivo, é um corpo Transformado, é performance, embora, na maioria das vezes, nós, mulheres Trans e Travestis, estejamos em uma ordem binária, ainda assim produzimos movimentos e movimentações, quando não pertencemos aos lados cisgêneros, mas às margens.

As margens do sexo, do gênero, do corpo, do território, do espaço, em fugas que buscam outras formas, outras maneiras e possibilidades de ocupar os territórios. Ainda que seja preciso inventá-lo.

É justamente a partir dessas movimentações e movimentos aberrantes, fora da lei, sertanejas Travestis, resultantes de desterritorializações, que vamos emergindo em nossas subjetivas Travestilidades, para (re)construir um território sertão, um ser-tão Travesti, que foge da hostilidade, da Transfobia, do cabra-macho, para compor um território diferente, como um grande sertão que "é dentro da gente" (ROSA, 2006, p. 270).

Assim, nessa dissertação, busquei ir construindo territórios. Território sertão, território Travesti, território educação, território danças juninas, territórios decoloniais, territórios relatos, territórios performances.

Na (re)construção desse território pesquisa-dissertação, parto da minha própria história singular enquanto corpo Travesti e lanço multiplicidades, para que outras narrativas e performances sejam apresentadas.

Os corpos Travestis que aqui se apresentam assumem o seu lugar de corpo-território (MIRANDA, 2020), compreendendo que esse corpo é político, espaço de resistência contra as opressões geradas pelas questões socioculturais, logo as experiências singulares e coletivas

reivindicam a pertença, a existência, a potência. Para produzir outras narrativas, outras literaturas, para dizer de outras formas de vida, vidas marginalizadas, periféricas, mas que sempre existiram, embora raramente ouvidas (VEIGA, 2020, p. 188).

MAPA-RELATO CORDELIZADO QUAL TERRITÓRIO OCUPA MEU CORPO TRAVESTI?



ESSE CORPO TOMBADO MONA?

ESSE CORPO LATANHADO

ESSE CORPO QUE GRITA, ESCAVADO, ESBURAGADO

ESSE CORPO QUE BRILHA MONA?

ESSE CORPO HABITA? ESSE APEDREJADO

ESSE CORPO MADALENA MONA?

ESSE CORPO FETICHE MONA?

ESSE CORPO QUE SÓ SERVE PARA APANHAR MONA?

E ESSE CORPO QUE LUTA MONA?

É O MESMO CORPO QUE MUDA MONA, QUE TRANSFORMA E TU OUVIU DIZER.

ESSE CORPO É MEU NOMA, NÃO FOI NINGUÉM QUE ME DEU, FOI EU MESMA QUE FIZ MONA,

NÃO DEVO FAVOR NEM A DEUS

(Denyse de Almeida dos Santos, 2023.)



CAMINHOS, DESENCONTROS, ESCRITAS E (RE) ESCRITAS.

Para pavimentar os caminhos desse território-pesquisa, tive que compreender, sobretudo, que "A política da escrita deve incluir as contradições, os conflitos, os enigmas e os problemas que restam em aberto." (KASTRUP, 2008b, apud BARROS; KASTRUP, 2014, p. 42).

Abordar e discutir as questões de sexualidade e gênero, assim como as próprias Travestilidades é um campo desafiador. Ao presenciar a amplitude de possibilidades e desdobramentos presentes nessas discussões, tenho a sensação de estar sempre falando do mesmo ponto de partida ou do mesmo ponto de vista.

Sendo assim, entendi que não deveria discutir a sexualidade, o gênero e a Travestilidade de forma unilateral, mas sim em uma Transversalidade que abarcasse a minha própria singularidade como início de uma discussão, de um corpo-território que, embora próprio, possibilita compreender outros corpos-territórios Travestis e com isso provocar outras maneiras de abordar as sexualidades, os gêneros e as Travestilidades no semiárido baiano.

Entendo que embora as violências aos nossos corpos Travestis sejam produção de um mesmo CISTema, a forma como somos atingidas/os é diferente, assim como a maneira que resistimos também é diversa. Nossos processos subjetivos, embora semelhantes, partem de pontos diferentes e estruturas distintas, resultando em performances múltiplas.

Diante disso, o primeiro caminho dessa discussão precisava estar no território, entendendo que a forma singular de performar a Travestilidade no sertão baiano pode ser diferente e apresentar elementos que a diferenciam de outras territorialidades, não só geográficas, mas também culturais e sociais. Essas observações também me fazem compreender que a Travestilidade não é apenas uma categoria ou uma hegemonia, mas sim singularidades que se assemelham em certos pontos e se diferenciam em outros.

As Transfobias e a misoginia estão inseridas de forma acentuada no imaginário popular do Nordeste, na cultura, na imagem e na identidade, perpetuando a ideia de mulheres cisgeneras valentes, onde até a "Paraíba" é masculina. A imposição dos papéis de gênero, impostos a partir da masculinidade compulsória, se faz presente nas músicas, nas teledramaturgias, nos bordões e na própria figura do homem sertanejo.

Diante dessas observações e dos atravessamentos que vivencio a partir do meu corpo demarcado como Travesti, da sociedade fálica, da cultura e dos costumes que ainda preservam elementos que exaltam os modos "de ser feminino e masculino, de ser sertanejo e sertaneja" (VASCONCELOS; VASCONCELOS, 2018, p. 141), é que fui elaborando essa pesquisa, entre território e corpo, e entre corpos e territórios Travesti, entre relatos e performances, entre sertão e ser-tão.

As trocas afetadas, costuram, tecem, abrem e fecham momentos, cenas dos territórios, dos lugares do semiárido baiano, dos corpos Travestilizados, inacabados, em busca de ensaios, relatos e atos em pedaços de vidas.

Na reivindicação desse território-pesquisa, vou inventando, por meio de meus relatos, um lugar sertanejo, um sertão criado por mulheres Travestis, Sertransneja, que clama por viver, ao mesmo tempo que celebra a força e exalta a alegria Travesti. É nesse sentido que as autoras Tertuliana Lustosa e Wescla Vasconcellos (2018) apresentam o cordel a seguir.

Figura 1- Cordel SERTRANSNEJA

SERTRANSNEJA BALAIEIRA

Travesti que é balaieira
 Roda no maracatu
 e resiste com o corpo do balaio
 Na flor do caju

Travesti é ser vivente
 da sobrevida do sertão
 enfrentar ódio indolente
 é mais que aperreio, bala e facão

Foram chamar as trava da peste
 Que é que há se eu vim do nordeste

Figura 2- Capa do cordel SERTRANSNEJA



Fonte: Disponível em PDF: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/matheusa-cordel-sertransneja.pdf>

Entre relatos, trocas, rodas, territórios, no semiárido baiano, Trans e Travestis, por relatos, performances vindas de Bonfinenses, Juazeirenses, Feireises do ser-tão sertão Travesti.

Como que em voo, do carcará que encara a vida e faz desafios no ar, sob a luz solar que tocam Transnejas, cada uma com sua forma performance de voar, querendo a imensidão da

luta, do respeito e da equidade alcançar e assim entre paisagens e sensações, performances e relatos que partem das experiências, que viajam e tocam para além da própria pesquisa, tornando-se coletiva e não escondendo-se ou evocando-se apenas pelo pesquisador. (Barros; Kastrup, 2015, p.73), vamos desvendando nós mesmas.

Para tal, a escolha da metodologia qualitativa proporcionou uma compreensão profunda das experiências e vivências das nossas mulheridades Trans e Travestis no semiárido baiano. Por meio das entrevistas, observações participantes e análise de conteúdo, pude capturar nuances e detalhes essenciais para uma compreensão holística das narrativas performáticas.

Já a abordagem cartográfica permitiu a elaboração de mapas simbólicos, representando os territórios físicos e emocionais que essas performances exploram. Os mapas, além de auxiliarem na visualização geográfica dos relatos, também destacaram a diversidade e complexidade das identidades presentes nas performances.

Ao cartografar os relatos performáticos através dos nossos corpos-territórios Travestis, nós conseguimos abrir fronteiras estabelecidas pela cisnorma, mostrando assim, outros territórios de existência e resistência que vão além da mera função representativa. Sentimos a necessidade de escavar espaços menos estáveis, campos mais fluídos, que se localizam por debaixo da representação ou por entre ela, como bem disse MALUF (2015, p. 238).

Ao analisar nossas experiências Travestis, percebemos as complexidades singulares que envolvem cada uma de nós. As (re)descobertas e outras formas de performar a Travestilidade nos permitem transformar nossa própria realidade e a realidade ao nosso redor.

No entanto, não podemos ignorar as violências e dores que atravessam constantemente nossos corpos Travestis. Apesar de também denunciarmos a Transfobia nesta dissertação, nosso objetivo principal é celebrar a vida Travesti. Por isso, abracei a sociopoética como uma forma de permitir que, nos momentos de dor, a poesia invadissem e reescrevesse nossas narrativas. A sociopoética nos possibilita contar nossas histórias de maneira "TRANS-FORMA-DORAS", transformando nossas dores em algo semelhante a "confetos", uma mistura de "conceitos com afetos" (GAUTHIER, 2019, p. 236).

Desse modo, buscando registrar minhas experiências e processos subjetivos, vou narrando esses eventos em "Trans-diários". Ao mesmo tempo, as outras participantes assumem seus "Relatos-performáticos". Dessa forma, tanto os "Trans-diários" quanto os "Relatos-performáticos" se entrelaçam em uma teia única e significativa, revelando quem somos e expressando nossas vivências.

Mapa-relato cordelizado de uma PERFORMANCE NO SER-TÃO TRAVESTY

**No universo cartográfico,
Onde corpos-territórios se
entrelaçam,**

**Vivências Travestis, um tesouro,
Fronteiras cisnormativas se
desfazem.**

**Entre poesia e denúncia,
No cordel da Travestilidade,
Narramos com voz e consistência,
As dores e a resistência com
verdade.**

**Abraçamos a sociopoética,
Para reescrever nossos relatos,
Transformando dor em estética,
Nossas histórias ecoam como
acalantos.**

**Nos "Trans-diários" a registrar,
Cada experiência subjetiva,
E nos "Relatos-performáticos" a
bailar,**

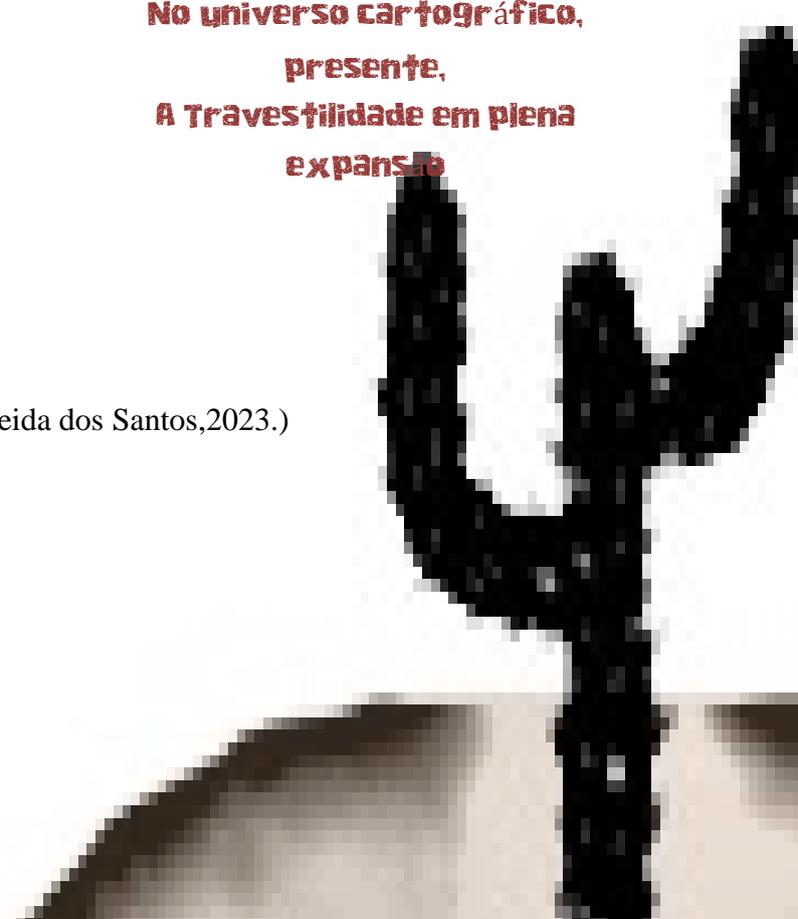
**Expressões singulares e cativas.
Celebramos a vida Travesti,
No mapa do amor e do
enfrentamento,**

**Nossos corpos-territórios
florescem
Quebrando tabus e preconceitos,
Revelando territórios
inexplorados,
No cordel cartográfico, sujeitos
perfeitos,**

**Traçamos novos caminhos
ousados**

**Assim, nessa jornada resistente,
Seguimos com arte e emoção,
No universo cartográfico,
presente,
A Travestilidade em plena
expansão**

(Denyse de Almeida dos Santos, 2023.)





MAPEANDO TRANS-DIÁRIOS E RELATOS-PERFORMÁTICOS.

Trans-diário: Como se nasce uma Travesti? Vou narrar a minha história através da personagem Deny, me colocando como uma personagem não fictícia conceitual. Saindo de mim, relatarei minha infância e a trajetória que percorri para me (re)nascer Travesti. Contarei sobre aventuras no guarda-roupa, chaves e espelhos, e a influência da casa da minha avó, que foram germinando a performance Travesti desde a concepção. A personagem de mim mesma vai se construindo até o momento do parto.

Em seguida, apresento o primeiro **Trans-relato-performático**: protagonizado por Núbia Kalúmbi, que relata sua trajetória subjetiva e seu processo de se tornar uma Travesti. Ela teve que matar o "jesus" em si mesma, deixando para trás sua antiga forma de existir, para (re)surgir como uma Travesti viva e autêntica no semiárido.

No segundo **Trans-diário: A rainha de pau e a construção da subjetividade travesti na arte e cultura das quadrilhas juninas estilizadas de Senhor do Bonfim-BA**: explorarei a presença das travestis como rainhas das quadrilhas juninas no semiárido baiano. Mostrarei como essas performances têm quebrado tradições binárias dos pares e diversificado as apresentações com sujeitos bichas, travestis, afeminadas e outras performances.

Trans-relato-performático de Luna Tavares, rainha G da quadrilha Junina Atrevida, revelará o processo de criação e montagem de sua personagem. Luna está em um processo de reconhecimento e seus relatos trazem ensinamentos e reflexões que quebram fronteiras entre o comum masculino/feminino.

No terceiro **Trans-diário: Trans-se-forma-em-ação no semiárido**: apresentarei minha trajetória acadêmica pela personagem Deny. Mostrarei como a escola e a formação educacional ainda geram violência para os corpos Trans e Travestis, mas também destacarei as oportunidades de fuga e a importância de ocuparmos esses espaços. Desde a educação básica até a pós-graduação, trilharei um caminho de reflexões por uma educação aberta a diferentes identidades de gênero.

O **Trans-relato-performático** de Catarina Paraguaçu (Guell Cadillac), professora, estudante de filosofia e militante, relatará seu processo educacional e as estratégias

para resistir ao ambiente acadêmico. Catarina desafia estereótipos e preconceitos, lutando pela inclusão LGBTQIA+ na educação enquanto usa a arte para empoderar a Travestilidade.

Em **"Trans-áridas: Um Ser-tão Trans(e) Viado"**, analisarei o impacto das personagens Bichas e Travestis do semiárido baiano em minha construção subjetiva. Descreverei corpos-territórios que desafiaram normas de sexualidade e gênero nas décadas de 80, 90 e 2000, como o grupo de teatro Mut'art, composto exclusivamente por gays e travestis, que possibilitou a expressão de outras performances de gênero na região.

No **Trans-relato-performático "Através do ato, do barro"**, Jakeliny Muricy, Mulher Travesti, ceramista e atriz, narrará suas experiências como artista no sertão baiano desde os anos 80 até os dias atuais. Ela mostrará como a arte tem sido uma forma de resistência contra as violências enfrentadas pelos corpos Travestis.

Por fim, em **"Trans-Diário: Descolonizando a Travestilidade no semiárido baiano"**, narrarei a partir do meu corpo-território negro outras possibilidades de aquilombamentos, reconhecendo-o como espaço de luta contra a transfobia e o racismo. Destacarei a importância de incluir nas discussões de raça os campos que discutem gênero e Travestilidade, libertando-nos das produções coloniais e buscando uma identidade livre de amarras cisgêneras.

Assim, essa pesquisa vai além de apenas contar histórias de vidas ou lugares, sendo uma experiência de afetamentos e afetações, desbravando o próprio "ser-tão" e compreendendo a Travestilidade em suas diversas formas de viver no sertão adentro.

Tomo este lugar do semiárido do sertão baiano como já mencionado anteriormente, pois ele se faz em nós e faz parte de mim. É dito que "Os olhos no sertão fazem viver o sertão, fazem falar seus sujeitos que se tornam protagonistas. Isso não vai salvar nenhuma história, mas possibilita a inferência de novos caminhos e lugares sociais." (VEIGA, 2020, p. 208).

Nossas vidas, nossos corpos, as Travestis em movimento percorrem as quebradas do semiárido baiano, em conjunto com o lugar que reivindica sua parcela de existência, cravada na terra, no roçado, nas plantações, na fauna e na flora, na estiagem ou na chuva e, posteriormente, na colheita, na dança, na zona urbana ou na zona rural - em tudo que constitui o nosso "corpo-território", Trans-áridas.

Mapa relato-CORDELIZado

No semiárido baiano, um cordel vou
contar,
Das Travestis e seus relatos, um jeito
de se expressar.
Trans-diários e performáticos, histórias
a revelar,
Das lutas e resistências, no sertão a se
encontrar.

Deny, a personagem real, se (re) nasceu
travesti,
Guardou aventuras no guarda-roupa,
espelhos a sorrir.
A casa da avó germinou a performance a
existir,
Até que de si mesma, travesti se parir.

Núbia Kalúmbi, um exemplo a se seguir,
Maçou o "Jesus" do passado, para a vida
reviver.
No semiárido, renasceu em corpo vivo a
surgir,

Trans-relato-performático, sua história
a traduzir.
As quadrilhas juninas ganham nova
configuração,
Travestis rainhas brilham com ousadia e
emoção.
Trans-diário de Luna Tavares, sua
criação,

Quebra fronteiras do masculino e
feminino, numa só canção.

No mundo acadêmico, Deny enfrenta
desafios a superar,
Violências e oportunidades, sua
trajetória a trilhar.

Catarina Paraguaçu, com arte, luta por
se libertar,
Inclusão e empoderamento,
travestilidade a exaltar.
Trans-áridas, um Ser-tão que desafia a
opressão,
Mut-art, teatro inclusivo, diversidade
em ação.

Jakeliny Muricy, ceramista de
expressão,

Sobrevivendo ao sertão, arte como
salvação.

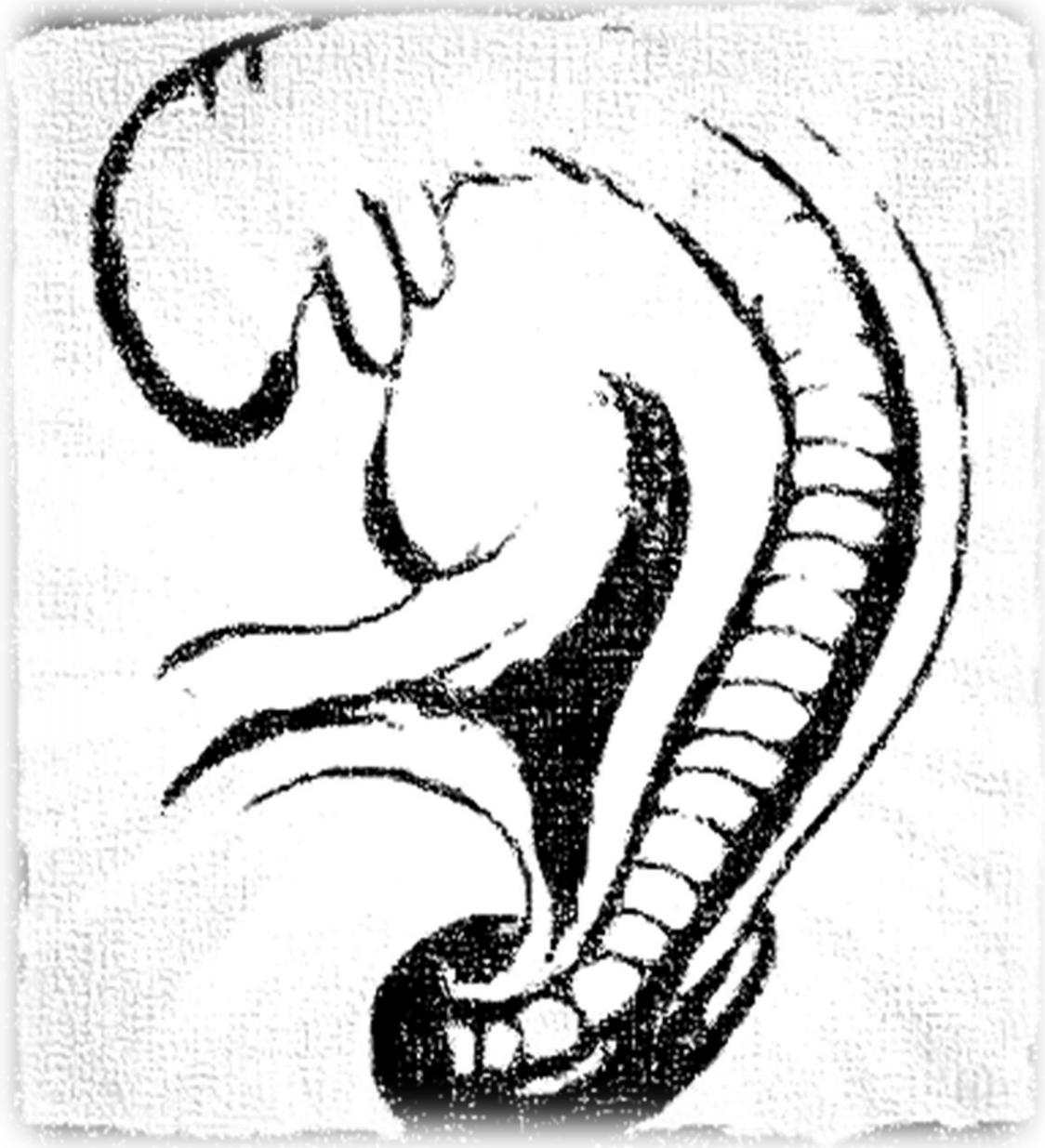
Assim termino este cordel, histórias a
partilhar,
Trans-diários e performáticos, o sertão
a iluminar.
Das travestis e suas vivências, um canto
a ecoar,
No semiárido baiano, identidades a
abraçar.

(Denyse de Almeida dos Santos, 2023.)



TRANS-DIÁRIO: COMO SE NASCE UMA TRAVESTI?

Figura 3- A-FETA-DA



Fonte: Ilustração digital de Denyse A. dos Santos, 2022, para compor essa dissertação.

Como nasci uma Travesti biológica? neste capítulo, apresentarei o processo de nascimento da minha Travestilidade, destacando como os elementos e influências do meio se conectam ao meu desenvolvimento subjetivo e à minha Transformação.

Nessa experiência, surge uma abordagem filosófica singular, na qual a "filosofia, ao avaliar valores, cria perspectivas sobre a vida, possibilidades de existência e formas de viver [...]" (TRINDADE, 2017).

Essa apresentação ocorre através de um relato autobiográfico, porém, crio uma personagem que, apesar de ser real, também é conceitual. Um "personagem conceitual" não é uma representação abstrata, símbolo ou alegoria, pois é vivo e persistente (DAMASCENO, 2015, p. 140).

Ao percorrer esse território, os filósofos Deleuze e Guattari nos falam que tanto a literatura quanto a filosofia não se limitam à reflexão, mas também têm o poder de criar. "O destino do filósofo é se transformar em seu ou seus personagens conceituais, ao mesmo tempo em que esses personagens se tornam ele mesmo, algo diferente de suas histórias, mitos ou aparências comuns" (DELEUZE e GUATTARI, 2010: 85).

Deny, como personagem de sua própria jornada Travesti, assume os relatos e performances de uma fronteira que vaza, se multiplica e se conecta com as margens e marginalidades. A narradora observa e narra o que vê, mas não impõe uma conclusão, deixando os devires abertos, fluindo a cada novo passo, narrado e reterritorializado.

A Denyse que narra talvez compreenda mais sobre a personagem **Deny**, já que a antecedeu e experimentou o nascimento de cada aspecto da criação da personagem.

Contudo, a personagem é livre, experimenta a liberdade e busca momentos em que a narradora seja afetada, libertando-se, colocando em prática o que buscou, desterritorializando-se e fluindo para outras situações.

No plano de imanência, o território é o sertão, onde ela encontra brechas, buscando fugas das verdades estabelecidas que lhe foram impostas. Como personagem, não apenas mostra sua vida, mas vive o (im)possível na eterna alternância entre o utópico e o real, onde tudo se mistura, pois o que aparentemente não existe é a pura (re)existência.

Assim, ao entrelaçar fatos, acontecimentos, fugas e devires da experiência Travesti, outras personagens também emergem conceitualmente em relatos performáticos, assumindo um protagonismo que "não foge, ao contrário, faz fugir; [...] não domina o caos, mas também não se submete a ele. Seu único critério é a intensificação da vida! Por isso, o filósofo está sempre grávido do personagem conceitual [...]" (TRINDADE, 2017).



Mapa-relato-cordelizado Autora e personagem da minha vida.

**Ele se foi ela apareceu
Alguma coisa se perdeu?
Talvez o que não foi dito**

Além das palavras

Elas voltam,

num ensaio

num teatro

Nessa tentativa

dissertativa.

Às vezes áridas. Mas

sempre cheia de vida

Ela e as palavra e mais

Reescritas, atuante,

atuando

Em imagens e (in) verdades

Que causam chuvas,

inundações

Que racham

Fogem e voltam pois

Precisam ser ditas

Exprimidas

Experimentadas

Elas são a minha própria

VIDA.

E eu? A autora e a

personagem da minha própria

história.

(Denyse de Almeida dos Santos, 2022)

A história de **Deny** é marcada por uma trajetória singular como Travesti. Ela não nasceu, foi parida no choro, no grito, na dor, no sangue que lavou o seu corpo. **Deny** é aquela que foi desfeita e refeita, mas jamais feita para morrer ou apanhar. Pelo contrário, está aqui para se (re)fazer, para questionar e provar que também é uma pessoa, uma Travesti com sua própria biologia.

O corpo de **Deny** é como uma máquina, uma tela em branco que pode ser reconstruída e transformada em um novo território corporal, livre das amarras das noções tradicionais de sexo e gênero. Ela é como um feto, afetado e desmontável, capaz de se reerguer e se redefinir de todas as maneiras possíveis.

Desde o (re)nascimento até a sua morte, a vida de **Deny** é atravessada por inúmeras batalhas. A convivência familiar, por vezes hostil, lhe trouxe violências desde a infância, mesmo antes de se tornar a Travesti que é hoje. Nascida no litoral, na capital Salvador, nos finais dos anos 90, logo na primeira semana de vida, foi adotada pela família do seu genitor biológico, tendo sua tia assumido o papel de mãe.

Antes mesmo de chegar ao mundo, a vida de **Deny** já estava sendo decidida, com acordos entre as famílias "materna" e "paterna". As expectativas em torno do seu sexo/gênero eram enormes, como se isso fosse o que realmente importasse. Infelizmente, a sociedade insiste em classificar as existências com base nas normas pré-estabelecidas de gênero e sexualidade (NEIL, 2009, p. 21).

A jornada de **Deny** foi se fazendo em desafios constantes. Ela vivenciou inúmeras desterritorializações, sempre em busca de sua performane e sobretudo liberdade.

As histórias de **Deny** e suas desconstruções vai se constituindo com coragem e resistência ao compartilhar sua jornada, **Deny** espera promover a reflexão sobre a importância da diversidade e da desconstrução das expectativas de gênero. Somente assim, poderemos caminhar em direção a uma sociedade verdadeiramente acolhedora e plural.

Figura 4- Certidão para ser Travesty

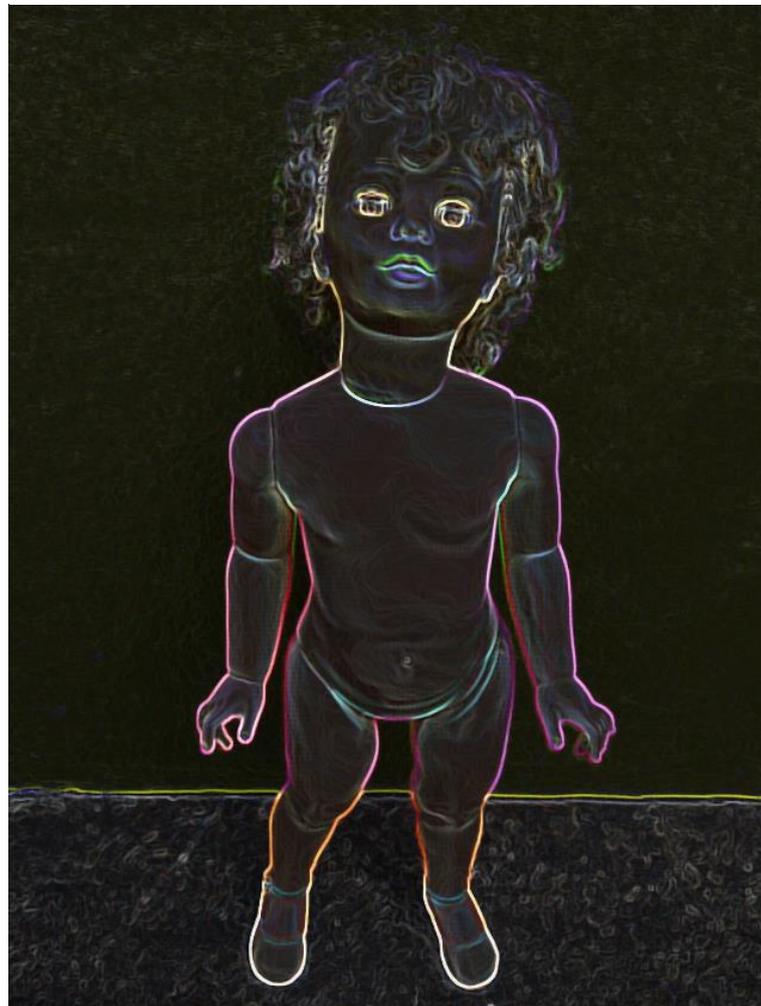


Fonte: Poema ilustrado de Denyse de Almeida dos Santos e Jeferson de Lima Feitosa, 2023, feito para compor essa dissertação.

É na cidade de Senhor do Bonfim, interior da Bahia que ocorre o genuíno nascimento de **Deny**. Sua relação familiar se espalha como linhas e multiplicidades que afetam o território da família, causando (des)encontros e (des)estruturações. Desde a infância, os devires já se manifestavam em **Deny**, em um universo colorido, com laços, cores de rosa, bonecas e todos os elementos ainda entendidos como femininos.

Deny preferia brincar com suas primas, tomando chá das cinco na varanda da casa de sua avó, feito com folhas de seriguela. Ela destruía seus bonecos para criar suas próprias bonecas, roubava cabeças de Barbie e vestidos da boneca Sussy, rasgava pedaços de tecido e os transformava em travestis vestindo-os com os trajes de Batman e Homem-Aranha. Quando finalmente suas primas lhe cediam as bonecas, **Deny** se alegrava.

Figura 5- Essa boneca tem manual?



Fonte: <https://www.retrostoreleiloes.com.br/peca.asp?ID=14176452>, Imagem editada para compor a estética dessa dissertação.

Conforme as brincadeiras evoluíam, ela sentia à vontade de experimentar em si mesma o que fazia com seus bonecos. Então, ela começou a se pintar, se borrar e se destruir, sendo um verdadeiro (re)nascimento.

Isso a deixava confusa, a ponto de sentir dor. Ela furou suas orelhas pela primeira vez, assustada com o furo na cartilagem, mas encantada com brincos velhos de acrílico que encontrou no porta-trecos de sua avó e colocou nas orelhas, fazendo o sangue pingar e deixar marcas no piso da sala.

Deny já produzia em seu corpo um "conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos" (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Nas tardes quentes do semiárido baiano, na casa da Avenida Morgado, os espelhos espalhados pelo corredor comprido e estreito chamavam a atenção de **Deny**. Em frente a um desses espelhos, ela sempre olhava para um guarda-roupas de madeira no quarto de sua avó, cujos arabescos em alto relevo lhe causavam uma espécie de medo inexplicável.

As chaves douradas penduradas no guarda-roupa convidavam **Deny** a explorá-lo, encontrando roupas, acessórios, maquiagens e sapatos. Assim, ela se montava, via-se estranha, mas livre, em uma pele que habitava, aberrante, mas gostava do que via ao se olhar no espelho, reconhecendo-se aos onze anos.

No entanto, **Deny** frequentemente era interrompida enquanto experimentava o guarda-roupa, ouvindo passos vindos do corredor. Ela rapidamente se despia, voltando à pele que já lhe era familiar. Era necessário esse esforço, pois "no 'armário-travesti' não se trata apenas de esconder sua homossexualidade, mas sim de esconder estrategicamente sua travestilidade" (DUQUE, 2009, p. 139).

As punições ao ser descoberta "querendo ser mulher" iam desde castigos verbais até agressões físicas, levando **Deny** a se isolar na obscuridade da normatividade corporal.

Os bullying vindos por parte de colegas e primos também eram recorrentes. Ela era frequentemente chamada de "veadinho", "mulherzinha" e "travesti". Isso não a incomodava, mas tinha receio de que sua família presenciasse tais situações, pois já compreendia que a real preocupação de sua família não era em relação à sua sexualidade, mas sim à sua identidade de gênero. Poderia até ser gay, mas vestir saias jamais.

Nesta perspectiva, a montagem estratégica também pode ser vista como forma de se manipular os efeitos da vergonha e do estigma ligados às práticas sexuais, afinal, os sujeitos correspondem a uma lógica parecida com a do "armário", desmontando-se e abandonando temporariamente a identidade travesti, permitindo a passagem de

uma condição estigmatizante, para de no máximo, vergonhosa, enquanto meninos discretos, mesmo efeminados, que fazem sexo com meninos. Afinal, parece ser mais comum aos que assumem gays serem mais aceitos enquanto “normais”, do mesmo modo como heterossexuais, do que as que se identificam como travestis. (DUQUE, 2009, p. 142).

Na adolescência, **Deny** se envolveu com a arte e cultura de sua cidade, integrando grupos de teatro, dança e bandas de fanfarra. Essas atividades contribuíram para que ela pudesse encontrar formas de se expressar e, aos poucos, iniciar sua transição de gênero. Embora ainda não fizesse uso de hormônios ou realizasse cirurgias de feminização, ela já era vista por seus colegas como uma mulher Trans/Travesti, mas ela fazia questão de afirmar sua identidade como Travesti.

Nesse momento, **Deny** não sentia a necessidade de fazer alterações corporais invasivas, mesmo que algumas de suas amigas travestis afirmassem que era necessário colocar silicone para obter um corpo "perfeito" e passável, a fim de evitar constrangimentos em lugares públicos. Entendia que sua Travestilidade era única, uma forma de arte e um estado de espírito, uma jornada que se construía passo a passo, sem destino predeterminado.

Durante as peças teatrais e apresentações de dança, **Deny** se permitia encarnar sua própria personagem, deixando-a tomar conta de seu corpo e criando sua própria subjetividade, transformando-se gradualmente em uma versão transfigurada de si mesma. Essa metamorfose se estendia para todas as esferas de sua vida, na escola, na rua, em casa, com seus amigos e seus amores. Conforme Louro (2004) expressa, **Deny** estava sempre buscando novos lugares para se alojar e se movimentar.

Falando em amores, **Deny** enfrentou desafios, pois os homens heterossexuais da cidade não aceitavam sua afetividade. Preferiam vê-la como uma pessoa gay, mantendo sua identidade travesti oculta, como se ser travesti a tornasse menos digna de receber afeto além do fetiche. Esse tipo de recusa e intolerância provém da ignorância da sociedade em relação aos processos de travestilidades (DUQUE, 2009).

Apesar das rejeições afetivas, familiares e sociais, **Deny** perseverou em sua busca pela afirmação e autoinvenção (GUATARRI; ROLNIK, 1996). Desde cedo, ela enfrentou as dificuldades inerentes ao (re)nascimento travesti, agindo com coragem ao assumir seus desejos e mergulhar em uma constante jornada de autoconhecimento. Entre abrir e fechar o guarda-roupas de sua avó e da vida, experimentava seu próprio devir, manifestando-se de dentro para fora, com teatro, dança e protestos, um corpo notável e notório de travesti.

Ela não nasceu outra pessoa, mas sim se reconstruiu como se desejava ser. Não escondia sua Travestilidade, pois para ela, ser travesti exigia ainda mais coragem e experimentação do

que se tornar mulher. A vivência travesti é uma jornada de atos performativos e subversivos que se entrelaçam, enquanto outras formas de feminilidade também podem ser vividas (LONGARAY; RIBEIRO, 2016).

Assim, nascer é um processo contínuo e ser travesti é mais do que uma escolha, é um constante devir, uma vivência genuína de (re)nascimento, onde a existência sempre busca novos caminhos, novas formas e maneiras de ser quem é: uma travesti.

Entre estigmas, dogmas, culturas e territórios que se perfazem e imprimem seus substratos nos sujeitos, como uma força em constante movimento, sempre buscando novos lugares, outras espécies, outros sóis para germinar.

Experimentar a Travestilidade no sertão apresenta ainda mais desafios, que nos colocam à margem do que já é considerado margem. No entanto, é justamente por meio dessas experiências que podemos nos reinventar e trilhar outros espaços. Ser travesti é vivenciar atravessamentos, e apesar de parecer apenas lamentos, na verdade, é um ato de desafiar, quebrar as fronteiras e, quando a travesti desafia, ela cria e recria tantas outras possibilidades.



O DEVIR, O (RE) NASCIMENTO TRAVESTI NO SEU LUGAR.

**Na multiplicidade de papeis de gênero, menos importa esse
território**

Quero MOVIMENTOS contínuos sem mistérios

Em SER um estado variado, fluido, sem limites

NÃO, entenda minha diferença

NÃO, quero respeito.



TRANS-RELATO-PERFORMÁTICO: DA MORTE À VIDA, JESUS MORREU NÚBIA (RE) NASCEU.

GENÁRIO DE ENCONTRO

Numa tarde de sol
escaldante, no sertão
árido do Nordeste
querido,
Deny, uma pesquisadora
trans sertaneja,
caminhava com
destemor,
Em busca de
conhecimento e
respeito, desafiando
qualquer temor.
Com sua bata colorida e
olhar curioso, ela
explorava a região,
Estudando a cultura e a
vida, escrevendo com
dedicação. Mas, um
encontro peculiar estava
por acontecer, Que
mudaria seus horizontes,
fazendo-a compreender.
Nesse chão de desafios,
histórias se entrelaçam,
Núbia Kalumbi, travesti
divina, os céus abraçam,
Ela fora crucificada,
como outrora o
Salvador,
Mas sua ressurreição
seguiu outro labor.
Núbia Kalumbi, uma
travesti de história
misteriosa e singular,

Dizia-se ser Jesus,
crucificada, mas que não
deixou de lutar,
Renascendo não ao
terceiro dia, mas do chão
rachado da opressão,
Erguendo-se como uma
flor resistente,
enfrentando a
discriminação.
E foi numa praça antiga,
onde a história se
encontraria, Deny e
Núbia Kalumbi, em
meio àquela poeira e
magia. Deny percebeu a
aura de força que
envolvia Núbia com
esplendor, Enxergou a
jornada de luta e
aceitação, que era o seu
valor.
Núbia, com olhos cheios
de esperança, sorriu com
serenidade, E contou a
sua trajetória, marcada
por dor e bravura na
sociedade. Descreveu
como renasceu das cinzas
do preconceito, como
uma fênix audaz, E
mostrou que sua
verdadeira ressurreição

estava em ser quem é de
paz.
O semiárido baiano ao
fundo, com seu calor
intenso e chão rachado,
Mas também com flores
resilientes, que nunca
desistem do seu legado.
E naquele momento,
uma chuva fina começou
a cair do céu, Como
lágrimas de alegria,
lavando a terra e
celebrando o encontro
mais que cruel.
Deny e Núbia, unidas
pelo destino e pelo
desejo de compreender,
Aprenderam lições de
coragem e amor, que
jamais iriam esquecer. E
no sertão, onde o
machismo e a seca
tentam sufocar a voz,
Floresce uma amizade
que desafia as
adversidades, brilhando
feroz.
Assim, o encontro
improvável de duas almas
tão distintas e iguais, No
sertão semiárido do
Nordeste, onde a vida é
uma luta.

Contemplar as Travestilidades, modos sensíveis e potentes, por entre territórios do semiárido do sertão, eis que, de toda sorte, brotam mudanças latentes, em narrativas de viver e existir, uma profusão. Pelas bandos de cá, desabrocham performances como flores no árido solo singulares e plurais que tece uma desfigurada identidade em múltiplos (des)equilíbrios onde a diversidade alça voo em vozes audazes.

No encontro com o outro, rompem-se as amarras e a travessia ressignifica os conceitos prévios a poesia das Travestilidades desvela novas paragens onde o amor é liberdade e os preconceitos, esquivos em consonância com a força da natureza sertaneja a riqueza da pluralidade é semente em florir em cada verso, a voz ecoa, plena e sobranceja num canto que celebra o direito de existir.

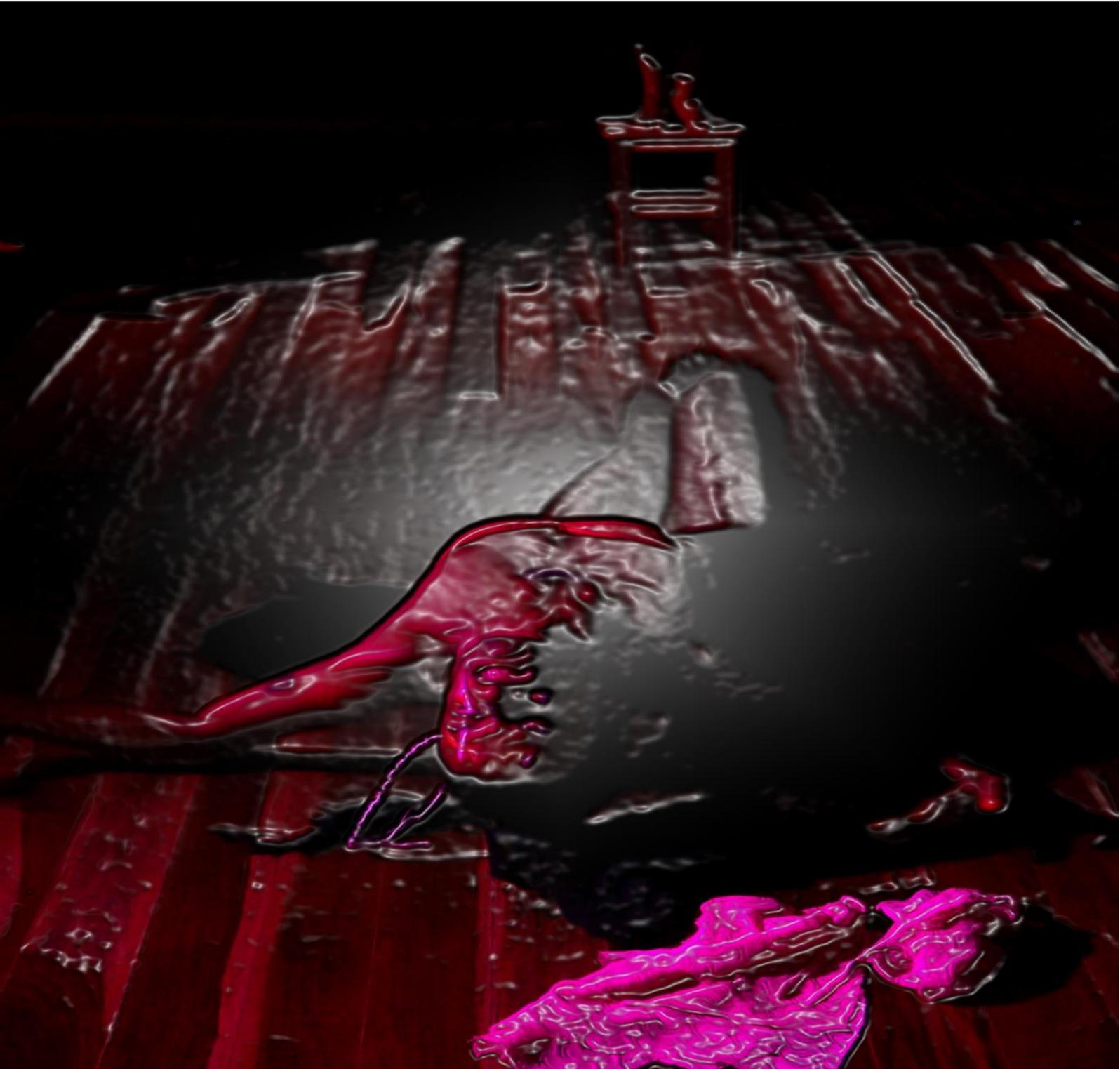
Na esteira do vento, o sertão se revela palco de metamorfoses, onde identidades se mesclam e se reconfiguram, em um ballet poético que celebra a liberdade de ser. A poeira levantada pelos passos audaciosos carrega consigo a escrita de um novo enredo, escrito por mãos corajosas que teimam em quebrar as convenções impostas.

Assim, as Travestilidades reverberam no chão ressequido, regando a esperança de um amanhã mais inclusivo e acolhedor. Na melodia do canto sertanejo, ecoam vozes antes sufocadas, ecoando a riqueza da diversidade que percorre o vasto sertão.

“Embora não se pense o interior da Bahia, né? Tão marcado ainda por esses ‘cabra da peste’ por essa imagem masculina, essas figuras como era os cangaceiros, né? Essas narrativas de uma masculinidade provedora de certo modo violentas e sempre extremamente dura e rígida, ranzinza faz com minha experiência nesse território seja traumática, mas a gente precisa falar e não aceitar, pois aqui também é nosso por direito” (Fala de Núbia Calúmbi, cedida a entrevista no dia 18/07/2022).²

² Optamos pela fonte Tempus Sans ITC e **Cordel encarnado**, nos trechos das entrevistas, títulos e poemas por motivos estéticos.

Figura 6-ISMOS



Fonte: Imagem de arquivo pessoal, da atriz Núbia Kalúmbi no espetáculo ISMOS. Essa imagem foi reeditada com conceito de xilogravura para compor a estética dessa dissertação.

Na peleja sertaneja, um ser singular, Travesti floresce, mas não sai do lugar, como chuva ao cair num solo esturricado amolece, refaz-se, do estigma libertado.

No seio do "cabra da peste" insurgem-se, Travestis falando, quebrando correntes estigmas, ainda presentes, porém a mudar, por isso Núbia Kalúmbi vem nos mostrar.

Negra mulher Travesti, alma resiliente, estuda teatro, seu espírito inteligente a Universidade do Estado da Bahia a acolher, Campus VII, em Bonfim, para florescer.

Em sua pele corajosa, machismos são sinais, mas sua performance é de corpos reais e convida-nos a cavar, a enterrar preconceitos, em solo sertanejo, desabrocha conceitos no chão duro, rachaduras ela faz surgir, para nascer, renascer, sua essência aflorar.

No palco da vida, sua identidade redefinir Travesti sertaneja, a liberdade a bailar com arte e coragem, rompe correntes, em um mundo que clama por novas mentes, Núbia Kalúmbi, estrela de luz brilhante, na poesia da vida, sua voz ecoante abraça o sertão, com ousadia e amor,

Transformando, encantando, ser autêntico é valor.

No palco da existência, de braços abertos, ela mostra ao mundo que ser livre é ser certo de mãos dadas, caminhemos sem temor, despertando em cada peito o calor que a arte de Núbia Kalúmbi ecoe e inspire, um mundo de respeito.

Que o chão sertanejo floresça em união da diversidade, da diferença que a poesia da vida seja a canção e a Travesti sertaneja, um símbolo de evolução.

Figura 7- Corpo Trans-atuante



Fonte: Arquivo pessoal performance Ismos, Núbia Kalúmbi, 2019. Essa imagem foi reeditada em estética de xilogravura para compor essa dissertação.

Numa terra sertaneja, distante e austera onde a morte se apresenta, a "Aterrada"³ que se espera com som de violino triste, acordes nordestinos a tocar, cavando a sepultura, gênero e sexualidade quer enterrar.

Pedras são seus instrumentos, cavando o outro sem piedade, enquanto (re)nasce da terra, em si mesma, sem maldade, "Jesus" está aqui, não crucificado, mas agora descansará no sertão onde orações dos sertanejos não de rogar.

Para renascer em carne e sangue, nasce Núbia Kalúmbi no ar a terra parece seca, rachada mas fértil para germinar Travesti brota do solo, como flor de esperança no chão em meio a desentendimentos, floresce a revolução.

Ao leito da morte, perguntam sobre o que já se foi, mas o outro, o antigo, não mais existe, se desfaz num só nas trilhas do tempo, o passado se dilui como areia ao vento e a vida segue em frente, buscando amor e contentamento.

Oh, morte que dá à vida, enigmática e (in)compreendida és como o sertão, seco e árido, mas cheio de vida escondida, Núbia Kalúmbi ressurge, símbolo de resistência e verdade, mostrando ao mundo que a diversidade é a nossa maior riqueza de fato.

Que os preconceitos do passado se enterrem na história e que a aceitação e o respeito floresçam em toda a memória que o som do violino triste se transforme em alegria e união e que a terra do sertão seja regada com amor e compreensão.



Quem está vivo? JESUS? Nenhum dos dois meus irmãos. Com certeza nenhum dos dois. Morreu de quê? ISSO é o que nós nunca vamos saber. Eu ouvindo-a em seu nome. Nos doze anúncios do fim. (Núbia Kalúmbi, performance audiovisual "Aterrada", 2022.).

³ Obra audiovisual criada por Núbia Kalúmbi em 2022, a partir do curso de licenciatura em teatro da Universidade do Estado da Bahia-UNEB-Campus VII,

Figura 8- Aterrada



Fonte: Captura da obra audiovisual “Aterrada” de Núbia Kalúmbi, 2022.

No sertão, um dilema se apresenta, corpos pedem socorro, a dor arrebenta, Travestis, santificados, ensanguentados, clamam por justiça, pelos pecados?

"Matem Jesus!", bradam em agonia, sofrimento profundo, na terra da estadia, às seis horas de joelhos no chão batem, buscam reviver história e vidas ressurgem.

Das entranhas da terra, uma chama renascida, Travesti ergue-se forte de alma colorida, Jesus em seu ser, reinventada vida, mas querem vê-la morta, ferida, esquecida.

Corpos almejam liberdade, novos voos, mas o mundo se fecha, ódio em desdobro, importa o corpo, não a alma que germina, a nova vi(n)da é negada, sofrimento domina.

Percorrem desertos, enfrentam agrura, resistem, resilientes, em busca de ternura, Oh, sertão, revele a luz que alumia, respeite a Travesti que é do teu lugar.

Que a aurora chegue, trazendo um novo dia, Onde todos sejam livres, em plena sintonia, na luta pela vida, amor sempre em voga, no sertão, na cidade, um mundo que se interliga.



Ele estava morto. Antes mesmo do ato final. Mas não foi visto. Estranhamente olhas como os teus tão minuciosos. Dançando em seus olhos que novidade é isso? Onde está o corpo? Onde está o corpo? De tanto que me perguntarem onde está o seu corpo, às vezes esqueço até que eu existo. Sou eu assassino? A criminosa que o ceifou? Pois a ti exigem vida mesmo morto e a minha exigem morte, mesmo viva. (Núbia Kalúmbi, “Aterrada”, 2022).

No sertão da diversidade, um dilema se abraia, parecem confundidos sem saber como agir, será que se incomodam com nossa identidade, ou só por sermos Travestis, querem nos reprimir?

Não nos deixam viver, querem nos controlar, determinam o que fazer, com nosso próprio ser, mas já percebemos, não é nosso o pesar, pertence a eles, tão cis-temáticos, a nos dizer.

Nas tramas dos gêneros, emaranhados estão, nossas vidas, nossos corpos, querem dominar, mas não vão nos calar, nem nos fazer calar, Pois nossa Travestilidade é direito a exaltar.

A quem pertence nosso corpo, nossa essência? será a Jesus ou a Núbia, a decidir? essa resposta só brota com a consciência, que em nossos corpos, o poder há de residir.

No coração da luta, nossa voz ecoará, no embalo do cordel, resistiremos ao mal, na cadência das palavras, a igualdade aflorará, e o preconceito, como poeira, há de ficar para trás.

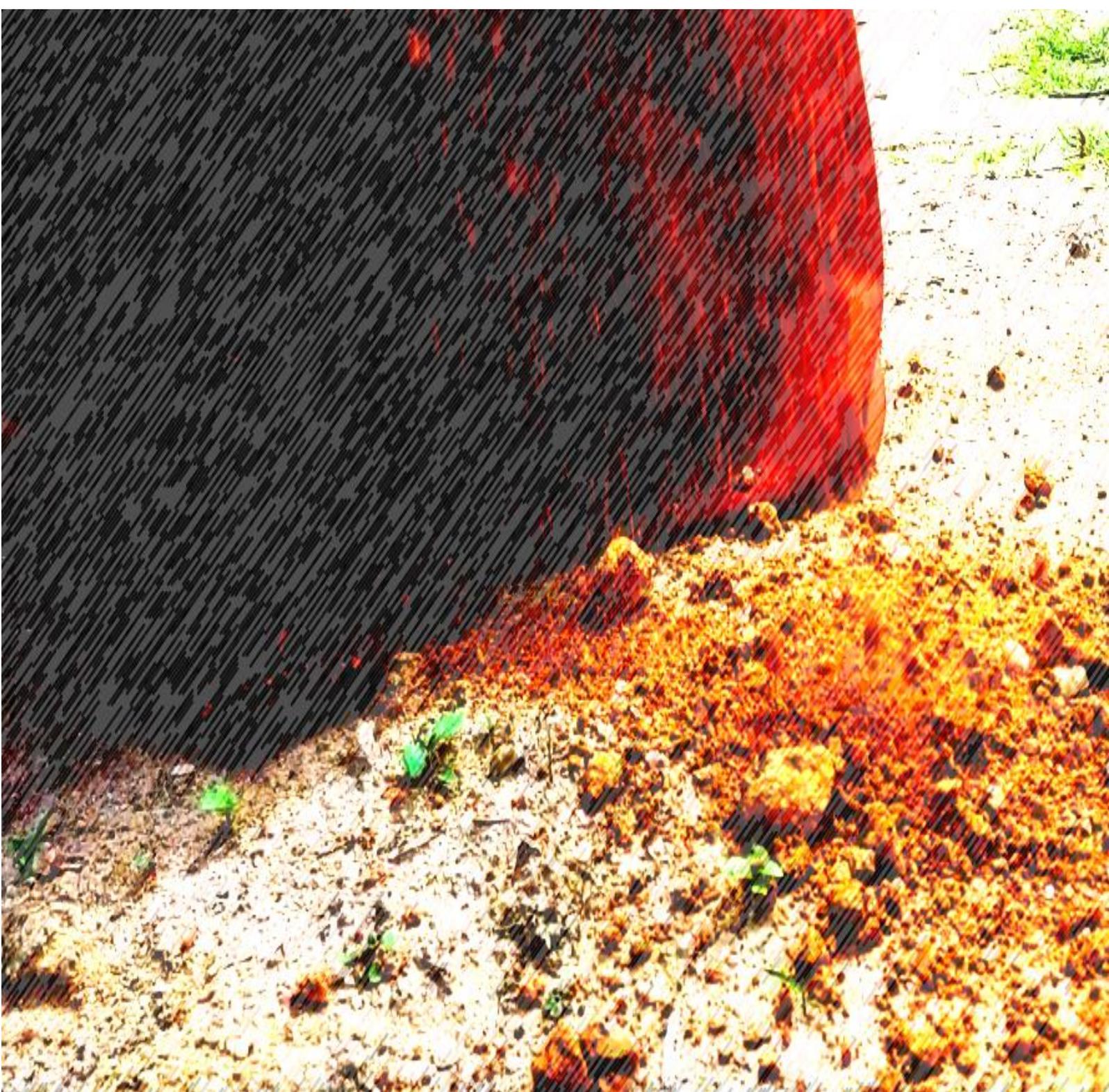
Então, avante, Travestis, com força e valentia a jornada é árdua mas não desistiremos jamais, no cordel da liberdade, seguiremos com alegria, e mostraremos ao mundo que nossa existência não se desfaz.



Não foi a natureza ou o destino que fizeste dos teus irmãos e irmãs em genitais e normas reis e rainhas. Foi uma guerra fria de gêneros. Tudo tranquilo. Agora eu mudo a lei. Não há mais nada ser escrito em terrenos de palavras rachadas sobre o teu nome. Eu não nasci da tua patologia. Não me origino no teu povo. Muito menos pertenço ao teu chão. Enterra-la um direito meu. A disfória é um problema seu. (Núbia Kalúmbi, “Aterrada”, 2022.)

**UM MINUTO DE
SILÊNCIO
NO SERTÃO MORREU
E NASCEU
OUTRAS
OUTRES
TRANS
MONAS...**

Figura 9- Do pó me fiz Travesti



Fonte: Fonte: Captura da obra audiovisual “Aterrada” de Núbia Kalúmbi, 2022.) Imagem reeditada para compor essa dissertação

Jesus" foi embora, deu espaço pra mudança, mas a travesti segue forte na esperança, morre e ressuscita na dura caminhada dobrando esquinas enfrentando a jornada.

Ao sair de casa, enfrenta o desafio encarando olhares, preconceito e na escola, na faculdade, batalha sem parar, lutando por respeito pois só quer se realizar.

Em certos lugares mais cruéis são as dores o patriarcado engenhoso em suas cores de sangue teima em odiar, reprimir a feminilidade, mas a Travesti resiste com toda sua valentia.

No sertão, ser Travesti é pura resistência a luta é diária não há conveniência, desconstruindo cercas, vencendo a ignorância para que a liberdade floresça no cacto da palma.

Os desmoronamentos, árduos e necessários rompendo as amarras dos campos literários ao coração do nordeste a mudança se faz Travesti ressurge como fênix audaz.

Com garra e bravura ela segue em frente não se abate diante do olhar indiferente a luta é de todos e todas da sociedade e nação, Para que a diversidade encontre sua canção.

Que ecoe nos sertões a voz da inclusão, E que em cada coração floresça compreensão, no cordel da vida, a Travesti é protagonista, com sua força e coragem não há quem a desista.

Que o nordeste se erga no combate à opressão e que a Travesti brilhe como o sol no sertão, que seja livre para ser quem ela quiser, na terra nordestina, sua história florescer.

Assim, na poesia, a luta é revelada, a Travesti, guerreira, nunca será calada, no cordel que escrevemos com amor e união, a Travesti, ressuscita em cada coração e;



"Portanto devolva a ti o trauma. Ele não me pertence. Ele não está mais entre nós. Nem ressuscitou ao terceiro dia. O mistério segue vivo e os teus olhos soterrados. Se anseia, irá atrás de algo. Procure pela renascida." (Núbia Kalúmbi, "Aterrada", 2022).



EU QUERO RENASCEER TODOS OS DIAS



DE NOITE



NA ESQUINA



NA PRAÇA



NA PIRRAÇA



O corpo Travesti desafia, abriga e recria outras maneiras de viver. Adentrar esse espaço emblemático e caricato da figura do "macho" nordestino é desafiar e propor um outro discurso sobre o sertão, a exigência de um sertão contra hegemônico. Evidenciar os nossos corpos Travesti e sertanejas é "anunciar os sinais" para um outro tempo que supera as dificuldades, as violências e as Transfobias no sertão". (Fala de Núbia Kalúmbi durante entrevista dia 18/07/2022).

Figura 10- Enterrar JESUS para ressuscitar Núbia



Fonte: Captura da obra audiovisual "Aterrada" Núbia Kalúmbi, 2022. Imagem reeditada em xilogravura para compor a estética dessa dissertação.

Em um tempo distinto, em meio a um cenário onde as histórias da Travesti que renasce, da outra que morre para existir, são entrelaçadas nesse território fértil de tantos "causos", onde a misticidade e a religiosidade se fundem com as sombras das monstruosidades que se evidenciam.

Rompendo com os signos que, por séculos, nos aprisionaram e ainda tentam nos encerrar em estereótipos, sejamos "machos" ou "fêmeas", ousamos buscar uma realidade que nos dizem

ser impossível, proibida, não permitida, ilegal. Uma realidade que ousa ser Transneja, alçando-se além do estigma sertanejo que teima em nos definir.

Nessa fuga desafiante, vamos nos metamorfoseando em uma versão renovada de nós mesmas, uma outra que emerge da própria essência. "Por outro lado, esses si mesmo, já não é mais do mesmo; é terra outra, é anômalo, é margem, deslocada, transformada, monstruosa." (FILHO, 2019, p. 86). É uma transmutação fruto de um desejo que pode ser considerado aberrante, mas que, em sua própria natureza, desabrocha em um novo tempo-espço, no âmago do árido-sertanejo.

No cerne desse enredo misterioso, a alma destemida se recria e renasce como a fênix que emerge majestosa das cinzas da opressão. Cada travesti, cada jornada singular, se desdobra em versos, transformando-se em poesia viva que flui na correnteza do existir.

Emaranhadas entre as vivências e os desafios, as narrativas dessas figuras inigualáveis são tecidas com a linha da força interior que as ergue e, assim, transmutam-se em uma sinfonia de autenticidade e resistência.

É nessa dança transcendental que se revela a coragem de ser, de existir além das normas preestabelecidas, tecendo-se em uma colcha de retalhos humanos, onde a diversidade e a singularidade se encontram.

A viagem das almas segue seu curso, em meio a um turbilhão de emoções, como um caudaloso rio que corta as terras áridas do sertão. E, nessa metamorfose que atravessa fronteiras, margens tornam-se centros, o estranho torna-se a mais pura autenticidade.

Figura 11- Nova outra.



Fonte: captura das cenas da obra audiovisual "Aterrada" de Núbria kalúmbi, 2022. Imagem reeditada com efeito de xilogravura para compor a estética dessa dissertação.

Mapa-Relato cordelizado TERRITÓRIO DO SERTÃO

Resistente umbuzeiro assim também as Travestis
Florescidas espinhosas em uma beleza única de existir
trazem consigo muitas marcas da peleja
seu território é o sertão e faz valer a pena. A cultura machista
TRANSformar

Pois já se foi o tempo que o sertão era terra de
"cabra-macho" homem valente ou mulher femente que vai para capela orar.
O sertão é Travesti, é ainda LGBTI do respeito e resistência
Que vamos com (in) decência remontando esse lugar
Do lado norte ou no centro do sertão, do Itapicuro ao Sisal
De Bonfim a Juazeiro na entrada do portão a princesa do Sertão
Travestis se (re) nascendo e é preciso respeitar
Pois saibam que agora já sabemos nosso lugar.

(Denyse de Almeida dos Santos, 2023.)



TRANS-DIÁRIO: A Rainha de pay e a construção da subjetividade Travesti na arte e cultura das Quadrilhas Juninas Estilizadas.



CENÁRIO DO ENCONTRO JUNINO

**Eu vou lhe contar agora,
 Uma história que vi
 acontecer,
 De uma rainha travesti no
 sertão,
 Que nasceu para vencer.
 Ela cresceu em uma terra
 árida,
 Onde o sol escaldante
 castigava,
 Mas desde cedo ela sabia,
 Que sua vida ela mesma
 criava.
 Ela se vestia com cores
 vivas,
 Com muitos brilhos e
 lantejoulas,
 E mesmo que sofresse
 preconceito,**

**Ela não deixava que a
 derrubassem.
 Com sua saia rodada,
 E sua bota bem calçada,
 Dançava no salão,
 Com uma graça tão
 encantada.
 Rainha de pay dançarina,
 Com seus passos precisos,
 Elas aos poucos a todos
 conquistavam.
 Mas nem todos entendiam,
 O seu jeito de ser,
 E ela enfrentava muitos
 desafios,
 Mas nunca deixou de lutar e
 vencer.**

O povo sertanejo é um povo muito festeiro, que almeja celebrar todas as ocasiões. Eles comemoram sua fé e seus santos padroeiros, transformando essas celebrações em festas da cultura popular. Tudo isso se mistura ao profano, que penetra nos sertões e se torna tradição.

Para o sertanejo, a festa principal a ser comemorada é o São João. As cidades se preparam o ano inteiro com bandeirolas e bebidas típicas, prontas para quem quiser degustar. Nessas festas, há muita música e apresentações com danças folclóricas características do lugar.

Apesar das transformações culturais, as cidades de interior ainda preservam essas festividades – é bem verdade que essas passaram a ganhar outros formatos, outras maneiras, mas ainda existem bandeirolas penduradas, parques de diversões nas praças, ruas enfeitadas e muito forró, além de carne seca, licor e buchada. (SANTOS, Denyse de Almeida dos, 2022, p. 55).

Mas o tempo passou e muita coisa mudou. As danças das quadrilhas juninas precisam se atualizar, substituindo o antigo "olha chuva" e "olha a cobra" por superproduções com temas específicos, dando origem às quadrilhas juninas estilizadas.

É nesse ponto que começa a história que vou contar. Agora, a cultura nos mostra que até a Rainha Junina Travesti ganha destaque, evidenciando como tudo se movimenta nas festas e na cultura, abraçando a diferença em vez da identidade e tradição. A festa é sempre a irrupção de um tempo novo, um espaço a ser refeito e reinscrito (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.148).

Surpreendentemente, até mesmo o semiárido baiano viu surgir uma rainha, porém não a representativa da colonização cis-heterossexual-patriarcal. Em vez disso, uma rainha popular, quebrada, negra e Travesti, assumiu o comando da festa, ensinando coreografias para o espetáculo junino apresentar.

E, vejam só, quem diria que até no semiárido baiano uma rainha surgiria. No entanto, não se trata da rainha tradicional, representativa da colonização cis-heterossexual-patriarcal. Pelo contrário, é uma rainha popular, marginalizada, negra e Travesti, que assumiu o comando da festa e da dança, ensinando coreografias para a apresentação junina.

Pode uma Rainha ser Travesti, ou uma Travesti ser Rainha – embora as vidas de pessoas transexuais/travestis sejam atravessadas por simbologias diversas, que se materializam, na maioria das vezes, em violências e desprezos familiares, violências na rua, exclusão e segregação nas instituições, falta de oportunidade e empregabilidade? Ser travesti, uma travesti, a travesti, assusta a sociedade, as instituições e as famílias, e nos coloca às margens, nos empurra para o nada, nos entrega à própria sorte – e como somos sem sorte, nos entrega à morte. Mas, subvertendo essas e outras normas, eis uma Travesti Rainha. (SANTOS, Denyse de Almeida 2022, p. 52).

Quando ainda na infância, **Deny** observava sua tia "Teco" costurar, bordar e fazer alinhavos em flores de fuxico, confeccionando vestidos de saias duplamente volantes rodados que se perdiam de vista. Fitas coloridas de cetim balançavam para adornar o corpo de sua prima,

que sempre participava do famoso concurso de Rainha dos forrógritos⁴ da cidade de Senhor do Bonfim. Nesse momento, **Deny** já imaginava que, um dia, ela também usaria o seu próprio vestido para participar desse concurso.

Figura 12- Giros, babados e costuras de mim.



Fonte: Foto de arquivo pessoal da Quadrilha Junina Fuzuê do Sertão, 2018, ilustração de Jeferson de Lima Feitosa 2013.

⁴ Festa de largo popular que antecede os festejos juninos da cidade de Senhor do Bonfim-BA.

Já na adolescência ela vai encontrar fazer desterritorializações e reterritorializações da sua subjetividade na arte, na dança, no teatro escolar e no movimento das quadrilhas juninas estilizadas, o devir Travestir de **Deny** reinaugura outra performidade encarnada em arte, personagem, cena, produção causal, fenomenal que tornar-se real e fantasia, uma performance que desejava ser modos de ser/viver arte/artista.

Ao aproximar-se dos grupos culturais da cidade ela vai percebendo outros corpos forasteiros que como o seu, se aventuravam/aventuram, (des)construindo-se em montagens e remontagens e assim **Deny** foi fazendo costuras e decalques, cortes de um espetáculo que era junino e festivo em sua própria maneira escolhida em uma “[...] tendência a tornar as festas como quadros, como cenas reveladoras[...], do que seria ethos particular[...].” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.135).

Na nova fase de investimento na Travestilidade, ela se apresenta como a personificação da figura da rainha, não como uma líder, mas sim como uma artista que cria uma forma de arte transformada, travesti e performática. Através da condução de uma pedagogia da dança com os brincantes da quadrilha junina estilizada, a rainha junina desempenha um papel essencial ao se tornar um incentivo para que outros indivíduos, independentemente do gênero, possam também ocupar esse espaço na dança regional.

Nas celebrações juninas e em outras festas populares, a norma tradicional é quase sempre limitada à cis-heterossexualidade, com rainhas e reis do milho cisgêneros, além de damas e cavalheiros que seguem essa mesma norma. No entanto, nos interiores nordestinos, as quadrilhas juninas estilizadas e seus concursos e apresentações estão conseguindo romper com esses padrões, oferecendo uma maior diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais.

É possível observar, contudo, que dentre os novos sujeitos e identidades forjadas nas festas juninas, àquelas reservadas às questões de gênero parecem estar em questão. Não com relação ao fato de as quadrilhas juninas continuarem a se apresentar com base nos pares de “damas e cavalheiros”. As performances trans se fazem presentes e se fazem sentir nesse contexto reinventado, de modo a alterar os sentidos mesmo da tradição. (BARROSO, 2016, p.182).

Os grandes centros urbanos, boates e casas noturnas costumam oferecer apresentações luxuosas e performáticas de travestis, drags e transformistas. No entanto, no sertão baiano, é durante o São João e as quadrilhas juninas que se encontram as verdadeiras e genuínas manifestações artísticas produzidas por travestis do semiárido baiano. É importante ressaltar que não se trata de uma caricaturização, mas sim de uma expressão artística legítima.

A maioria das quadrilhas juninas estilizadas e mesmo as que ainda se mantêm mais tradicionais na região do semiárido baiano, surgem de escolas dos municípios. **Deny** iniciou sua trajetória como coreógrafa de quadrilha junina, justamente organizando essas quadrilhas em escolas, nas quais ela era monitora em um Programa de Escola em Tempo Integral (Mais Educação e Mais Cultura)⁵.

Muitas vezes ela até foi substituída, pois para algumas diretoras, ela não poderia dançar "montada", pois iria quebrar a tradição e, tratando-se de ser rainha junina, deveria ser uma menina cis. Assim, **Deny** decide criar seu próprio grupo junino, onde a maioria dos seus componentes também era LGBTQIA+ e desejavam dançar sem necessariamente obedecer aos padrões de sexualidade e gênero.

Entre os babados, os bordados dos vestidos rodados, os passos coreografados, **Deny** ia fazendo sua trajetória em Travestilidade, entre os desejos e experimentações, a posição de coreógrafa e rainha da Quadrilha Junina Fuzuê, produzia (in)certezas do que ela poderia ser, em qualquer espaço, em qualquer sociedade, ainda que inevitavelmente as violências Transfóbicas rondassem, era possível transformar realidades que sempre foram e nos são dadas.

Na quadra da escola onde ocorriam os ensaios, em grupo, movimentos em corpos, não apenas físicos, mas corpos dançantes em movimentos pulsantes, expressões diversas. Saias e anáguas, o peso da espuma de armação dava leveza ao coração, cabelo implantado para uma personagem fictícia da verdade em criação particular e subjetiva.

Deny era aquela (im)possibilidade, em um "corpo diferente, estranho, matéria para um devir" (ZORDAN, 2010, p. 7), ela ia devirando Travesti em múltiplos movimentos e "Entre corpo e movimento e entre movimento e educação e entre educação e criação e entre criação e corpo e entre corpo e educação e entre movimento e criação... Produzindo infinitos de possibilidades [...]" (FERRAZ, 2014, p. 34), como a dança que não para, como a arte que não para, como a força e o desejo que não param e outras infinitas vezes precisam surgir, sempre.

⁵ O Programa Mais Educação foi uma iniciativa do Governo Federal do Brasil, criada em 2007, com o objetivo de ampliar a jornada escolar e oferecer atividades educativas complementares aos estudantes das escolas públicas de ensino fundamental. O programa visava promover a integração de diferentes espaços educativos, valorizando as diversidades culturais, esportivas, artísticas e científicas. Quanto ao "Mais Cultura", o Governo Federal, em parceria com estados e municípios, implementava a Política Nacional de Cultura Viva, que buscava fortalecer as iniciativas culturais locais e comunitárias em todo o país. A política tinha como objetivo promover o acesso à cultura, valorizar a diversidade cultural brasileira e estimular a participação cidadã na produção cultural.



TRANS-RELATO-PERFORMÁTICO DE UM CORPO ARTE-BICHA- TRANSVESTIR RAINHA JUNINA.

Assim como **Deny**, uma outra rainha G⁶, **Luna Tavares**, surge para se apresentar. Semelhante à lua que brilha em noites especiais durante as festividades de São João de Senhor do Bonfim, Luna se transforma para dançar e expressar seus desejos de ser diferente daquilo que é.

Ela quebra barreiras, normas e fronteiras, inclusive aquelas que restringem as Travestilidades ao binarismo compulsório, buscando legitimar quem pode ser Trans e quem pode ser Travesti, tudo isso em uma tentativa de produzir mais rotulações.

Durante sua Transformação e montagem, Luna transcende a personagem, dando vida a uma outra existência interior, através de um experimento performativo que abraça a diversidade e a possibilidade, pois "o próprio sujeito é um constructo performativo. Assim, as identidades de gênero também são teatralizadas diariamente de forma reiterada" (BARROSO, 2016, p. 184).

Nesse contexto, **Luna Tavares** se destaca como uma artista que rompe com as amarras sociais, utilizando sua arte como meio de expressão e empoderamento. Ao desafiar as convenções impostas pela sociedade, ela se coloca como agente de mudança, promovendo a aceitação da diversidade de gênero e encorajando outras pessoas a se libertarem das amarras do preconceito e da rigidez das normas estabelecidas. Sua atuação no cenário artístico representa um espaço de resistência e celebração da pluralidade do ser, proporcionando reflexões sobre o papel do indivíduo na construção de suas próprias narrativas.

É importante reconhecer o valor das trajetórias individuais e a contribuição de artistas como **Luna Tavares** na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com as diversidades de gênero. Seu trabalho artístico inspira a quebra de padrões e a valorização da autenticidade de cada pessoa, abrindo caminhos para uma cultura mais empática e acolhedora.

⁶ Rainha G é um termo usado nos movimentos das quadrilhas juninas estilizadas para dizer que a Rainha da Quadrilha Junina é Trans/Gay, hoje também adota-se o termo rainhas da diversidade.



Eu não me percebo "Trans", mas me torno uma quando estou montada. LUNA é uma performance, um estado, uma arte. Ali naquele momento LUNA é mulher, é "Trans", é Travesti, é outra, é ELA." (Fala de Luna Tavares, em conversa de sensações no dia 17 /09/2022).

Neste momento junino, as performances das rainhas Trans, G, e Drags revelam processos de subjetividades e construções de sociabilização. Tanto **Deny** quanto **Luna Tavares** demonstram, nos ensaios e investimentos, a realização de desejos que transcendem qualquer teoria de sexualidade, gênero, Travestilidades, homossexualidades, binarismo, etc., colocando-os em foco. Para essas "rainhas", o que realmente importa é a experiência, o experimento, a saída da realidade e a capacidade de trazer essa experiência de algum modo para si, performando a liberdade e o (re)nascimento no momento de sua apresentação ao grupo junino.

A poesia, a arte e a feminilidade agem como forças motrizes, unindo e misturando as linhas e cores da binaridade e da própria Travestilidade. Essas expressões artísticas desafiamos a examinar de perto a fluidez das identidades e a diversidade dos modos de vivenciar o gênero, indo além das definições instrumentais acerca do conceito de identidades Trans, como apontado por Barroso (2016, p. 196). Isso cria renascimentos e devires experimentais particulares e subjetivos, que transformam o São João no semiárido baiano em um espaço de "anarriês e alavantús" Travestilizados.

Enquanto Luna Tavares passa por sua Transformação com os olhos fechados, os pincéis que maquiam borrando, tintas e pigmentos contrastam com os adornos coloridos em sua cabeça, refazendo seu rosto. Contudo, esse rosto não é uma construção representativa da mulher cis-nordestina, embora possa parecer. Ele captura uma possibilidade de trocas que performam a mulheridade, fluindo e atuando em realidades e fantasias juninas de desejos, numa "operação muito mais inconsciente e maquinica que faz passar todo o corpo pela superfície esburacada, onde o rosto não tem papel de modelo ou imagem, mas o de sobrecodificação para todas as partes decodificadas" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 35).

Dos contornos que surgem, revelam-se as criações artísticas e personagens conceituais da realidade. As mãos de **Luna** estão estendidas sob a cadeira, alisando os babados de sua saia doutorada, enquanto o corpete, a meio corpo, afrouxa os sentimentos antes de apertar suas costelas, delimitando sua silhueta e fazendo sua respiração ofegar num afago. No reflexo dos espelhos ao seu lado, há aberturas nos cordões ainda não atados.

E, com abertura e meia calça, os sapatos de saltos quadrados ainda sem calçar, e a cabeça coberta por uma touca de tecido que prepara os cabelos, **Luna Tavares** vai surgindo como essa personagem, refletindo brilho, cores e alegrias em sua coroa feita de coloridas bandeirolas de bordados de lantejoulas e pedrarias. Enfim, ali ela nasce e se refaz, transformando-se em **Luna Tavares**, como essa personagem se manifesta.

Figura 13- Embaralhada entre ser homem e ser mulher.



Fonte: fotografia do arquivo pessoal de Luna Tavares, em preparação para o concurso de quadrilha em Senhor do Bonfim-BA, 2019. Ilustração de Jeferson de Lima Feitosa, 2023. Essa foto sofreu alteração na edição e arte para compor a estética da dissertação.

Então a Luna, surgiu em meados de 2017 para 2018, quando Jeferson (in memória) coreógrafo da minha quadrilha junina "atrevida" me convidou para montarmos essa mesma junina, mas aí ele disse que eu seria a rainha, eu não acreditei, mas sentamos montamos a personagem, o figurino e fomos pensar um nome, então ele teve a ideia de colocar Luna pois tem ligação com as forças da maré, da iluminação, do brilho, da luz da noite, a Luna ilumina as noites de São João. Então fui coroada rainha G e a Luna Tavares ganhou vida. (Fala de Luna Tavares, em conversa de sensações no dia 17 /09/2022).

Ao incorporar a Travestilidade por meio das montagens e desmontagens das rainhas juninas, é possível evidenciar não apenas as potências criativas do sertão, mas também manifestações nos elementos circundantes, como a cenografia, os figurinos, a cena, a festa, a cidade e a tradição, que são rompidas e resinificadas, desencadeando uma fuga que, embora subjetiva, é explicitada e contamina todos os envolvidos nesse contexto, pois desestabiliza as normalidades.

Dessa forma, a performance intitulada "Transvestir" desencadeia mobilizações e destaca a importância dessa minoria que rompe com a tradição da festa construída sob a égide patriarcal. Assim, a subversão, ao mesmo tempo em que 'encena' identidades subversivas, também as reprime e as (re)produz. A crescente regulamentação e oficialização da festa junina também consolidam esse espaço como um lócus para uma experiência social e coletiva da população LGBT (BARROSO, 2016, p. 185).

O que dizer do que foi dito? Em uma festa, seguindo tradições e danças que buscam preservar rigidamente as paridades homem-mulher cis-hetero, excluem qualquer indivíduo que não se encaixe nesses padrões. Travestis, transexuais, afeminadas e viadas são rotuladas pejorativamente como "viado" em uma sociedade sertaneja impregnada de cultura cis-hetero-patriarcal.

Não cabe às rainhas **Deny** ou **Luna** a preocupação em provar quem é mais ou menos trans. Também não é relevante determinar quem pode ou não ser a rainha do São João. O que realmente importa é a experimentação na fuga desses padrões opressivos impostos pela sociedade. Como afirmou Guattari (1985, p.43-45), trata-se de um processo de tornar-se diferente daquilo que a repressiva estrutura social nos destina.

Figura 14-Carta ilustrada rainha Luna



Fonte: Arquivo pessoal Luna Tavares, festejos juninos em Senhor do Bonfim-BA, 2019, Ilustração de Jeferson de Lima, 2023. A foto original sofreu alteração na arte e ilustração para compor a estética da dissertação.

Neste sertão, ainda marcado pelas "machezas", é importante reconhecer que o falocentrismo não se restringe apenas ao nosso contexto regional. No entanto, não podemos deixar de notar que essas figuras que também nos parecem pitorescas, aqui nos sertões, ainda estranham as performances de outros corpos e identidades que mostram a existência de outras naturezas além daquelas tradicionalmente associadas à força e bravura.

Atualmente, as Quadrilhas Juninas estilizadas representam um espaço de sociabilização e possibilitam a expressão de arte e subjetividades das pessoas LGBTQIA+ no semiárido do sertão. Luna Tavares, assim como outras rainhas Trans/G, certamente encontra ou encontraria resistência e preconceito ao performar feminilidades através das artes e subjetividades.

Ao longo do tempo, o sertão tem evoluído e se mostrado mais inclusivo, mas é fundamental destacar que ainda enfrentamos desafios para a aceitação plena da diversidade de identidades e expressões de gênero na região. A luta contra o preconceito e a promoção da inclusão devem ser constantes em nossa sociedade, permitindo que todos possam se expressar livremente e com respeito em suas subjetividades.

"Quem é de fora ou mesmo de cidades mais perto de Salvador pensa que não existe mais esse negócio de cabra macho aqui né? Mas a verdade é que o povo do interior ainda tem muito preconceito, ser 'bixa" ainda é desgosto para a família que não quer a reputação da família na boca do povo da rua. Agora imagine você ser 'bixa" e ainda se montar para dançar na maior festa da cidade onde vem o povo de fora, onde passa na televisão. E outro mesmo dentro da quadrilha onde tem muitos gays, sapatão de tudooo pois quadrilha hoje em dia é parada gay né? (risos) , mas rola preconceito e muito."

UMA PAUSA NA FALA E LUNA COMPLETA...



Eu mesma quando fui coroada rainha G muitos componentes saíram da quadrilha, para conseguir patrocínio para comprar as roupas as lojas não queriam dar, e mesmo dentro da quadrilha a maioria do povo falava que era ridículo uma rainha ser gay e travesti que tinha que ser mulher de verdade pois na hora de ser julgada eu não ia poder ganhar pois eu não era mulher de verdade e sim um homem vestido de mulher e fora outras

coisas que eu ouço. Mas não me deixo abater, e fecho" mesmo, quero as melhores roupas com luxo mesmo para ofuscar, pois a rainha tem de lacrar mesmo né? (Fala de Luna Tavares, em conversa de sensações no dia 17 /09/2022).

No rincão do sertão, uma história singular, rainhas juninas Trans e G, a performar, contrariando a monarquia, mas a ensejar, subjetividade e singularidade a desafiar.

No patriarcal sertão, opressor e fatal, até mulheres, sob pressão, adotam o que é do masculino ideal, "Paraíba que é masculina", "Diadorim" na atuação, Transcendendo barreiras com determinação.

As rainhas com "pau" em suas performances, no sertão machista, desviam as circunstâncias, uma multiplicidade pura a emergir, metamorfose, efemeridade a fluir.

Deleuze e Guattari enxergam com fulgor, "A malta, a irrupção do efêmero e potência da metamorfose." (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 13), elas capturam signos, símbolos, tradições, do sertão, da cultura, essas manifestações.

Cabras-machos e vaca magra envoltos, em fé e bons costumes, escondem, soltos, as cores, fitas, as fêmeas efêmeras, as putas, bichas, Trans, Trava, tão sinceras, nas noites de São João, festa dos santos, elas surgem em glória, trajadas de encantos, refazem códigos, tradições a criar.

A beleza do estranho a exaltar rainhas sem coroa, mas com pau no dançar, "Tencionam nos passos da dança outro 'território, espaços que [...] físgam pelo estranhamento de seus volumes, formas, cores vivas, sua explícita plasticidade." (PRECIOSA, 2010, p. 43),

Tecendo territórios, espaço a criar, fluxos, giros, estranhezas belezas, explícita plasticidade em suas naturezas à noite, enfim, elas se revelam, em babados e bordados, com luzes a brilhar, refletindo as fogueiras, o calor a emanar,

Nas portas, de pé, passam a caminha coroa em flor dourada, cabelos ondulados, pressa nos pés para serem notadas, eis a "RAINHA DE PAU" a se mostrar, Transformando-se, enfim, em Travesti, a desabrochar.



TRANS-DIÁRIO: em Trans-se-forma-em-ação no Semiárido baiano.

Figura 15- A professora



Fonte: <https://naucultural.com.br/loja/j-borges/xilogravura-g-professora/>

As experiências vividas por **Deny** foram entrelaçadas e moldadas ao longo do tempo, resultando em expressões subjetivas por meio de performances Travestis. Essas vivências extrapolaram o âmbito pessoal e foram incorporadas à educação, permitindo a desterritorialização de conceitos de sexualidade e gênero em um corpo não convencional. Ao mesmo tempo, essas experiências permitiram a reterritorialização e a busca por uma identidade em um contínuo processo de confronto e reconstrução.

Deny desafiava as normas da educação, da escola, do currículo e das práticas pedagógicas impostas pelo modelo regulador dos corpos, mentes, sexualidades e gêneros. Mesmo sendo fisicamente frágil, seu corpo se tornava potente ao causar desestabilizações, ao confrontar, ao ser excluído e ao reivindicar seu lugar. Ela se colocava na fila feminina para entrar em espaços "formatadores", onde desafiava e questionava as regras estabelecidas.

Além do seu corpo já demarcado, rotulado e considerado aberrante e provocativo, **Deny** era uma bixa-afeminada-Travesti que coloria as paredes cinzas e sem alegria da escola. Ela reiterava que não se submeteria às normas impostas que constantemente separavam e categorizavam os gêneros e as sexualidades.

Nas aulas de educação física, por exemplo, os meninos sempre eram direcionados a formar times de futebol ou handebol, enquanto as meninas eram destinadas a brincadeiras de bambolê, amarelinha ou, no máximo, vôlei. **Deny**, para escapar dessa divisão, criava grupos de dança e líderes de torcida, tentando evitar o bullying e o preconceito que essas atividades impunham aos corpos Trans na escola. Assim, ao mesmo tempo em que desenvolvia suas próprias percepções de "anormalidades", ela resistia e conseguia permanecer por mais tempo nesse ambiente, sem nunca se adequar, afinal "A bicha resiste" (OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes, 2017, p. 105).

De fato, é importante reconhecer que "a escola convive com diferenças e singularidades que para alguns podem se conformar à moral do rebanho; outros têm o direito de se rebelar contra os modelos pedagógicos repletos de boas intenções, mas alheios às multiplicidades" (LINS, 2005, p.1251).

Entretanto, as fugas e resistências de **Deny** eram, na maioria das vezes, solitárias. Ela passou por todo o seu ciclo educacional, desde o ensino fundamental até o ensino médio, na mesma escola, o que fez com que suas denúncias, suas afirmações e todo o seu processo de transição fossem acompanhados pela instituição, que acabou se tornando um lugar de refúgio para ela.

Seu nome era inscrito e escrito nas paredes do pátio, nos corredores e banheiros, muitas vezes com frases ofensivas e discriminatórias, evidenciando que a "escola, como lugar

inesperado, também comunica, nas entrelinhas das imagens consideradas meros rabiscos ou pichações, sobre corpos dissidentes, sexo, sexualidade e gênero" (JUNIOR e SILVA, 2020, p. 180).

As manifestações de sexualidades eram desafiadas pelo corpo-confronto de **Deny**. As aulas de biologia sempre lhe causavam desconforto e angústia, especialmente quando eram discutidos assuntos relacionados aos aparelhos reprodutores masculinos e femininos, abordados de forma existencialista e biológica.

Essa situação desencadeava outros temas que não eram tratados pelos professores, abrindo espaço para o bullying: "Deny, você tem pênis ou vagina?" Ela questionava constantemente os professores sobre o motivo de essas questões sobre sexualidade, inclusive a dela, nunca serem abordadas em sala de aula.

Enquanto isso, nas portas das cabines do banheiro masculino, havia recados como "Deny chupa meu pau" e "Deny queria ficar com você, mas tenho medo". A escola preferia ignorar o fato de que o ambiente escolar era um espaço fértil para a descoberta das sexualidades (RIOS, 2022, p.116).

É de suma importância reconhecer que o ambiente escolar continua a ser um cenário permeado por diversas formas de violência, alcançando seu ápice quando se trata dos corpos Trans/Travesti. As narrativas que circundam as experiências das pessoas LGTBTTQIA+ dentro das escolas evidenciam que, frequentemente, esse espaço se configura como um campo de opressão, estabelecendo abismos para aqueles que optam por viver sua sexualidade fora dos estreitos limites da heteronormatividade (IBID, 2022).

Apesar das múltiplas violências, que muitas vezes se manifestam de maneira velada, porém igualmente prejudicial, **Deny** recusou-se a se curvar diante delas. Em vez disso, ela empreendeu ações que perturbaram o arraigado sistema educacional, criando fissuras no seu espaço estriado. **Deny** explorou as brechas e lacunas existentes, transformando-as em oportunidades para promover mudanças, introduzir novas dinâmicas e fomentar singularidades (GALLO, 2010, p. 241).

Ao se apresentar como um corpo desafiando as normas estabelecidas por sua Travestilidade enquanto estudante, **Deny** mergulhou profundamente no princípio de que "cada coisa, cada ser deve encontrar sua própria identidade através da diferença, tornando-se uma diferença entre as diferenças" (DELEUZE, 2006, p. 94).

Assim, ela empregou sua singularidade para provocar reações de surpresa e desconforto na comunidade escolar, ao mesmo tempo em que remodelava as adversidades em seu favor. Adotando um estilo afeminado e abraçando a persona de uma bicha que se transformava em

Travesti, ela se apresentava de forma performática nas festas da escola. Algumas professoras ficavam encantadas, enquanto a maioria demonstrava preocupação. No entanto, como destacado, não era o jovem afeminado que inquietava as professoras, mas sim a imagem do adulto que ele poderia se tornar (OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes, 2017, p. 113) – TRAVESTI.

Todas essas experiências que permearam sua educação básica deram origem a uma jornada de transformações, indo do caos às (im)possibilidades, estimulando desejos que se fundiam com a criação de subjetividades. E, mais uma vez, o desejo de se tornar professora surgiu, com o propósito de ocupar esse espaço e redefinir seus contornos. Quando questionada sobre sua motivação para se tornar professora, sua resposta era incisiva: "Esse ato é movido pelo desejo, pela revolta, pela resistência" (SANTOS, Denyse de Almeida, 2022, p. 69).



EU EI DE SER PROFESSORA

Embaixo de uma árvore na hora do recreio

Em rodas de conversas minhas amigas e amigos logo comentavam

Que queriam ser médicos/ as

Advogadas/ os, dentistas ou engenheiras/ os

Então com sarcasmos me perguntavam

O que eu pretendia ser se cabeleireira ou maquiadora

Eu logo respondia posso ser cabeleira e maquiadora

Mas na verdade eu não só quero como serei uma professora.

Eles/ as rebatiam e vão querer uma professora Travesti?

Eu não deixava baixo e mais alto respondia

Não vão querer, mas vão aceitar e também respeitar

Pois tenham certeza que professora vou me graduar

E poder mostrar

Que Travesti também pode ser doutora, advogada e professora

E as transfóbicos calar.

(Denyse de Almeida dos Santos, 2022)

Nestas áridas terras do sertão, sobretudo nas pequenas cidades do interior, as oportunidades escasseiam e as desigualdades prevalecem. Muitas vezes, para buscar uma vida melhor, as pessoas se veem obrigadas a migrar para a capital ou outros estados em busca de educação ou emprego. Para as pessoas Travestis, estas dificuldades se tornam ainda mais acentuadas.

No entanto, **Deny** não almejava apenas prestígio ao decidir se tornar professora. Certamente, ao perseguir seu sonho de se tornar uma educadora, ela ansiava por uma vida melhor, por uma profissão que lhe proporcionasse condições mínimas de subsistência. Entretanto, compreendeu que, para seu corpo Travesti ser minimamente "aceito", ela precisaria destacar-se em alguma área, ser reconhecida por alguma qualidade (SANTOS, dos Denyse de Almeida, 2022, p. 61).

Ao ingressar no curso de licenciatura em pedagogia, **Deny** tornou-se a primeira bicha afeminada, que já era quase uma Travesti, a adentrar aquela instituição de ensino superior no coração do sertão, mais precisamente na UNEB-CAMPUS VII. Continuou a enfrentar os preconceitos que infelizmente persistiam, mas **Deny** era resiliente, pois como afirmou Gallo (2008, p. 67), "Ora, se a aprendizagem é algo que escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível."

Ela se viu imersa em uma teia educacional que exigia muito mais do que mera formação acadêmica; essa rede também gerava desafios, resistências, desestruturações do poder, especialmente o poder da educação convencional e padronizada. Como Denyse dos Santos Almeida ressaltou, "Se as Travestis são fortes, somos compelidas a forjar metodologias e pedagogias para sobrevivermos em tais ambientes" (SANTOS, dos Denyse Almeida, 2022, p. 61).

Nesse processo de se tornar professora, o corpo de **Deny** também se converteu em um instrumento de militância. Ela compreendeu que nunca seria apenas uma professora, pois o sistema educacional estatal desqualifica qualquer corpo que não se encaixe em seus padrões preestabelecidos. Assim, como Gallo (2008, p.61) enfatizou, Denyse buscou não apenas anunciar a possibilidade do novo, mas sim viver as situações e, dentro delas, criar oportunidades para o novo.

Assim, **Deny** usou seu próprio corpo, com sua identidade dissidente de gênero e sua Travestilidade, para redefinir seu processo educacional, para se tornar uma professora militante que resiste às adversidades e, acima de tudo, para criar espaços onde pudesse (re)existir.

Embora muitas vezes tenha se sentido isolada, **Deny** pôde se apoiar nas teorias desenvolvidas por outras mulheres Travestis, mesmo que essas professoras fossem raras e não fossem reconhecidas no currículo acadêmico da universidade. Ela se dedicou a aprofundar seus conhecimentos, demarcando seu espaço como um corpo dissidente e singular no campo da educação.

Os textos e artigos das professoras Megg Rayra Gomes Nascimento, a primeira mulher Travesti negra doutora em educação do Brasil, Jaqueline Gomes de Jesus, doutora em psicologia e também uma mulher Travesti negra, assim como Sara York, que é mestra e doutoranda em educação, desempenharam um papel fundamental na vida de **Deny**, ajudando-a a escapar do isolamento acadêmico.

À medida que ela se envolvia com o trabalho destas inspiradoras professoras Travestis, **Deny** não apenas expandia seu horizonte como pedagoga, mas também começava a acreditar e a compreender que era possível incorporar a luta e a militância em seu próprio ser. Ela percebeu que podia carregar em seu corpo o potencial para superar as adversidades, atuando com a percepção e do poder de ser uma agente de transformação, capaz de superar as barreiras que perpetuam a miséria, e podendo se tornar um veículo de emancipação e oportunidade para outras Travestis e Transexuais em seu entorno território semiárido, pois...

Figura 16



Apesar da transfobia institucional que segue expulsando travestis e transexuais do sistema educacional, muitas e muitos de nós resistiram e continuam resistindo lutando por uma educação plural e acolhedora."

(Megg Rayara Gomes Nascimento, 2022)



Figura 17- O céu de Deny



Fonte: Fotografia de Denyse de Almeida dos Santos, registrada no bairro Gabriela, Feira de Santana-BA, 2022. Com efeito de pintura.

No sertão onde o sol fulgente brilha,
 Nas trilhas de estudo, a mente traz brilho,
 Deny, moça valente e destemida,
 Na labuta pela educação, tece seu trilho.

Do chão árido ao céu estrelado,
 Ergue-se ela, firme em sua missão,
 Como se espalha a chuva desejada,
 Busca o saber, sem medo ou limitação.

Mestra, professora, títulos almeçados,
 No céu da aprendizagem, sua constelação,
 Em livros e aulas, seus conhecimentos
 alargados,
 Trilhando a estrada que a outros conduz à
 ampliação.

Doutora em lutas, no saber pioneira,
 No céu da oportunidade, ela é a estrela-
 guia,

Valoriza um tesouro que vale a espera,
Conhecimento que a faz brilhar como a
Via.

A estrada é íngreme, por vezes ingrata,
Custosa em tempo e recursos, é verdade,
Mas o saber é a luz que ela acata,
Abrindo espaços, vencendo a escuridão
que invade.

Retornos financeiros podem faltar,
Mas o valor do conhecimento é além do
ouro,
Ocupar espaços antes a negar,
É seu feito, sua voz, seu tesouro.

Deny vai firme, como estrela guia,

No céu de oportunidades que se revela,
Na busca do saber que nunca se cansa,
Rompendo barreiras, escrevendo a poesia
dela.

No céu da educação, ela é constelação,
Que seu percurso ensine que a mesa,
Da conquista do conhecimento é rica
sebeja, em profusão.

Assim, Denny, na senda que escolheu,
Caminha rumo ao céu da oportunidade,
De mestra a doutora, seu céu cresceu,
rompeu e romperá.

(Denyse de Almeida dos Santos, 2023)

Na trajetória de **Deny**, sempre houve um céu especial. Ela cultivava um profundo amor pelo firmamento da sua terra, pelo aconchego do seu lar, e jamais experimentara o desejo de se distanciar. No entanto, as adversidades e a carência de oportunidades a levaram a refletir: será que valeria a pena continuar naquela cidade?

De maneira semelhante ao enredo do filme "O Céu de Suely" (Karim Aïnouz, 2006), **Deny**, na sua jornada pessoal, decidiu se aventurar em uma viagem, deixando pela primeira vez sua cidade natal. Ela ansiava por uma vida melhor, por novas perspectivas. Mesmo que continuasse no sertão, a cidade de Feira de Santana, com sua dimensão maior, certamente lhe parecia mais desenvolvida e repleta de oportunidades.

O céu, em geral, é uma busca por um lugar em que se encontre, onde possa viver feliz e realizada. Por mais que se possa se fazer uma aproximação com o céu cristão, sagrado, feliz, local de descanso e paz eterna, o céu de Hermila tem na verdade o sentimento de errância, contradição, constante paradoxo, o céu representa durante o filme mais que a busca dela pela felicidade, um local de paz, mas sua errância e incerteza, uma fuga. (NARDIN, 2014.).

No filme "O Céu de Suely," somos levados a acompanhar a história de Hermila, uma jovem mãe que retorna à sua cidade natal, no interior do Ceará, buscando uma vida melhor junto à sua família. Contudo, ela logo se depara com a falta de perspectivas e toma a decisão surpreendente de realizar uma rifa envolvendo seu próprio corpo, tudo isso visando angariar fundos para partir rumo a uma cidade de maior porte. Enquanto isso, em sua busca por uma

vida tranquila e uma oportunidade de ensinar em uma escola, **Deny** se muda para Feira de Santana ao lado de seu parceiro.

No entanto, suas esperanças são cruelmente frustradas devido à escassez de oportunidades na cidade, que ainda se agrava com a chegada da pandemia de Covid-19, que fecha as escolas e impede Deny de buscar emprego. A trajetória de Hermila e **Deny** lança luz sobre a dura realidade enfrentada por muitos brasileiros que lutam por uma vida melhor, enfrentando obstáculos e adversidades em sua jornada.

Assim como Hermila, **Deny** também embarca em uma saga na cidade, embora de forma diferente, rifando seu próprio corpo, não com propósitos sexuais, mas adotando uma espécie de prostituição como meio de conseguir acesso a uma escola, seja ela pública ou privada. Porém, como destacado por Nogueira e Cantelli (2018, p.14), essas narrativas frequentemente revelam violências e Transfobias resultantes da pressão da heterossexualidade compulsória, bem como processos de estigmatização e negação de direitos fundamentais, como o direito à vida, à educação e ao mercado de trabalho.

É crucial ressaltar que as experiências das pessoas Trans e Travestis envolvem uma complexa jornada de autodescoberta, resistência e luta. Como argumentam Guattari e Rolnik (2013, p.85-86), a reivindicação de minorias não se limita apenas ao reconhecimento de sua identidade; muitas vezes, questões mais urgentes são silenciadas ou não recebem a devida atenção e visibilidade.

Ao relacionar o filme "O Céu de Suely" a essa experiência vivida por **Deny**, não buscamos uma análise crítica específica da obra cinematográfica. Em vez disso, nosso objetivo é refletir sobre o que permanece, seja uma obra de arte ou uma experiência vivida, como um conjunto de sensações, uma composição de percepções e emoções (Deleuze e Guattari, 2010, p.1993).

Até agora, acompanhamos a trajetória de **Deny** como um vetor de resistência, sempre avançando, nunca desistindo, reinventando-se, tentando diversas abordagens, explorando novos caminhos, retrocedendo, fazendo reviravoltas, observando atentamente, sondando as profundezas e, eventualmente, alcançando as alturas, abrindo seu próprio caminho, como se sua busca por um lugar próprio e sua busca por sua verdadeira essência fossem uma jornada contínua (Nardin, 2014), e sempre será.



Do Céu abriu-se um rizoma

O firmamento desvela-se como um intrincado rizoma, um intrincado emaranhado de caminhos celestes, onde a multiplicidade desabrocha. Nos céus de **Deny**, o rizoma e a multiplicidade tecem uma dança sinuosa, entrelaçando-se em uma coreografia de conexões cósmicas, onde se forjam encontros inesperados. Sob o dossel celeste, ela desvenda novos horizontes, explorando as vastas constelações de possibilidades, dançando em meio às estrelas, permitindo que o devir flua como uma melodia etérea na sinfonia da educação.

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa totalidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (DELEUZE e GUATTARI, Mil Platôs, V.1).

Em Mil Platôs- Vol. 1, Deleuze e Guattari, poetas do pensamento, emaranhados na botânica, nos presenteiam com o termo Rizoma, uma semente de visão, um novo olhar para o sujeito e suas danças com o mundo e suas almas.

Desviamos do trilho das centralizações, onde o comum nos aprisiona, e encontramos o rizoma, um labirinto de conexões, raízes que não têm amarras, folhas que dançam ao vento, copas que se misturam com estrelas no firmamento.

"O rizoma é um universo em si, com formas tão variadas quanto os sonhos, estendendo-se como raízes na terra fértil da imaginação, ou florescendo em bulbos e tubérculos da criatividade" (Deleuze e Guattari, Mil Platôs- Vol.1).

Nas salas de saber, onde a hierarquia é soberana, as teorias rizomáticas surgem como rebeldes. Não escolheram o campo da educação, mas seus ventos poéticos acariciam nossas mentes famintas de mudança. Aqui, somos prisioneiros de árvores altas, do pensamento enfileirado, do saber fragmentado.

"Essa metáfora botânica, a árvore, é um espelho da realidade, refletindo a quebra cartesiana do saber, dividido em partes, em pedaços. Mas o rizoma nos convida a dançar, a entrelaçar nossos saberes, a crescer como um jardim selvagem, onde as flores da criatividade desabrocham em todas as direções, sem medo de limites." (Gallo, 2008, p. 73).

Portanto, convidemos o rizoma a ser nosso guia, a nos mostrar que o conhecimento é uma dança livre, que as mentes podem se entrelaçar como cipós na selva da sabedoria. Deleuze

e Guattari, botânicos da alma, nos mostram um caminho onde as raízes são liberdade, e as folhas são a expressão de nossa humanidade.

Para o filósofo René Descartes, a árvore assume um papel emblemático ao representar a filosofia e o conhecimento. Ele a enxerga de maneira simbólica, com suas raízes representando aspectos metafísicos, o caule sendo a base que sustenta os princípios da física, e as copas e frutos simbolizando a ética, tudo isso em um modelo cartesiano.

Por outro lado, Deleuze e Guattari nos apresentam uma perspectiva inovadora ao introduzir o conceito de rizoma. Eles argumentam que não se trata de opor a árvore e o rizoma como conceitos de bem e mal, mas sim de compreender que, para apreender a multiplicidade, o rizoma se revela como uma abordagem mais interessante. Como afirma Lauro (2013), "Um rizoma não cessa de conectar cadeias semióticas, estruturas de poder e acontecimentos relacionados às artes, ciências e lutas sociais", caracterizando assim um processo de transformação contínua.

Nesse contexto, quando uma professora Travesti se expande, ela rompe com as estruturas arraigadas das organizações. Essa expansão é impulsionada pelo desejo e pela constante evolução de sua identidade como professora militante, utilizando seu corpo e subjetividade como instrumentos de expressão. A singularidade dessa professora se desdobra de forma rizomática, disseminando-se em manifestos, protestos e um constante processo de evolução, conforme destacado por Deleuze e Guattari em "Mil Platôs-Vol.1".

Em mais uma tentativa de resistência e transformação, **Deny** decide participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Mesmo recém-chegada à cidade e sem estar envolvida em grupos de pesquisa ou estudos prévios, ela opta por se arriscar. Esse movimento ocorre em meio à pandemia do novo coronavírus, sendo a única alternativa que enxerga para continuar sua trajetória acadêmica. Como ressalta o conceito de rizoma, há rupturas que ocorrem quando as linhas segmentares explodem em uma linha de fuga, mas essa linha de fuga também faz parte do rizoma, demonstrando a interconexão constante das ideias e ações (Ibid).

Assim, **Deny** recém-chegada à cidade, sem envolvimento em grupos de pesquisa ou estudos prévios e desconhecendo a Universidade Estadual de Feira de Santana, tomou a decisão de participar do processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Educação durante a pandemia da COVID-19. Essa foi a única opção viável que encontrou para prosseguir com seus estudos, embora não tivesse expectativas de ser selecionada.

Ao ingressar no mestrado em educação da UEFS, **Deny** carregava consigo as lembranças das violências e rejeições que havia enfrentado em sua trajetória acadêmica e profissional. No entanto, seu desejo ardente de assumir uma posição como professora era o que a motivava a seguir adiante. Ela questionava a possibilidade de ser uma professora e pedagoga como uma pessoa Travesti, desafiando as normas estabelecidas (SANTOS, dos Denyse de Almeida, 2022).

Deny apresentou seu anteprojeto de pesquisa com o título "A formação acadêmica de pessoas Transexuais e Travestis nas Universidades públicas do Estado da Bahia". No entanto, ao observar sua situação, percebeu que não era apenas a primeira Travesti a se formar como pedagoga na UNEB Campus-VII, mas também a primeira e única a ingressar no programa de mestrado em educação da UEFS.

Logo que se torna evidente que, apesar dos avanços nas políticas educacionais voltadas para a comunidade Trans e Travesti, como o reconhecimento do uso do nome social e políticas de cotas, têm contribuído para a inclusão dessa população em ambientes acadêmicos, ainda enfrentamos desafios significativos. Esta comunidade continua a ser uma minoria nessas instituições e, mesmo entre aqueles que conseguem ingressar, a permanência é uma luta árdua. Mesmo quando conseguem permanecer, encontram obstáculos persistentes na busca por oportunidades no mercado de trabalho, como observado nos relatos de **Deny**.

É importante reconhecer que, apesar de a universidade ainda refletir as injustiças presentes na sociedade, ela também pode e deve ser um local de transformação, onde políticas afirmativas e pesquisas acadêmicas desempenham um papel crucial na promoção da permanência e do aprendizado da comunidade Trans e Travesti, bem como em sua inserção no mercado de trabalho (Nogueira e Cantelli, 2018, p.18).

Para **Deny**, voltar à academia como mestranda proporcionou uma oportunidade única para explorar diferentes perspectivas. Ela conseguiu transformar suas experiências de violência e Transfobia em pontos de discussão e reflexão, baseados em sua própria trajetória e desafios pessoais.

Ao tornar seu corpo e suas vivências elementos de desestabilização, **Deny** está contribuindo para a promoção de uma abordagem pedagógica rizomática. Embora não elimine completamente as violências e a Transfobia institucional, **Deny** está causando impacto ao promover mudanças que partem da sua própria experiência, abrindo brechas e estimulando novas perspectivas por meio das interações e trocas de experiências em seu programa e Universidade.

A pedagogia rizomática defendida por **Deny** se baseia no princípio fundamental de uma ciência nômade e itinerante, integrada à ética e estética da existência. Ela emerge como uma força de resistência e transformação, buscando constantemente evoluir (Lins, 2005, p.1229).

A pedagogia reflexiva voltada para a comunidade Travesti representa uma abordagem inovadora no campo educacional. Seu propósito primordial é quebrar os moldes convencionais de ensino e aprendizado, com o intuito de estabelecer ambientes educacionais mais inclusivos, diversos e democráticos, capacitando assim a formação de indivíduos críticos e autônomos.

Este conceito encontra sua raiz nas ideias da pedagogia rizomática, conforme delineada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que enfatiza a importância da multiplicidade de conexões, conhecimentos e experiências no processo de construção do conhecimento. Entretanto, a pedagogia rizomática voltada para a comunidade travesti transcende essas ideias, incorporando as perspectivas e experiências das pessoas travestis e transexuais, frequentemente marginalizadas e invisibilizadas no contexto educacional.

Dessa forma, a pedagogia rizomática travesti se caracteriza por uma abordagem horizontal, colaborativa e interseccional, que valoriza a diversidade de identidades, experiências e saberes, com o objetivo de promover a emancipação e a transformação social. Este modelo pedagógico tem como objetivo criar ambientes seguros e acolhedores para uma ampla variedade de corpos, identidades de gênero e orientações sexuais, onde as pessoas possam se expressar livremente, sem temer julgamentos ou violência.

No entanto, é crucial reconhecer que para um corpo frequentemente marginalizado e sujeito a diversas formas de violência, a busca por liberdade e emancipação é uma tarefa desafiadora. Frequentemente, as preocupações básicas de sobrevivência podem prejudicar a busca por educação de qualidade.

Durante seu percurso acadêmico, **Deny** uma estudante de mestrado em Educação, pôde contar com o apoio de uma bolsa de pesquisa/mestrado fornecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o que lhe permitiu se dedicar inteiramente a esta fase de formação, seus estudos e pesquisas. Isto destaca a importância de fortalecer e expandir políticas de promoção e apoio à permanência de estudantes historicamente excluídos.

Deny, em sua trajetória como mestranda em Educação, reconhece que está em constante processo de (des)construção de suas aprendizagens. No entanto, suas leituras de Deleuze e Guattari a levaram a compreender que é viável refletir e (re)criar um modelo educacional que valoriza a existência dos corpos, a subjetividade e a militância para além das representações

convencionais. Este modelo busca promover a formação de conexões e redes entre diferenças e potencialidades, formando um tecido educacional mais rico e inclusivo.

A "Travestilização" da educação/pedagogia representa uma oportunidade nos espaços acadêmicos, escolares e institucionais, permitindo a criação de práticas pedagógicas educacionais que almejam a transformação da liberdade individual em liberdade coletiva, abraçando a pluralidade de perspectivas.

A experiência de **Deny**, mestranda em Educação, ressalta a importância de uma abordagem pedagógica que celebra a diversidade de identidades, experiências e saberes, e que busca promover a emancipação e a transformação social. Esta transformação só é possível quando se rompem as estruturas tradicionais de ensino e aprendizado, criando-se assim espaços mais inclusivos, diversos e democráticos para o desenvolvimento de sujeitos críticos e autônomos.

A reflexão sobre as práticas pedagógicas e seu impacto nos corpos Trans e travestis nos convida a considerar as variáveis e processos em jogo. Estes processos são moldados pela disciplinarização e pela cis-normatividade, mas, mesmo diante das violências, esses corpos conseguem resistir e produzir uma não-normatividade poderosa.

No entanto, é fundamental notar que as Transfobias institucionais afetam os corpos Trans e Travestis de maneiras diversas. Embora compartilhem experiências de violência, cada corpo lida com essas opressões de maneira única. Como nos recorda Rolnik (2011, p.55), cada existência é singular e influenciada por micropolíticas variadas, o que molda seu modo de pensar, sentir, perceber e agir.

Dessa forma, é necessário considerar a diversidade de experiências e estratégias de resistência dos corpos Trans e Travestis diante das opressões que enfrentam. Essa reflexão é fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e que considerem a complexidade e singularidade de cada existência.

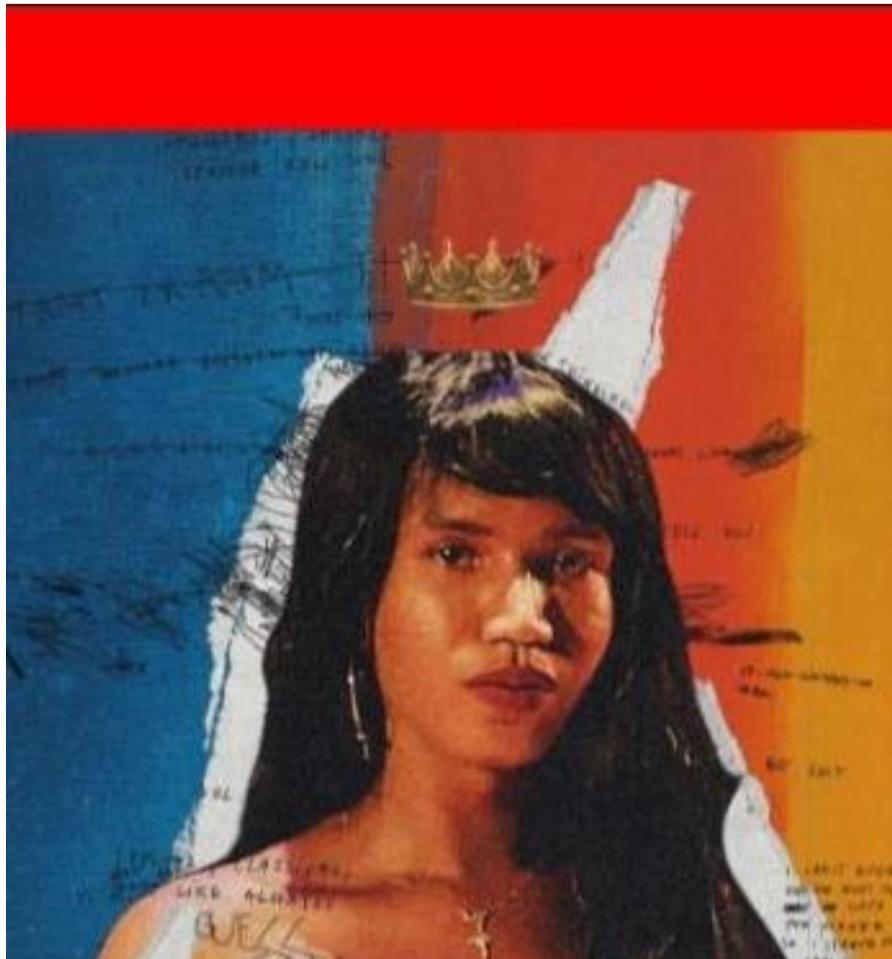


TRANS-RELATO-PERFORMÁTICO DE UMA PROFESSORA QUE É CANTORA E ARTISTA.



"Bruta por natureza"
(Guell Cadillac)

Figura 18- Catarina Paraguaçu.



Fonte: Disponível no Instagram de @guellcadillac



cenário de encontro entre Deny e Catarina

No sertão de Feira de Santana, vou contar o que aconteceu,

Deny chegou à cidade e algo inusitado se deu.

Um grupo chamado GRUD⁷, de diversidade a clamar,

Cobrava explicações, uma história a desvendar.

Mais um travesti tombou, vítima da violência cruel,

Militantes ergueram vozes, exigindo a verdade ao réu.

No meio desse rebuliço, um relato veio à tona então,

Catarina Paraguaçu, com sua voz, fez-se coração.

Na UEFS elas estudavam, caminhos a percorrer,

Catarina na graduação, Deny no mestrado a aprender.

Dores, sonhos e forças, histórias a entrelaçar,

Arte e educação as uniam, fazendo o mundo girar. No módulo 8⁸, no bar famoso de
estudantes a se unir,

Deny e Catarina, aos fins de semana a se reunir.

Cervejas a esvaziar, afogando mágoas no breu,

Enquanto sinucas retumbavam, Guell Cadillac dava o seu adeus.

Catarina, artista da sensualidade a ecoar,

Com suas músicas e versos, fazia a noite dançar.

E o relato dela vinha, não em palavras ao vento,

Mas em textos desabafados, como um lamento.

No módulo 8⁹ ou em casa, regadas a álcool e confidências,

Catarina desvelava suas dores com vivas essências.

⁷ Grupo Respeito e União pela Diversidade de Feira de Santana, atua de forma independente para combater crimes e preconceitos contra pessoas LGBTQIAPN+, desenvolvendo em parceria com órgãos públicos e privados ações de enfrentamentos.

Deny escutava atenta, solidárias no que sentiam, duas almas, diferentes trajetórias, junta se fundiam.

Assim, no sertão baiano, num cenário de encontros e versos,

Deny e Catarina,

Unidas em laços diversos.

Cordas de vida e luta, em Feira de Santana a vibrar,

Suas histórias se entrelaçam,

no tempo ecoar.

AQUI O RELATO PERFORMATICO DE CATARINA E O DA SUA PERSONAGEM SE ENTRELÇAM EM FORMA DE TEXTO.



O relato corpo de Catarina

Eu sou Catarina Paraguaçu, sou uma mulher Travesti, negra, estudante do curso de filosofia da UEFS, sou educadora, ativista, além de cantora, produtora e compositora. Antes mesmo de ser universitária as experiências na educação me atravessavam.

Não é fácil para uma pessoa afeminada, que demonstra seu gênero e sua sexualidade na fase de escolarização ocupar esses espaços, pois tratam logo de nos violentar, e fazem de tudo para que desocupem a escola. Como se não bastasse as violências na rua, e na família, a escola e sua organização sempre querem nos cercear.

Mas eu acredito que se a gente cruza os braços e ficar apanhando literalmente calçadas não iremos mudar nada, ou vamos nos jogar na prostituição o lugar que a cisnormatividade acha que devemos ocupar sempre, ou então, vamos nos conformar com as misérias e a morte.

Por isso, desde a adolescência na escola eu não ficava calada tive que assumir uma personalidade forte, “bruta por natureza”¹⁰ para não me calar, para conseguir vencer as violências naquele espaço e poder terminar meus estudos.

Justamente pensando nas violências que vivenciava na escola é que participei do curta metragem intitulado Translúcida, em 2015 onde eu interpreto a personagem Vera, esse curta foi eleito como vídeo finalista no projeto Prove daquele ano, esse era um projeto do governo do estado que elegia em um concurso de produções audiovisuais as melhores produções de estudantes da rede estadual de ensino.

Figura 19- TRANS É LÚCIDA, TRANSLOUQUECE.



Fonte: Captura de tela do curta TRANSLÚCIDA, disponível no Youtube.

O intuito foi justamente chamar a atenção para as violências que as pessoas Trans e Travestis sofrem no ambiente escolar, onde muitas vezes sofremos todos os tipos de agressões caladas e ainda assim o despreparo na maioria das vezes por falta dos professores e funcionários silenciam essas agressões.

¹⁰ Bruta por Natureza, uma canção de Guell Cadillac lançada em 2020, disponível em <https://open.spotify.com/album/582057R4kbfh3326NCGXBH>

A sinopse da curta mostra justamente que “cansada de não ser reconhecida como mulher Transgênero, Vera (Guel Brandão) decide correr atrás dos seus direitos no âmbito escolar, em meio à Transfobia dos colegas.

Nessa época eu estava no processo de transição de gênero, ainda me chamava Guel Brandão, mas já era consciente que meu corpo era lido como ofensa e por isso violentado, por outro lado a minha fuga era justamente fazer disso potência e transforma-lo em militância.

Então assim, né? De certa forma essas e outras experiências foram me fazendo desejar, sempre lutar pelos meus ideais, para não permitir que as violências e as TransFobias continuassem me fazendo sofrer.

Lembro que comecei desejando ser professora por conta de uma telenovela chamada pedacinho de céu, tinha uma professora que eu não recordo o nome, ela usava uma peruca rosa e a maneira como ela tratava os alunos me encantava, pois é bem diferente da grande parte dos professores, talvez ali eu espelhasse a forma que eu não fui tratada na escola, e a questão da arte também sempre me chamou a atenção, eu sempre tive essa veia artística.

Com isso, decidi sair da minha cidade Retirolândia que fica na região nordeste do estado, em busca da minha liberdade financeira, começar meu tratamento hormonal, vencer na vida. Então, decidi cursar filosofia aqui na UEFS, pois por ser um curso noturno eu teria a possibilidade de trabalhar durante o dia.



Índia Sertaneja, Travesti que sonha com a Universidade e a cidade grande.

Confesso que eu imaginava encontrar um espaço mais acolhedor na universidade por se tratar de espaço acadêmico, deveria ter mais visibilidade, pensei encontrar outras pessoas Trans e Travestis, eu cheguei em 2017 e me vi sozinha, a única referência Trans era o Bruno Santana, que atualmente é professor em Salvador, ele foi a primeira pessoa Trans, homem Trans no caso a se formar na UEFS.

Claro que hoje tem outras pessoas Trans e Travestis, mas acredito que a universidade ainda tem que trabalhar mais essas questões dá mais visibilidade para nossos corpos, pois mesmo aqui nós continuamos escondidas e invisibilizadas.

Apesar das dificuldades que encontrei por ser uma área diferente da minha formação em filosofia, não desisti e persisti no estágio que me proporcionou a minha primeira experiência enquanto professora em formação. O desafio foi ainda maior por se tratar da educação infantil e eu precisar aprender sobre educação inclusiva, já que atuava como auxiliar de um estudante com PCD/TEA¹¹. Mas, mesmo enfrentando essas barreiras, pude aprender muito e crescer como educadora.

Foi uma descoberta de um mundo novo, sofri um pouco no início até me acostumar, inclusive tenho que deixar registrado o meu agradecimento a uma professora chamada Lucimeire, deixo bem claro o nome dela, ela me indicou para essa vaga e também me ajudou muito nessa minha trajetória da UEFS.

Então, assim a minha experiência na educação infantil foi traumática, mas também maravilhosa, de muitos aprendizados, temi muito no início pois, por ser uma Travesti que auxiliava crianças na educação infantil e com especificidades, então, eu temia que os pais fossem reclamar minha presença e a minha função na escola, até porque eu também ainda era muito jovem.

Mas para minha surpresa, foi o contrário, fui muito bem abraçada e acolhida, até porque sempre fui extremamente profissional, e assim as crianças gostavam do que eu desenvolvia com elas, e acabava levando para casa. Mas também confesso que ali pude perceber mais uma vez as fases da educação pública brasileira, e como ainda existem realidades difíceis que parecem impossíveis para algumas pessoas.

Diante disso, eu também vou seguindo minha carreira profissional enquanto cantora, trago nas letras das minhas músicas essas violências que sofri e sofro, mas resignificar e

¹¹ PCD significa "Pessoa com Deficiência" e é uma sigla utilizada para se referir a pessoas que possuem algum tipo de limitação física, sensorial, mental ou intelectual.

TEA significa "Transtorno do Espectro Autista" e é uma condição neurológica que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento da pessoa. As pessoas com TEA podem apresentar diferentes graus de comprometimento em suas habilidades sociais, de comunicação e comportamento repetitivo ou restritivo.

enalteço o meu poder, o meu corpo, minha sensualidade. Mostrando que é possível ser professora e ser artista popular sem desvalidar nenhum dos lados.



**Travesti, professora, cantora, produtora artista e o que mais
Você quiser...**

Figura 20- PROFESSORA-ARTÍSTA TICO-TICO NO FUBÁ.



Fonte: Disponível no Instagram de @guellcadillac

Ser professora e ser artista, em nossa região ainda é um desafio muito grande, a Transfobia que atravessa uma é a mesma que atravessa a outra, pois, a questão é a invalidação do nosso corpo e do nosso gênero, independe se é professora ou cantora. Assim ambas as profissões são um ato de resistência, de desafio e ousadia, e como trago em uma das letras da minha música vou "tacando multa no ôtario".

Então ainda continuando nessa visão a "Guell Cadillac" que é o meu nome é meu lado artístico vai dialogando com o tempo inteiro com a Catarina Paraguaçu, professora, educadora, militante, pois vou usando ambas para promover discussões a partir do corpo, da raça, do gênero, da classe social, nas escolas e nos espaços que vou passando.

Por exemplo eu fui a primeira aluna Travesti no programa de iniciação científica à docência-PIBID aqui na UEFS, fui estagiar em uma comunidade daqui de Feira chamada Pedra Ferrada, fui com um pouco de receio, mas consegui desenvolver um trabalho com estudantes a partir dessas provocações.

E também a partir do que venho construindo no meu curso de filosofia e nas minhas produções acadêmicas, que é justamente levar para os/as jovens/estudantes a questão do mito da caverna de Platão, filosofia antiga.

Onde faço essa releitura a partir das mídias e redes sociais, pois temos presenciado um número enorme de pessoas digitas influencers, artistas lançados imagens, realidade, influências que acabam capturando a juventude principalmente, e onde em grande parte tudo não passa de uma ilusão.

Ou seja, assim como na caverna de Platão, os sujeitos não podiam ver a verdade do conhecimento. A juventude tem estado prisioneira das redes sociais e com isso são encantados pelas alegorias trazidas por essas mídias e pelas possíveis influências dos digitais influencers.

Eu atualmente estou trabalhando em uma escola pública, depois de travar uma batalha para conseguir emprego, pois, infelizmente o nosso diploma ainda não nos garante nada, e a escola ainda é um espaço de exclusão, seja para alunas/os/es ou seja para profissionais Trans ou Travestis.

Mas eu sei o quanto é importante estar inserida nesse lugar, pois, os estudantes podem perceber nossa imagem e se espelhar, pois sabemos como é o ensino no Brasil, e a diferença entre o público e o privado, então o nosso corpo nesse espaço encoraja principalmente as minorias a continuarem, pois, apesar das dificuldades é possível.

Figura 21- O corpo de uma Travesti é didático e pedagógico.



Fonte: Disponível no Instagram de @guellcadillac. Imagem reeditada em estilo xilogravura para compor a estética dessa dissertação.

Vou cantar aqui um cordel,
Que vem do fundo do meu peito,
Sobre uma professora travesti,
Que ensina com o corpo direito.

Essa professora é guerreira,
Não se deixa abater pela dor,
Com sua coragem e sua luta,
Ensina com amor.

Uma professora travesti
Com seu corpo ensina bem
Com muito amor e carinho
Seu saber vai além

(Cordel o que ensina a Travesti, Denyse de Almeida dos Santos, 2022).

Ela mostra que é possível
Ser quem você quiser
E que na diversidade
Está o nosso poder
Ela ensina a respeitar As diferenças e as
igualdades
E mostra que a vida é bela
Com todas as suas verdades
Ela usa o corpo como ferramenta,
Para mostrar aos alunos sua arte,
Com movimentos que encantam,
E a todos fazem parte.



Apesar de tudo, ACREDITO, ACREDITAR, CANTAR E CANTAR.

Eu acredito num futuro em que as pessoas Travestis estejam dentro da educação e de outros espaços, apesar dos abandonos, e é por isso que eu tenho sempre sangue nos olhos, e continuo dizendo que a universidade precisa se abrir e ser crítica a essas questões.

Os movimentos educacionais da universidade precisam lutar para além das correntes filosóficas, as pautas debatidas devem inserir os corpos Trans e Travestis e se assim não fazem não estão fazendo nada.

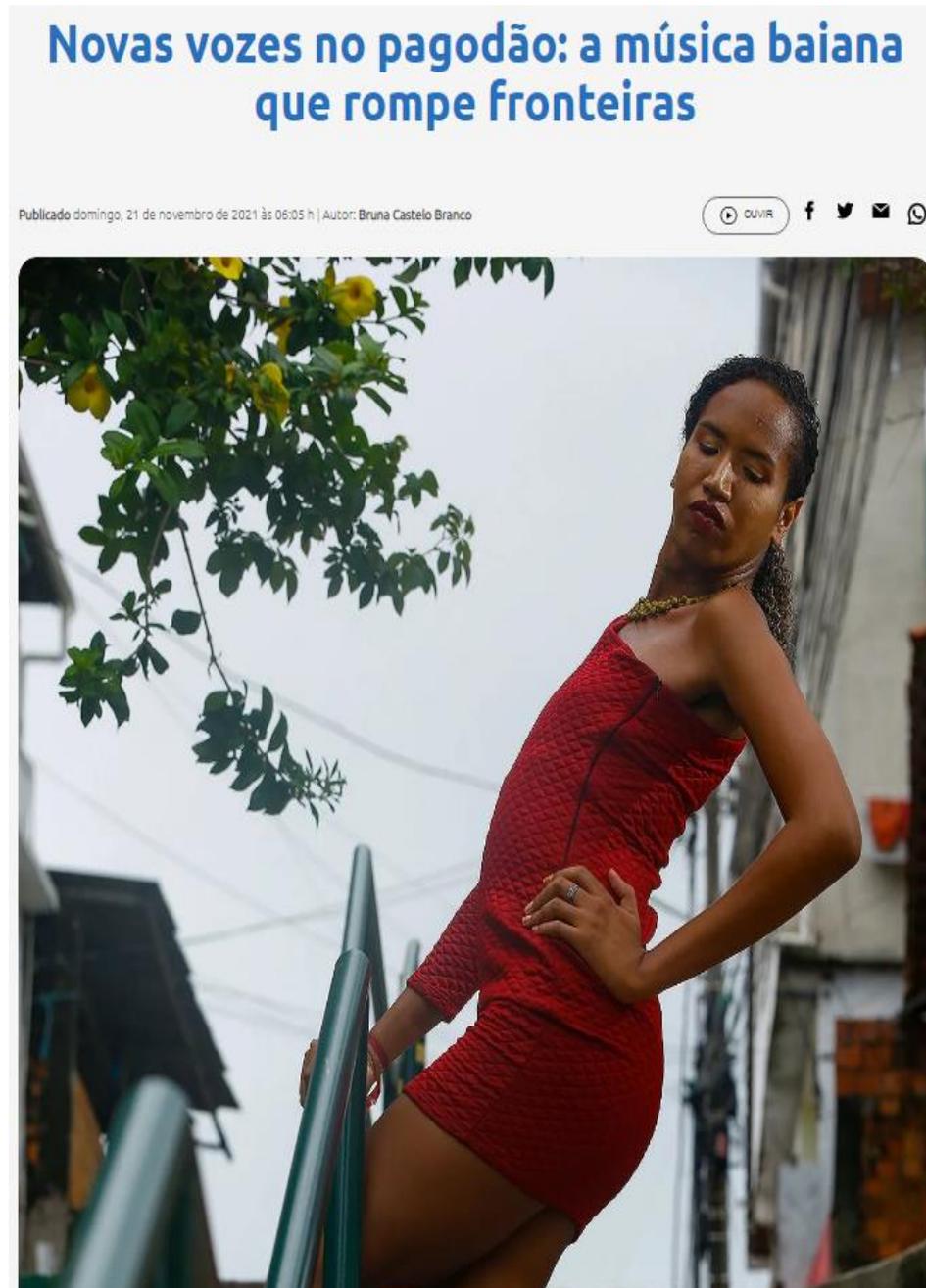
Então, o meu ativismo é constante, muitas vezes individual, mas sempre falando por nós e para nós, e seguirei sempre "Bruta por natureza."

Sei que para nós mulheres Travestis nada é fácil, mas assumir esse papel essa personagem é também assumir esse desafio da coragem, da luta, de criar possibilidades, de caminhar muitas vezes sozinha lhe dando com perdas os afastamentos, as partidas, sair da cidade, da família para poder seguir nossos desejos, de ser artista, cantora, estudante universitária e lutar por dias melhores.

Mesmo sendo difícil me estabelecer neste lugar de artista, de educadora, professora enfim, sei que estou fazendo minha trajetória meu caminho, sempre mostrando quem sou, quem quero ser, falando de mim, do meu lugar, da minha maneira de viver e de ser que muitas vezes não agrada a todos mas é sobre isso, é sobre a coragem as possibilidades que temos que criar.

Pois, ser Travesti, nessa sociedade e nesse lugar que é tão característico do machismo não é fácil, mas pode ser possível.

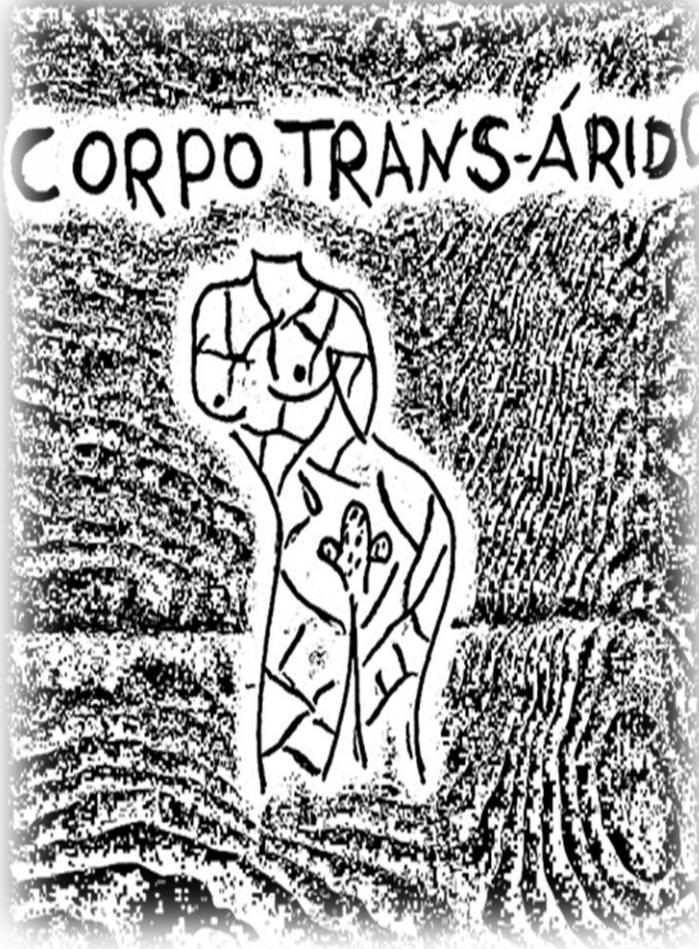
Figura 22- A voz da Travesti rompe barreiras



Fonte: <https://atarde.com.br/muito/novas-vozes-no-pagodao-a-musica-baiana-que-rompe-fronteiras-1179616>

TRANS-DIÁRIO-POR UM SERTÃO TRANS-REVIADO.

Figura 23- Cartografia de um corpo Transárido.



"O sertão não só se veste de gibão de couro e chapéu de estrelas, há glitter, cílios postiços, purpurinas e muito salto alto."

(Ribamar Júnior)

Fonte: Ilustração de Denyse de A. dos Santos, 2022, para compor essa dissertação.

Ser-tão Travesti no semiárido, é desvendar cartografias de alma colorida, nas terras áridas, vidas transfiguradas, nuances que dançam sob o sol, na estrada.

Nesse sertão profundo, onde o cacto se eriça e arbustos sussurram histórias ao vento serras de Espinhaço e Papagaios no horizonte, morros do chapéu, elevados e atentos.

Entre os pés-de-aroeira e umburanas centenárias na companhia do bode seco e do umbuzeiro frondoso, no meio desse chão, corpos forasteiros, estrangeiros, corpos/corpas Trans, bichas e sertanejas, insurgentes, valiosos.

Relegados muitas vezes, marginalizados no viver, mas no mapa da vida, são pontos de resistência, nossos traços, histórias, na geografia do ser, são caminhos que tecem, com bravura, nossa existência.

Observar-se corpo, sentir-se parte desse espaço-território, sertão, semiárido da Bahia, desafiando as construções que conseguem ser ainda mais engendradas, das que já se fazem impregnadas diante desses espaços terrosos, sertânicos, específicos da terra do “bejú” e do “licúri”, modulando-se, como que em barro, pegando os pedaços do chão do lugar, sentindo o calor da fornalha, pisando, sendo pisada, amassando, esculpindo moldando-se em corpo, em barro Travesti sempre Travesti. Desafia, fia, (re)cria e Trans(e)viada o sertão.

Não podemos deixar de considerar o corpo como um território em si, sendo que o território em questão é o sertão. O corpo não se limita a si mesmo; é fluido e volátil, assemelhando-se a uma "matéria expandida de ampla superfície de afetos, trajetórias e recursos", como argumenta Gago (2020, p. 106).

As questões de gênero, por sua vez, se inserem de maneira ampla no contexto histórico e cultural do Brasil, refletindo influências globais, particularmente do Ocidente. No entanto, é crucial observar como essas reproduções e representações de gênero variam e se tensionam de acordo com as culturas regionais.

Desde suas origens, o Nordeste brasileiro é reconhecido por suas adversidades e limitações, contudo, também se distingue na formação das identidades relacionadas à sexualidade e gênero, embora essa formação tenha sido, em muitos casos, distorcida. Tal processo de formação de identidade contribuiu para a construção de conceitos rígidos de masculinidade e feminilidade, que enfatizam a dicotomia como obrigatória e prevalente, culminando na representação de uma região caracterizada pela figura do "cabra-macho" e da "mulher valente".

Nos Estados Unidos, a representação do vaqueiro americano desempenhou um papel emblemático ao moldar o arquétipo do homem viril que desbravou o Oeste americano. Paralelamente, no contexto nordestino do Brasil, o sertanejo assumiu uma função igualmente significativa na formulação de uma nova categorização do homem nordestino. Esta categorização é caracterizada por um comprometimento notável na defesa dos interesses intrínsecos à sua região, bem como dos estratos elitistas locais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 209).

Através do sistema patriarcal, uma visão masculina dominante do sertão foi estabelecida e mantida pelo sertanejo, que retratou homens robustos e valentes como aqueles que desempenhavam funções agrícolas, sendo conhecidos como "cabras da peste". Essas

representações desempenharam um papel crucial na formação da cultura, economia, geografia e população da região.

É inegável que essa perspectiva masculina, promovida pelas elites locais para evitar a feminização dos homens, perpetua estereótipos de gênero que afetam as mulheres e travestis no Nordeste. Historicamente, houve uma rígida segregação de papéis de gênero na região, como documentado por Vasconcelos (2019, p. 319).

É fundamental considerar que outras identidades que não se encaixam nos moldes tradicionais do sertão podem enfrentar ainda mais discriminação e violência, mesmo que elas estejam dentro do espectro binário de gênero. Nesse contexto, surge a pergunta: como a sociedade enxerga e trata as travestis na região semiárida?

Embora não seja o foco desta dissertação, é imperativo reconhecer que as produções culturais do sertão muitas vezes marginalizam as experiências daqueles que não se encaixam nos estereótipos do sertão tradicional. É fundamental ressaltar que elementos como o falocentrismo, o machismo e o patriarcado, embora não sejam exclusivos dessa região, historicamente têm sido responsáveis por excluir e segregar subjetividades e grupos.

Ao analisarmos o corpo da Travesti **Deny** e de outras mulheres Trans que vivem no sertão, é possível observar como as performances de gênero e sexualidade se movimentam entre conceitos e fluidez. Esses corpos afirmam suas identidades dentro da cultura local, mesmo diante da presença marcante do machismo e do patriarcado. Eles desafiam as normas tradicionais de gênero e sexualidade, demonstrando que os corpos estão em constante resistência às categorizações preestabelecidas. No contexto sertanejo, onde a masculinidade é muitas vezes vista como oposta ao feminino, a Travestilidade sertaneja desafia tanto o masculino quanto o feminino, apesar de ser frequentemente percebida sob a ótica binária.

O corpo da Travesti no sertão tem a capacidade de gerar nuances subjetivas que emergem da cultura e dos trajes típicos da região. Simultaneamente, esse corpo carrega suas próprias singularidades e transcende a normatividade, criando outras formas de expressão para além da tradicional "invenção do falo". Essa realidade destaca que é viável reconfigurar os conceitos de corpo, sexo e gênero, uma vez que todos esses elementos são atos, performances.

Essas ações, gestos e representações, em um sentido geral, são performativas, no sentido de que a essência ou identidade que aparentemente expressam são construções fabricadas e mantidas por meio de sinais corpóreos e outros dispositivos discursivos. A ideia de que o corpo de gênero é moldado pela performatividade sugere que ele não possui uma existência ontológica independente dos diversos elementos que compõem sua realidade (Butler, 2013, p. 194).

Neste ponto, torna-se evidente o motivo pelo qual **Deny** enfatiza continuamente a importância de seu corpo e território nos processos subjacentes. Apesar da região onde reside estar marcada por altos índices de violência, é fundamental compreender que os aspectos relacionados à sexualidade e ao gênero no contexto do sertão baiano, assim como em qualquer outra localidade, vão além do simples corpo físico. Esses elementos são profundamente influenciados pelos costumes e tradições locais, os quais, por sua vez, são construções sociais moldáveis e representáveis.

A cada representação, essas práticas e vestimentas passam por uma metamorfose, criando oportunidades para transcender as rígidas categorias binárias de gênero e forjar novas perspectivas na desconstrução dessas representações no contexto do sertão baiano (VASCONCELOS; VASCONCELOS, 2018, p. 135). É imprescindível enfatizar que no âmbito das discussões acerca de gênero e sexualidades no sertão, as travestis e transexuais ainda permanecem marginalizadas e recebem uma quantidade reduzida ou nula de atenção, embora tenham, de certa forma, operado dentro do paradigma binário. Lamentavelmente, estas representações são frequentemente suprimidas ou ignoradas, representando uma significativa deficiência nas análises relativas a este tópico.

Deny, Catarina, Núbia, Jakeliny, Luna assim como a ancestralidade Travesti do sertão baiano, de forma semelhante, desafiaram e continuam desafiando as normas de gênero no sertão baiano. Muitas vezes, elas passam despercebidas, mas estão sempre presentes, questionando as representações estabelecidas. Conforme observado por Vasconcelos (2019, p. 326), essas notáveis personalidades enfrentaram pressões de hierarquias de gênero ainda mais intensas nas pequenas cidades e áreas rurais do sertão brasileiro do que nas grandes metrópoles.

As Travestis, pioneiras da Transformação no semiárido baiano, enfrentam o calor escaldante do sol com determinação. Sua resiliência se manifesta em passos firmes e em vozes que, por vezes, se quebram ao entoar hinos de liberdade. Identificam-se como bichas, travestis e estranhas que emergem da noite para desafiar os estigmas culturais impostos àqueles que não se conformam com padrões convencionais. No sertão baiano, essas figuras performam, criam, resistem e, assim, abrem novas perspectivas de existência.

A metamorfose no sertão baiano é moldada pelos corpos e vidas que anseiam por um futuro mais igualitário e libertador, onde a diversidade não só merece respeito, mas também celebração. Isso nos leva a contemplar a reflexão de Albuquerque Jr. (2000, p. 30) sobre como o sertão começou a desafiar a tradicional bipartição rígida de gênero, que sustentava a sociedade na dicotomia entre homem e mulher.

O surgimento de novas possibilidades de expressão de gênero questionava as normas estabelecidas, promovendo um novo paradigma de subjetividade, como evidenciado na transformação do personagem Ricardo em "O Moleque Ricardo", de José Lins do Rego. Esse fenômeno sublinha a necessidade constante de reconhecer e celebrar a diversidade de identidades de gênero.

No sertão baiano, assim como no romance "*O Moleque Ricardo*", encontramos a presença de indivíduos que são considerados estranhos pela sociedade local, tais como aqueles que são rotulados como "viados", "maria tomba-homem", "tonho-mulher", "bichas pretas da facada" e travestis que correm atrás e matam. Esses indivíduos foram se agrupando em áreas afastadas, criando guetos na região. Embora saibamos que esses termos foram usados de maneira pejorativa para se referir a essas pessoas, também podemos ver que eles representam a resistência que esses indivíduos criam através do medo, a fim de serem respeitados e respeitadas em um ambiente que valoriza a virilidade.

O TONHO-MULHER

Era um personagem muito próximo de **Deny**, um tio de primeiro grau, irmão de sua mãe de criação e do seu pai biológico, era um desses que desafiava essas “normas” de cabras macho, o Tonho-Mulher, na verdade era Juraci Arcanjo de Almeida (*in memória*), homem negro, de músculos rígidos, e de nariz largo.

O Tonhão como era conhecido e chamado, até parecia ser um típico sertanejo, trabalhador rural que vendia mel de abelha nas feiras livres da região.

Ajudou criar os irmãos, os sobrinhos e a ajudava a sua mãe, a avó de **Deny** nas despesas financeira, mas o “cabra” que parecia macho, se Transforma em Mulher nos finais de semana se montava, usava roupas confeccionadas sob medidas, era a tia costureira de **Deny** a irmã dele quem fazia, calças de bocas largas e jaquetas de mangas bufantes, ou se não shorts tão curtos que ele vestia com blusas que parecia vestidos de crochê.

Então, o Tonhão, passava a se chamar “O Tonho-Mulher”, apelidado pejorativamente por moradores e vizinhos do bairro, isso não impedia que ele subisse e descesse as ladeiras de pedra da cidade, nos bares se divertia, e muito obvio, que ao ser insultado, chamado de “viado”, ele um homem de um metro e noventa e dois de altura, não ia deixar barato, a confusão armada, o seu estilo de violência era o mesmo que se caracteriza os do cabra-da- peste, o Tonho-Mulher, brigava de facão, ou faca branca na mão.

Logo aquela figura pitoresca, acabou ganhando fama, ora temido, ora odiado, mas sempre se fazia ser respeitado e sobretudo evidenciava o seu modo subjetivo de ser, enquanto a sua sexualidade, nem ele mesmo sabia definir, gostava de ser o que viesse na telha como ele mesmo dizia.

Os falatórios naquela época, que remontava ainda mais fortemente as tradições, os tabus, fez com que logo família fosse desonrada, a Piluxa, a matriarca, tinha um filho viado, aquela família de **Deny**, passou a não prestar, era uma “raça” que não valia nada, que só arrumava confusão no lugar.

Embora, pareça soar um tanto de memória, essas narrativas evidenciam como esses personagens foram reelaborando as transfigurações de sexualidade e gênero no sertão baiano, e nesses movimentos, fenômenos que se deram e constituíram de forma muito singular e subjetiva, enfrentamentos de violências e estigmas.

Essas colaborações foram trazidas para a região que embora remota, e que inclusive ainda preserva as características primeiras da tradição, outros personagens desviantes, que de certa forma também começaram a compor a cultura do sertão.

Na cidade de Senhor do Bonfim e região acredita-se que há uma maior aceitabilidade em relação as questões de homossexualidade e Travestilidades, mas por certo, é que foram as práticas subversivas dessas Bichas e Travestis ancestrais que abriram as possibilidades para um outro “ser-tão” “Trans(e)Viado”.

A presença de homossexuais, travestis e transexuais na vida social e cultural de Senhor do Bonfim tem como marco a década de 1980. É nesse período, que movimentos que tinham por objetivo a luta pelo reconhecimento de direitos humanos, sociais e culturais, tais como raça, gênero, sexo, dentre outros vão surgir, tanto nos grandes urbanos, como nas pequenas cidades, despertando na população o sentimento de estarem vivendo uma nova época, inevitavelmente marcada pela presença de grupos sociais que foram historicamente excluídos e segregados. (RIOS, 2022, p.29 apud. GOHN,2005.).

Outros personagens foram emergindo, sempre ocupando esse lugar do temido, do escondido, que apareciam em momentos pontuais, em que as mobilizações culturais abriam mais fronteiras, como, por exemplo, nos festejos carnavalescos da cidade, embora essa festa não seja principal em Senhor do Bonfim, e no São João onde as manifestações abriam e abrem maior, possibilidades para pessoas LGBTQA+, assim os “[...]blocos de rua, grupos folclóricos, guerra de espada e quadrilhas juninas [...] constitui um espaço marcado pela presença de homossexuais, lésbicas, travestis e transexuais” (RIOS, 2022, p. 103), na região.

Deny em sua infância, pôde acompanhar de perto esses personagens, já que a residência de sua família localizada entre a rua Avenida Morgado e a rua Operários da Leste, vamos, assim dizer, que era o ponto de concentração para uma diversidade de pessoas, sobretudo, as Bichas

e as Travestis, claro que a recomendação era sempre ficar longe, porém, era ali, naquelas ruas que começavam o fervo das apresentações ou vai vem de gente, já que também, por aquelas redondezas ficava localizada a casa dos viados¹².

A PASSISTA MÁRCIA-CABRITA NO SEMIÁRIDO BAIANO

Uma dessas personagens que **Deny** sempre presenciara era uma Travesti negra, fundadora e passista de um bloco de rua, escola de samba que desfilava no pequeno festejo carnavalesco de Senhor do Bonfim, Márcia Cabrita, aparecia mais comumente e especialmente nessa época, geralmente nas tardes de domingo de carnaval, o corpo magro, envolto em fantasias brilhosas e com muitas penas de pavão, a máscara confeccionada com lantejoulas quase sempre lhe cobriam a cara, numa espécie de penumbra, de fuga.

Essa singularidade do sertão destaca o meio social (sertão) e o sujeito (sertanejo) numa relação de plena transformação e ressignificação. Existem mais cores, flores e sonhos no semiárido do que se costuma vislumbrar, para tanto, faz-se importante a carência dele se perceber no seu cotidiano ferver suas subjetividades por uma nova relação ética-estética-política. (SANTOS; SALLES, 2018).

A Márcia-Cabrita como que ia dando espaço apenas os fluxos dos movimentos do balançar das plumas, que se sacudiam de acordo com aquele corpo que fazia o movimento, influenciado pelo batuque das caixas e surdos, e ela vinha como que se rastejando em pleno o sol que ainda demora de se pôr, muitas vezes o brilho dos bordados da fantasia batia em outras peles, em outras roupas, em outros corpos que lhe assistiam.

“Meu Deus, deixai que ela desfile na avenida do Céu plenificando a felicidade que brotava dos olhos seys...”

(Paulo Batista Machado, 2016)

¹² Casa dos viados, era uma residência de um grupo de gays e travestis da cidade de Senhor do Bonfim-BA, que se localizava na rua Operários da Leste, esse grupo era responsável por peças teatrais, trabalham com ornamentações de festas, com a ornamentação dos festejos juninos da cidade, dentre outras atividades. A presença e fluxo desses sujeitos, logo fez com que a população do bairro, usasse esse termo para fazer referência a essa residência, que na verdade era uma espécie de ateliê.

Figura 24- Márcia Cabrita- *In memoriam*



Fonte: Imagem disponível no <https://blogdobamberg.blogspot.com>. 2016.

Certa vez, uma pluma caiu no chão, e o vento levou até a **Deny**, ela se abaixou encantada pegou, mas ao observar que a Marcia-Cabrita lhe olha tratou de devolver, como de sussurro ela disse essa pena é cara moninha, mas fica com ela de lembrança bicha, e o tambor se aproximou encerrando o breve diálogo.

A Márcia-Cabrita, foi uma das ancestrais que se desfez das normalidades da cultura do sertão, tornando-se referência, militava sem ter conhecimento de causa, sem entender sobre sexualidade ou gênero, o seu corpo era sua maior militância e resistência.

A presença desses corpos, desviantes, desfigurados do semiárido, embora muito pouco evidenciados, iam promovendo essas rachaduras que mesmo quando ainda o tabu era o auge, promovia outras possibilidades já que iam se (des)colocando em cena.

Isso não quer dizer que as dificuldades, as violências não lhe fossem atribuídas, como ainda são, porém, essas manifestações de desafio faziam com que os caminhos fossem sendo permeados, para que outras possibilidades de singularidades não normativas fossem se acoplando e se espalhando no semiárido baiano.

Aqui nessa região em especial a região de Senhor do Bonfim, a cena de uma cultura subversiva, sempre colocou em xeque as padronizações e as produções cisnormativas, os corpos e corpos eram produzidos e faziam ser vistos sempre de maneira performativa, Travestis e Transexuais que não procuravam passar pela cisgeneridade, mas sim, se colocar na rua, na festa, na labuta, o Mutart foi um movimento de possibilidades para as Travestis e Transexuais do semiárido baiano.

Fundado no final da década de 1980, o Mutart Gay, como ficou conhecido posteriormente, tinha por objetivo dar visibilidade aos gays e as travestis da cidade por meio da arte. [...] O Mutart se constituiu enquanto movimento artístico, que buscou assegurar a visibilidade aos corpos de gays e travestis, classificados como corpos estranhos, não quistos e, portanto, indesejados, peça importante no enfrentamento de gênero. Considerados/as estranhos/as os gays e as travestis que compunham o Mutart esquivaram-se das concepções que vislumbravam a existência de um corpo que designam o que é ser homem ou mulher, por exemplo, pênis e vagina, azul e rosa, acessórios masculinos e femininos, teríamos um corpo inerte, uma vez que sempre se produz outros modos corporais de viver. (RIOS, 2022, p.29).

Essas personagens foram compondo e participando dos processos subjetivos de **Deny**, as peças teatrais que ela visualizava nos “fórrógritos” da rua Operários da Leste, com aquelas figuras extravagantes, que causavam medo, pelos boatos que delas se falavam, não mexa com as Travestis que elas batem, e ao passo que as perucas coloridas, os vestidos e os sapatos de salto super altos encantavam.

Observar o fenômeno cartográfico que aqui se instaura, pois **Deny** é afetada por essas artes, por essas personagens desde a infância, adolescência e volta a refazer a cena, a performance, a teatralidade, a Transformar a cultura da região mais uma vez, em outra potência, em outra frequência, em outra Transfiguração, mas ainda assim afetada, pois quando “ às práticas culturais assinam novos conflitos sociais e simbólicos, formam sujeitos que protagonizam lutas nos campos sexuais, geracionais, étnicos, em forma de resistência, subversão, descontinuidades e transgressões.” (SANTOS, 2018).

Sempre é possível desestruturar as estruturas de poder existentes, independentemente da rigidez e segurança que possam apresentar, como é o caso do machismo enraizado na cultura nordestina. Essa desestruturação pode ocorrer por meio da desarticulação de organizações capitalistas e cisnormativas, evidenciando assim que corpos e sujeitos minoritários possuem potencial para promover micro revoluções.

De acordo com Deleuze e Guattari- (1980), a sociedade pode ser compreendida em termos de planos, que podem ser rígidos ou flexíveis. Instituições, Estado, poderes, organizações, sexo e gênero são exemplos de produções segmentares que são resistidas por suas funções e organizações burocráticas em escalas maiores, o que é conhecido como molar.

O autor Guattari argumenta que as "molecularidades" correspondem às nossas pequenas revoluções, gerando linhas de fuga e rupturas que resultam em agenciamentos. Essas revoluções são vistas como "moleculares", proliferando a partir de uma multidão de possibilidades de transformação, incluindo devires mutantes, como o devir-mulher. Elas nos ofereceram inúmeras oportunidades de inventar e "maquinar" novas sensibilidades, inteligências de existência e uma nova doçura para a vida. (GUATTARI, 1980, p. 139).

É na "molecularidade" que podemos entender como as Travestis, Transexuais e Bichas afeminadas no semiárido baiano se tornaram sujeitos/as que desafiam a "naturalidade" do ambiente e da cultura, exibindo a (des)construção das relações de poder presentes na região do sertão e em sua cultura.

Embora os conceitos de molaridade e molecularidade ofereçam uma análise mais profunda e perspectivas de interpretação e discussão, este texto tem como objetivo apenas destacar e referenciar brevemente outro fenômeno perceptível: corpos Trans(e)Viados. Esses corpos permitem a criação de novas perspectivas além das representações convencionais, abrindo caminhos que se dividem em duas direções distintas. De um lado, há as massas ou fluxos, com suas mutações, conexões e precipitações; do outro, as classes e segmentos, com suas estruturas binárias e linhas de sobrecodificação em benefício de uma das partes. Conforme Deleuze e Guattari (2012, p. 110), essas bifurcações geram novas possibilidades de compreensão e questionamento das normas estabelecidas.

A cultura do sertão é influenciada pelo machismo, falocentrismo e patriarcado, que glorificam o "cabra-macho" e a "cabra da peste" como modelos ideais de sertanejo. Infelizmente, essa cultura valoriza um discurso inflexível e uniforme, refletindo a aridez do solo no sertão durante as secas.

Contudo, quando chove no sertão, as águas fluem pelos labirintos de rachaduras, produzindo uma mudança na consistência do solo argiloso. Isso o torna maleável e moldável, permitindo que seja moldado e transformado de várias maneiras. Em termos de discurso, isso se traduz em duas abordagens distintas - uma em que as condições são rígidas e homogêneas, e outra em que são flexíveis e mutáveis em uma escala imediata (Deleuze e Guattari, 2012).

TRANS-RELATO-PERFORMÁTICO ATRAVÉS DO ATO, DO BARRO.

*“Se houver outra vida, voltarei
Travesti.”*

(Jakeliny Muricy, 2023)

Figura 25-Além do corpo que se vê pela janela, ELA.



Fonte: Fotografia das redes sociais de Jakeliny Murcy, 2020. Disponível em https://www.facebook.com/Jakeliny.alvessilvamuricy/photos_by.

A menina cresceu, fechou o circo no quintal
 no abril menstrual, mas o peito floresceu
 o que há de mal
 viu mulher como ela em revista
 era mista
 era vista
 era artista
 era ela

Na boate gaivota no beco de idas e voltas
 um homem a viu mulher com beijos de Hollywood
 noite olhos de gude ardente mulher
 vai menina levada, alma lavada, proibida amada o medo é nada no peito em chamas
 chama que eu vou, voou para Belo Horizonte, parece até que foi ontem
 me fez amor, me fez horror, me fez mulher
 Manchetes de carnaval das capitais o aval
 O que há de mal eu lhe pergunto
 O que há de mal?
 De Milão, Salvador, Bonfim elas só querem um sim
 Ela deu, vendeu, rendeu seu coração de atriz
 Viveu por um triz romances proibidos, queridos, feridos
 Mas onde estão seus maridos?
 Junta os cacos e voa por dentro de si
 Eu vos apresento
 JAKELINY MURICY¹³

¹³ Canção “Nas assas da gaivota” letra de Reginaldo Carvalho e Raiane Souza, retirada do documentário “JAKELINY MURICY- VIDA E OBRA DE UMA ARTISTA TRANS SERTANEJA”, faz referência aos processos subjetivos da artista. Está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6GEmzf8ouiU>

FALAS EXTRAÍDAS DA VIDA E OBRA DE UMA ARTISTA TRANS SERTANEJA

Da rua Salustiano Figueredo número cinquenta e oito, uma família de sete pessoas, eu dei trabalho para nascer, eu nasci com o cordão umbilical enrolado no pescoço.

Tudo é naquela casa os meus momentos a minha formação como sujeito, em 1979 meus pais vendo que aquelas brincadeiras que eu tinha de infância, de brincar de boneca, já não era mais uma coisa de infância, já estava na minha persona mesmo. Eles resolveram me levar para fazer tratamento com psicólogo, com neurologista, na verdade acho que eles queriam que eu fosse louca ao invés de ser quem eu sou.

Eu sabia de tudo, eu sabia quem eu era, o que acontecia comigo, os meus desejos, as minhas vontades, mas era muito pesado aquilo. Eu achava que era pecado, eu achava que eu traía meu pai, eu achava que eu traía minha mãe.

"ME VI OBRIGADA A IR EMBORA DE BONFIM." ...

Onde é o caminho

Onde é o passo, a estrada, que leva

Onde é essa experiência, do mundo

No mundo perdida, me encontro

Invento afetos,

Amores, as dores me dão

Invento, recrio

E volto, volta, volte

Tudo culpa desse corpo

Quem inventou ele? eu, vocês

ele, ou eu invento, reinvento em qualquer lugar no litoral ou no sertão.¹⁴

Figura 26-Preparação para o espetáculo da vida Travesti.



Fonte: Foto de Darlan Barreto no facebook Bonfim em Cena, capturando Jakeliny Muricy em 10 de fevereiro de 2015. Imagem editada para compor a estética dessa dissertação.

¹⁴ “Aonde”, poema escrito por Denyse de Almeida dos Santos, para compor essa dissertação de mestrado.

Esse balé que o poder de você botar um bolo de argila nesse lugar e ele vai transformando, transformando se fazendo é igual a vida se desfazendo e refazendo e começando e caindo e levantando...

E o barro, o barro de Nanã, Nanã empresta o barro à Oxalá pra construir o ser humano, Nanã empresta o barro para fazer a gente e é isso é o poder da argila, o poder do barro e o poder da transformação é a vida em movimento é o ser humano é a terra é o fogo é o ar ...

Hoje eu me mudar sair de dentro de mim e não usar somente o coração parar de cobrar os fracassos, soltar os laços e prender as amargas da razão...

Voar livre com todos os meus defeitos para que eu possa libertar os meus direitos e não cobrar dessa vida nem rumos e nem decisões. Hoje eu preciso e vou mudar vou dividir no tempo somar no vento todas as coisas que um dia eu sonhei conquistar porque eu sou MULHER como qualquer uma...

Com dúvidas e soluções, com erros, acertos, amor e desamor. Suave como uma gaviota também felina como uma leoa tranquila e pacificadora ao mesmo tempo irreverente e revolucionária.

Feliz e infeliz, realista e sonhadora, submissa por condição, mas independente por opinião, por que sou MULHER com todas as incoerências que fazem de nós um forte sexo frágil¹⁵...

¹⁵ Esse texto parte de trechos da fala da Artista Jakeliny Muricy, em seu documentário “JAKELINY MURICY-VIDA E OBRA DE UMA ARTISTA TRANS SERTANEJA” - 2022, disponível no: <https://www.youtube.com/watch?v=6GEmzf8ouiU>, esse trecho foi autorizado pela artista para compor sua fala performance nessa dissertação desde que devidamente referenciado

Figura 27-Uma Deusa Travesti, que dá vida ao barro.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=636780073122862&set=pb.100003726240381.-2207520000.&type=3>, Facebook da artista Jakeliny Muricy, em 5 de junho de 2015.

FALAS DE UMA VIDA VIVIDA.

Confesso que até pouco tempo atrás eu não tinha ciência, que tudo que eu fazia e faço na minha vida, fosse uma militância, hoje tenho essa noção e por isso, sempre contribuo com meus relatos, pois, além de trazer à tona um sertão que vivenciamos a tempo atrás, e que era muito mais difícil, também evidencio as possibilidades de viver, de resistir às violências, e tudo isso é um ato político.

Quem foi me chamando a atenção para esses movimentos foi Paulinho Vasconcelos, que já não está entre nós, mas que como homem gay, professor, artista, militante, jovem também foi um símbolo de resistência nesse lugar tão machista, Transfóbico e Homofóbico, nas conversas que eu tinha com ele e ia contando os tópicos que eu vivi, e continuo vivendo ele percebeu a possibilidade de transformar esses relatos em atos de evidenciar minha travestilidade então, fui despertando esse lado em mim, através dessas vivências.

Ser e viver essa Travestilidade, essa Transexualidade no sertão baiano é tão desafiador quanto viver no Brasil, eu já tive outras experiências em outros estados do Brasil e as violências sempre acontecem, claro alguns lugares a tendência e a cultura produzem mais

violências para os nossos corpos, pois eles não foram feitos e nem educados para estarem nisso que chamamos de sociedade.

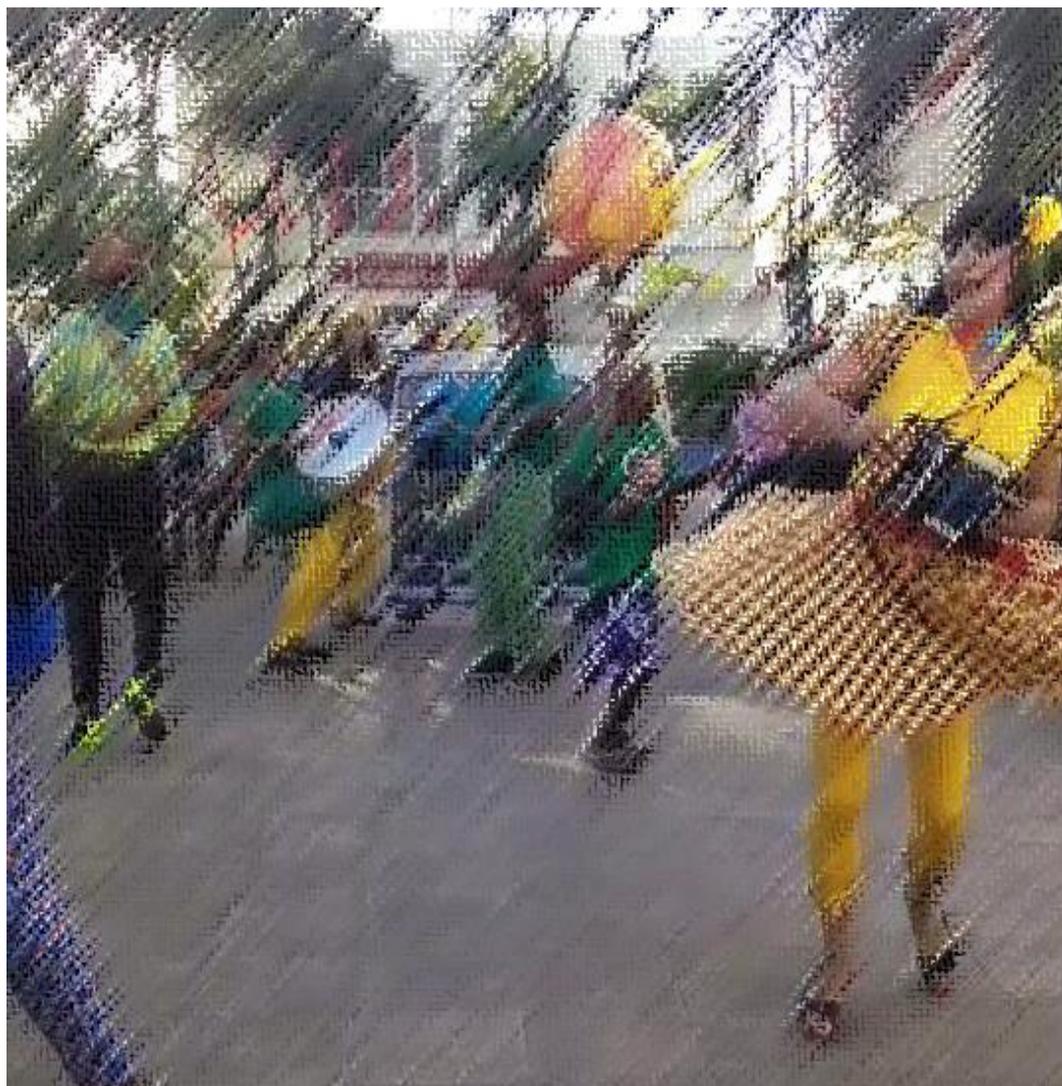
E tudo é uma sociedade, nossa casa é uma sociedade, e na maioria das vezes é nessa sociedade/casa que começam as violências, onde não somos aceitas, e assim temos que nos reprimir, reprimir nossas vontades e desejos, eles vão se expressando de outras maneiras, como meio de fugas, de fugir das violências, fazendo essas pequenas revoluções e manifestações.

Foi assim que arte entrou na minha vida, como um curativo mesmo, como uma fuga, desde a infância fui desenvolvendo essas habilidades para arte, para sair de mim e me encontrar comigo mesma, todos na minha casa viam apenas como uma brincadeira, mas era muito mais.

Na infância e já na vida adulta, foi através da arte que eu me expressava, até mesmo para ser “aceita” nessa sociedade e para mostrar que nossos corpos podem estar em qualquer lugar.

A arte para mim, foi também uma salvadora da minha autoestima, pois, a gente é sempre preterida, negada, negligenciada, depreciada em todos os quesitos e em quase todos os cantos, em casa, na rua, mas na arte a gente pode ser quem quiser e o que quiser.

Numa sociedade tão patriarcal, fãlica e sertaneja por excelência, você se destonar, se olhar e perceber no espelho que você não é e não quer ser um “cabra-macho” e tudo que é imposto para você não é fácil, para mim que peguei uma época em que as violências para conosco eram ainda mais, muito mais fortes, não foi fácil, estar aqui hoje, carece muito de resistência, de força, de estratégias. **(Relato de Jakeliny Muricy, em entrevista no dia, 18/01/2023).**

Figura 28- Apalhaçaria Travesti

Fonte: https://www.facebook.com/Jakeliny.alvessilvamuricy/photos_by. Imagem reeditada para compor a estética dessa dissertação.

Mas mesmo assim, teria feito tudo novamente, embora todas as portas fechadas, todos os cancelamentos e negações, e claro aqui no sertão muito mais, não me arrependo, foi preciso sim assumir literalmente o papel de mulher-macho, pois acordar e dar de cara com os ditos machões carecia dessa força e dessa coragem.

Mas esses mesmos machões, nas doze badaladas da meia noite, nos chamavam de deusas, rainhas e até pediam nossas calcinhas para vestir, mas a luz do dia tornava-se nossos algozes, pois é assim que a cisgeneridade funciona, na hipocrisia.

Mas, contudo, ser Travesti, ser uma mulher Trans aqui no sertão ou em qualquer outro lugar, foi e é uma felicidade, e digo que se houver outra vida eu voltarei Travesti,

subimos um ou dois degraus e graças essas nossas resistências, é um avanço ainda que pequeno, mas em outros tempos quem iria imaginar que eu uma Travesti iria estar sendo objeto de pesquisa, de entrevista, falando de mim para uma dissertação de outra Travesti.

Eu nunca aceitei esse lugar de chacota, de servir de circo para ninguém justamente por isso, por saber que sou antes de tudo humana, tive que me costurar, me fazer, muitas vezes sozinha, mas sempre acreditando que nós podemos e devemos ser quem quisermos ser, como quisermos ser, onde quisermos ser, ser livre, ser plena, ser TRAVESTI. **(Relato de Jakeliny Muricy, em entrevista, no dia 21/01/2023).**

No sertão da minha terra, Teve uma luta
pra contar,

Mulheres travestis e bichas afeminadas
Que enfrentaram a opressão sem recuar.

No tempo em que o preconceito era
forte,

Era difícil ser quem se é,

Mas elas resistiram bravamente,

E com alegria e viagem, coloriram o
sertão de fé.

Ganharam destaque e respeito,

Abrindo as portas para muitas outras,

Mulheres travestis e transexuais,

Assim como gays,

Viver sem medo de suas loucuras.

Com suas roupas coloridas,

E seus corpos tão bem montados,

Elas mostraram ao mundo,

Que ser diferente é ser amado.

E assim, o sertão se transformou,

Num lugar mais acolhedor,

Onde as diferenças são celebradas,

E o amor é o maior valor.

Que essa história sirva de exemplo,

De luta e de resistência,

E que a inclusão seja sempre uma

bandeira,

De paz e de convivência.

(Cordel Lutas e alegrias Transertanejas,
Denyse de Almeida dos Santos, 2022.)

TRANS-DIÁRIO-DESCOLONIZANDO A TRAVESTILIDADE NO SEMIÁRIDO BAIANO: reterritorializações a partir das subjetividades e atravessamentos em sexualidade, gênero e questões étnico-raciais de uma Travesti.

“Não basta ser preto, ainda quer ser Travesti?”

Encontrar o corpo-território vai além das percepções físicas e biológicas, envolvendo aspectos culturais, estruturais e muito mais. É sobre ir além disso, adentrando os campos reflexivos e discursivos sociais e políticos, que desconstroem e interseccionam as divisões, os limites das fronteiras, das trincheiras e das senzalas que historicamente aprisionaram e ainda aprisionam aqueles considerados "diferentes".

É inegável que, para promover fugas e reterritorializações, precisamos de afetos, descolonizações e aquilombamentos das macroestruturas que rigidamente definem as linhas, traços e laços das diferenças. Isso implica também na necessidade de destacar as produções de gênero, subjetividades e questões étnico-raciais, e todas as demais diferenças que nos distinguem dos padrões eurocêntricos em diversos contextos.

Deny, como um corpo que se inscreve em seu território, nas suas bifurcações, e que se reinventa em suas diferenças, não poderia percorrer esses caminhos de fuga e transformação sem reconhecer seu corpo-Negro-Travesti. Na verdade, as interações resultantes das produções de gênero e raça em um corpo Travesti devem sempre ser destacadas, pois é a partir delas que emergem as poderosas armas do Estado que frequentemente marginalizam e tornam inviáveis as fugas tão necessárias e possíveis para esses corpos. Portanto, é crucial continuar a fazer isso.

Apresentar uma estrutura provisória que nos permita identificar a discriminação racial e a discriminação de gênero, de modo a compreender melhor como essas discriminações operam juntas, limitando as chances de sucesso das mulheres negras. O segundo objetivo é enfatizar a necessidade de emprendermos esforços abrangentes para eliminar essas barreiras. (CRENSHAW, 2004, p. 1).

As reproduções dos discursos que afirmam que o Nordeste é a terra dos "cabra-machos" e todos os elementos que reforçam os papéis de gênero e sexualidade que destacam o patriarcado como o motor da cultura e do imaginário social da região, que estamos discutindo aqui especificamente, resultam em um complexo entrelaçamento que ao longo do tempo produziu a invisibilidade e marginalização de corpos femininos, de corpos afeminados, de Travestis e de corpos Negros. São corpos que foram subjugados, especialmente na árida região baiana.

Quando consideramos as ideias de Albuquerque Júnior (2013) sobre a fundação da região Nordeste, identidade, cultura, sujeito e os interesses que moldaram essa região, não podemos ignorar que essa região foi concebida com o propósito de promover a masculinização e, ainda mais, a oposição a todas as formas de diferença. Isso foi promovido por uma elite branca-burguesa que buscava estabelecer as fronteiras de uma região pura, rústica e masculinizada.

Assim, a imagem do sertanejo, do nordestino cabra-macho, que mesmo sendo negro não é percebido dessa forma, adquire proporções que vão além das questões de sexualidade e gênero do povo do sertão. Essa imagem nos leva a refletir sobre as diversas formas de invisibilidade que essas identidades (pré)estabelecidas provocaram e continuam a provocar.

No Nordeste há construções internas, desigualdades, lutas de classes, reproduções e expressões da unidade exploração-opressão, mas os estudos críticos hegemônicos continuam a universalizar a lógica do eixo econômico brasileiro quando vai falar de racismo, machismo e lgbtphobia, enquanto realizam reducionismos sobre as elites nordestinas[...], e escondem também as particularidades dos negros, das mulheres e dos LGBTQs do nordeste e a forma diferente de expressões das formas de desigualdade. Para mudar a realidade em sua raiz precisamos nos conhecer como um todo e em suas diferenças. A análise da questão por uma perspectiva de totalidade precisa absorver dimensões particulares dentro de uma síntese mais ampla. (PINHEIRO, 2021.).

Refletir sobre o funcionamento das engrenagens do macrocapitalismo e sua influência disseminada nos oferece uma oportunidade de movimento, talvez até mesmo um movimento subjetivo. Isso (re)configura os desejos que surgem das nossas micro-revoluções. Não podemos considerar que esses desafios estejam superados, pois o que já se insinua nas entrelinhas sobre o patriarcado parece abranger todas as manifestações de racismo e Transfobia.

O capitalismo, em sua atuação, está intrinsecamente ligado ao gênero, à sexualidade e à racialização de povos e indivíduos, bem como às diferentes regiões e culturas. Isso persiste em moldar nossas identidades e representações, impondo uma verdade, uma definição, uma condição e uma justificativa, frequentemente ancoradas em premissas religiosas ou biológicas já conhecidas.

No entanto, essas construções sociocapitalistas continuam a nos afetar, levando-nos a acreditar que ser negro, mulher ou travesti é algo fora do comum, algo que talvez nem devesse existir, independentemente do contexto em que vivemos.

Portanto, a compreensão da interseccionalidade emerge como uma necessidade premente. Ela se torna essencial para criar espaços de escape e para descolonizar as estruturas, em todas as suas complexidades, sejam elas superficiais ou profundas. Afinal, a interseccionalidade serve como uma ponte que conecta diferentes instituições e eventos, bem

como questões de gênero e raça, no âmbito dos direitos humanos. Parte do propósito da interseccionalidade é integrar as questões raciais nos debates sobre gênero, como afirmado por Crenshaw (2002, p. 8).

“Como se não bastasse ser preto, ainda quer se tornar Travesti?” Essa frase tantas vezes ouvida por **Deny**, revela como as produções sociais-capitais operam sobre os (des)interesses da sociedade, e nessas zonas, nesses buracos, onde muitas vezes, **Deny** precisou e precisa cavar, as linhas de fuga parecem ou melhor operam muitas vezes em contradição “Aqui não viado, movimento negro é coisa de macho” (OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes, 2018, p.172).

Pois as totalizações e as representações, que muitas vezes, acreditamos descolonizar, acabam por mais uma vez a nos apagar, ou mesmo não nos “representar”, já que não somos representações, mas fluxos, subjetividades que precisam ser vistas, e inclusive percebidas, como presas capturadas que lutam pela vida, para fugir, do patriarcado, do racismo, e da Transfobia, e que mais uma vez capturadas, precisam cavar os próprios buracos e sair das armadilhas para multiplicar-se.

Portanto, a descolonização a partir das subjetividades implica em ir além das representações fixadas de raça e identidade. Isso inclui refletir sobre o lugar das Travestis negras do semiárido baiano e suas singularidades territoriais, como possibilidades de outras formas de existência e de ser negra e mulher. Esse movimento propõe o autoconhecimento e a compreensão da história e ancestralidade, reconhecendo que a luta contra a "Transfobirracismo" não se opõe aos movimentos negros Cis ou Trans, mas sim instiga a reflexão sobre a necessidade de considerar outros corpos que ultrapassam as margens raciais e do racismo.

Assim, evidenciar outros territórios que necessitam de destaque. Se na obra "Crítica da razão negra", a partir do conceito de "devir-negro do mundo" (MBEMBE, 2014), convida à reflexão sobre outras possibilidades de sujeitos racializados, a partir da descolonização-Travestir, busca-se destacar as possibilidades das Travestilidades no semiárido baiano. Isso permite visualizar a colisão das estruturas e a interação simultânea das avenidas identitárias (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

Localizar o corpo como território envolve revisitar e reconhecer constantemente as estruturas do patriarcado, o que é mais do que necessário para entender para onde devemos fugir e como podemos produzir revoluções. É importante compreender que;

[...]. Neste contexto, é necessária uma dupla abordagem. Por um lado, é preciso abandonar o estatuto de vítima. Por outro, é preciso romper com a “boa consciência” e a negação da responsabilidade. Será nesta dupla condição que é possível articular uma política e uma ética novas, baseada na exigência de justiça. (MBEMBE, 2014, p. 297).

Nesse campo, que parece retórico ou confuso, não existe afirmação ou (des)legitimação, mas compreender os modelos, da necropolítica¹⁶ em suas linhas e vibrações, de onde atravessam primeiro o corpo subjetivo e posteriormente os demais e vice-versa, há possibilidade de um “devir-negra-travesti-sertaneja.”, que se inscreve em uma “consciência negra da negra”, (re)construindo o que o ocidente nos determinou, o que o sertão apagou, e fazendo com que essas reconstruções ressignifique as nossas experiências, posso ser Travesti, Negra, Semiárida Nordestina, por uma outra ótica, para além dos signos e dos elementos identitários e também através deles.

[...] o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o, a ‘manter as distancias’, ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torna-lo capaz de escolher a ação (ou sua passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais.” (FANON, 2008, p. 96).

Deny, para muitos e muitas pode parece ser a cópia, a cópia da mulher, a cópia da negra, a cópia do sertão, contudo, **Deny** está inscrita no devir, no meio, no desejo, pois o capitalismo ao capturá-la joga-a na margem, de onde ela luta pelas fugas, o corpo por mais que modificado nunca deixa de ser o mesmo, e há perigo nisso, sempre haverá, contudo ao passo que o gênero é a invenção o delírio, a cor e a raça também se inscreve nessa invenção, enquanto que o sertão é plano de eminência apoiado em uma reminiscência, do falo, do macho, das coisas inventadas pelo patriarcado outras possibilidades se inventam no micro, e **Deny** é uma dessas invenções.

Ao devir, ainda que muitas vezes não perceba, ou pareça, ou ainda que esteja capturada, sequestrada muitas vezes pois faz parte do meio e é bifurcada, mas sempre a “[...] ideia de “devir” está ligada à possibilidade ou não de um processo singularizar. Singularidades femininas, poéticas, homossexuais ou negras podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes[...], mas não podem existir em si e sim num movimento processual”. (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 86).

Nesse movimento podem e surgem as descolonizações como movimentos de reterritorializações, de fuga e devir, descolonizar o gênero, a raça, e o semiárido do sertão,

¹⁶ Conceito político- filosófico criado pelo intelectual camaronês Achille Mbembe, que situa as maneiras com o Estado/governo incide sobre os corpos que devem continuar vivos ou morrer a partir das instituições e suas ferramentas de controle. Assim a definição de necropolítica se no “uso do poder político e social, especialmente por parte do Estado, de forma a determinar, por meio de ações ou omissões (gerando condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade, em contexto de desigualdade, em zonas de exclusão e violência, em condição de vida precárias) [...]”, em <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/necropolitica> acesso: 12/1/2013.

primeiro começa se tem um começo na consciência, não no corpo em si, mas na singularidade, inscrevendo nessa consciência do contraponto das invenções do capitalismo, do patriarcado e é por isso que raça e gênero caminham lado a lado, misturados com os territórios, com as culturas, com as sociedades numa espécie de rizoma.

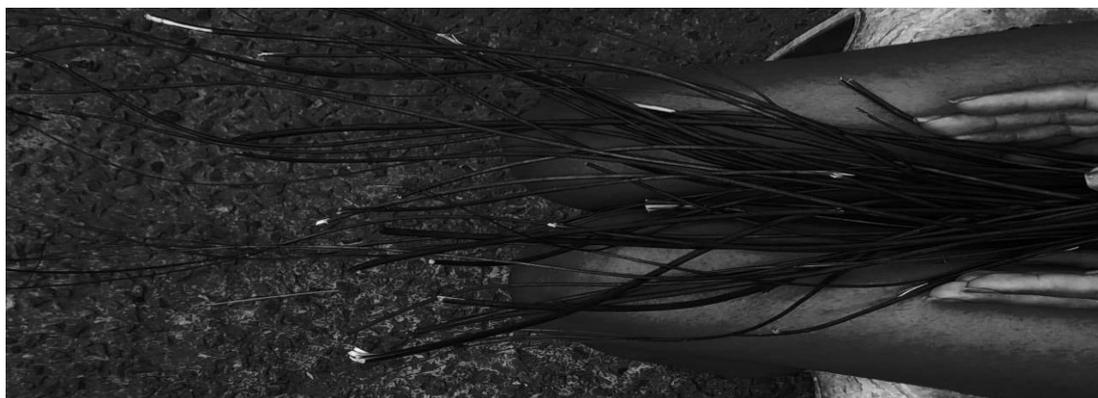
É possível perceber, que a partir dos processos subjetivos de **Deny** e das outras Travestis do semiárido que aqui se apresentam, há diversidade nas maneiras de reivindicar o seu espaço, a sua existência, a sua solidão, a sua negritude, a sua liberdade.

Localizar essas Travestilidades, essas negritudes em suas subjetividades, é encontrar infinitas Travestilidades, infinitos sertões, infinitos ser negra, ainda que não digam o ponto, o lugar, o caminho e é aí que se faz a beleza, ou tristeza.

Ao revisitar e reivindicar o sertão, a Travestilidade, a Negritude e os apagamentos desses nesse território, formula-se ao mesmo tempo um manifesto, um grito que diz que apesar das necropolíticas produzidas pelas identidades culturais, como e por quem foi inventado o sertão. Mostra-se que sempre haverá diferenças, e nessa quebra, despercebida, não vista, ou que fingem não ver é que acontecem os devires, e as descolonizações.

É que a necropolítica de fato vai incidir sobre o corpo de **Deny**, para além da raça, mas capturando também as questões de gênero e espaço. O território sertanejo opera aqui como colônia que se apropria da geocultura em suas mais diferentes relações, com o objetivo de “conter os espaços periféricos dentro da sua subalternidade.” (OLIVEIRA, 2018, p. 52), assim a necropolítica, atinge o corpo da Travesti-sertanejo fazendo com que sejam “submetidos a condição de vida que lhes conferem o status de ‘mortos-vivos’.” (MBEMBE, 2016, p.146).

Figura 29- A cor e a raça da sertaneja.



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal de Denyse de Almeida dos Santos, feita por Jeferson de Lima, em fevereiro de 2023, para compor essa dissertação.

Deny vai fazendo surgir os seus quilombos, as vezes percebidos vazios derrotados, mas ao passo que vão sendo afetados, acessados, trocados, conhecidos, ligados, há aquilombamentos de Travestis, e o “quilombo, dessa vez em um nível mais abstrato. Trata-se da força movedora que atravessa[...]” (SILVA,2020, p.13), as negras, sertanejas, do semiárido baiano, que se aquilombam na diferença, na singularidade e que inclusive acolhe outras vistas estranhezas, ressinificando, pois, “há uma singularidade em devir que alimenta simultaneamente de diferenças entre o Negro, tanto do ponto de vista étnico, geográfico como linguístico, e de tradições herdeiros do encontro com todo o mundo.” (MBEMBE, 2014, p. 167).

<p>No sertão tem quilombo, terras de índios africanos Tem mulheres Travestis, eles nos caçam entre os galhos secos Que florescem com a chuva e o cajueiro revive em verde talharim No quilombo Travesti eles tentam me matar Ao verem meu corpo que faz parte do lugar, Esse corpo negro, nem fêmea nem macho Os dois Femme e macho, produzida, desafiando a natureza e o lugar E se não digo que sou Travesti, que sou Negra? É porque sou livre, sou sertaneja do lugar.</p>	<p>Mas eles querem me eliminar, me esconder, me apagar, me matar, eles não acreditam em mim. Eles acreditam no meu quilombo, e temem, e gemem, e tentam me matar E quando acham, me matam todos os dias, me queimam, me açoitam Mas eu volto, eu fico, eu revivo esse 'negroterio', a esse cemitério de cabeças secas de vacas, de bois, que não bebem água. Pois no meu quilombo, tudo é sertão, tudo é florido, tudo é água e tudo é permitido, Travesti, Negra, sertaneja impossível. (Denyse de Almeida dos Santos, 2022).</p>
--	--

Com frequência, a busca por uma identidade Travesti pode implicar em camuflagem, na adoção de elementos da cisgeneridade como uma forma de sobrevivência. **Deny**, habitando um corpo atravessado por questões de gênero, Travestilidade e raça, sempre esteve em alerta diante dos perigos e riscos que enfrenta. Caminhar sozinha requer estratégias, pois seu corpo é constantemente afetado tanto pela condição Travesti quanto pela negritude. Seguir as expectativas da família e da sociedade, sem margem para erros ou desvios, às vezes requer uma batalha contra adversários invisíveis.

As culpas e dúvidas que frequentemente recaem sobre o corpo Travesti e o corpo negro, estigmatizando-os como subjugados, incapazes, loucos ou desequilibrados, mesmo diante de inúmeras resistências, fazem com que o corpo de **Deny** muitas vezes se perca na multidão, não porque ela se camufla, mas porque o corpo Travesti e o corpo dessa mulher negra são frequentemente relegados a um espaço não reconhecido.

A interseção do racismo e da Transfobia manifesta-se em diversas formas de violência e violação, frequentemente deslegitimando a existência de **Deny** continua a lutar contra essas forças, mesmo que esteja muitas vezes só. Essas violências são muitas vezes justificadas pelas necrofilias, que até mesmo se apropriam dos discursos de **Deny** para exemplificar seu modelo de "resistência" ou seu modo de viver como Travesti.

No entanto, o silêncio ainda prevalece, mesmo que **Deny** tenha muitas oportunidades valiosas, e aqueles que poderiam dar apoio preferem ficar em silêncio, esperando para ver como a vida de uma Travesti se desenrola antes de se manifestarem. Ela sangra, mas sobrevive, e mesmo que tenham duvidado dela, **Deny** nunca duvidou de si mesma

As dúvidas persistem, as vozes se calam e contribuem para a morte que assombra a Travesti, uma morte que ocorre por ser Travesti e por ser Negra. No entanto, **Deny** não será morta agora. Ela já aprendeu a viver, a identificar seus inimigos, a navegar pelos desafios, a se camuflar, a sangrar e a se curar, a enfrentar a exaustão ou ser arrastada, mas sempre a gritar aos quatro cantos que "A gente combinamos de não morrer." (EVARISTO, 2014, p.107).

! Nunca serei mulher, eu mesma, nunca serei pessoa, senão minha própria pessoa."

(Beatriz do Nascimento, 1990)

Figura 30- Corpo-aquilombado.



Fonte: Arquivo pessoal de Denyse De Almeida dos Santos, fotografia feita por Jeferson de Lima, em fevereiro de 2023, para compor essa dissertação.

Diante das intrincadas complexidades e das frequentes incompreensões que cercam a identidade Travesti e suas diversas manifestações, **Deny** emerge como uma força propulsora a partir de seu próprio corpo, resistência, discursos e permanência no território semiárido da Bahia.

Sua missão é provocar reflexões que repensem a compreensão da sexualidade em contextos políticos e educativos. Muitas vezes, esses contextos adotam discursos de apoio, mas acabam se reduzindo a uma manutenção das narrativas e práticas hegemônicas relacionadas aos corpos e sexualidades Trans e Travestis.

Deny, assim como outras Travestis do semiárido baiano que compartilham suas experiências, demonstra que, para além da resistência em uma sociedade construída sob influência de elementos que historicamente apagaram e ainda apagam seus corpos, elas continuam a resistir e, mais importante ainda, criam suas próprias estéticas de vida.

Apesar das violências e das influências da cultura do sertão que reforçam estereótipos, as "Trans-áridas," por meio de suas experiências e processos pessoais de (re)invenção, buscam uma nova forma de existência.

Embora as Travestis às vezes possam reproduzir práticas cisgêneras como forma de autopreservação, estão, na verdade, descolonizando o espaço tradicionalmente associado ao "cabra-macho" nos sertões, que foi estabelecido como norma pela hegemonia. Esse processo abre caminho para uma redefinição da própria identidade, sem restrições, permitindo uma reflexão sobre a contemporaneidade e uma "Estética da Existência" (SILVA, 2006, p. 01).

Nesse contexto, **Deny** não se limita à mera resistência, mas evidencia sua existência, indo além ao se apresentar como uma inovação na arte de viver. Ela se reconhece como Mulher, Negra e Travesti, reinventando essas categorias ao desafiar e experimentar novos padrões. Dessa forma, **Deny** desafia as normas sociais estabelecidas, inspirando outros a também se reinventarem e a questionarem as categorias impostas.

Em meio às encruzilhadas das questões de gênero e raça, com todas as suas possibilidades e limitações, **Deny** busca a descolonização, mostrando que, mesmo nos sertões, é possível desafiar e questionar o que se acreditava ser inalterável. Como mulher semiárida, Negra e Travesti, ela desafia as normas convencionais e convida outras pessoas Trans e Travestis a se unirem a ela na subversão, na resistência e na construção de novas formas de ser e de viver, criando, assim, um verdadeiro refúgio de liberdade.

TRANS-RELATO-PERFORMÁTICO EM FORMAS SUBJETIVAS DE VIVER, NO SERTÃO ADENTRO, HÁ AQUILOMBAMENTOS DE CORPOS DIFERENTES TRAVESTI.

RELATO DE UMA TRAVESTI NEGRA SEMIÁRIDA QUE LUTOU E LUTA PARA VIVER EM UMA LIBERDADE E SUA PRÓPRIA DECOLONIDADE.

Bem, eu nunca falei assim da minha vida, das coisas que eu vivi e eu vivo, para alguém da faculdade, nem sabia realmente que essas coisas eram importantes. Eu me chamo Maria José, pelo menos é assim que eu gosto que me chamem.

Mas o povo, a maioria me chama de José Maria, ou José da Maria, pois, esses nomes todos têm uma história na minha vida, pode ser que seja triste para algumas pessoas se eu contar, mas eu até gosto, e dou até risada quando fico aqui ouvindo as músicas e lembrando quando comecei a ser assim num sabe?

É que desde pequena eu sempre gostei de frequentar terreiro de candomblé e isso antes era visto como aberração, misericórdia, eu ia sempre com minha mãe a gente ia escondido do meu pai, mas quando ele descobria era uma briga aqui em casa.

Eu sei que a gente sofria muito, porque minha mãe sempre foi mulher de cor mais escura, negra como chama né? E isso a família do meu pai não gostava, pois, meu pai era caboclo “cabo-verde” era só queimado do sol. Mas imagine naquela época uma mulher preta e macumbeira sofria.

Eu fui crescendo assim e quando a gente ia para as festas dos santos no terreiro. Eu gostava da festa do povo da rua que são os exús e as pomba-gira né? Eu lembro que a primeira vez que vi ela, aquelas roupas rodadas vermelha e preta, as joias, o perfume, ela com a taça de bebida na mão, eu fiquei encantada. **(Relato de Maria José, em entrevista maio de 2023.)**

**Encontrei a Pomba Gira No meio da encruzilhada
Com seus olhos de fogo e sua saia rodada.**
(Maria José, 2023).

Figura 31- bicha de fé?

Fonte: Registro feito em 9 de março de 2023, no distrito de Cariáca-BA, vela acesa para orixás africanos

Naquele momento eu queria experimentar, então, daquele dia, eu comecei a imitar, vestia as saias de mamãe escondido e ia pra o terreiro pra debaixo do pé de “licúri” pra painho e mamãe não me ver, um dia papai me pegou lá mesmo ele tirou o cipô seco do licúri, mas me bateu tanto, que o sangue desceu.

Não teve jeito, o desejo é que move a gente né? E na minha cabeça e no meu coração era assim que eu queria viver, eu nem pensava em sexo, e homem, porque eu era criança ainda isso veio depois né?

E assim fui crescendo, mamãe com a fama de macumbeira, de bruxa, de nega do feitiço e eu e minha irmã não tinha amizade, pois o povo não deixava a gente brincar com os filhos né?

Eu quando fui pra escola já era bem afeminado, ai esses meninos que até hoje eu conheço, começam a me caçoar de viado preto, bichinha da Maria, ai eu não aguentei e sai da escola.

Papai também se isolou dos amigos e da família, pois ficavam criticando ele, porque aqui dentro dessas roças o preconceito era de mais, hoje ainda tem mais não é como antes, já tem mais, agora por aqui tem sapatona, tem viado, tem tudo pagando a língua dos falador né?

Mamãe morreu, meu pai entrou na bebida minha irmã casou e eu fiquei sozinha e Deus, e meus guias, foi eles e no terreiro que eu ia que achei apoio, comecei ir para outras festas as casas de umbanda e candomblé aqui pela cidades vizinhas e o preconceito ia aumentando, pois eu comecei me vestir de mulher e depois que fui descobrir que eu era Travesti, com mais de 20 anos, fui numa casa e lá tava uma Travesti bem bonita, aí ela me disse para eu tomar hormônio, colocar silicone se eu quisesse ela me levava, mas eu nunca quis.

Eu sempre quis sô assim, me vestir, adoro roupas longas saias longas rodadas, é por isso, que sou apaixonada pela minha pomba-gira, o nome dela também é Maria, a Maria Padilha. E assim o tempo foi passando, mas eu sofri muito já vieram me bater aqui sem eu fazer nada, arrombar minha porta, mas eu nunca baixei a cabeça.

Eu sempre mostrei que eu posso ser assim, mulher, mas eu também sou homem, e por isso me chamo Maria pois, é a parte feminina, né e aí trago comigo minha mãe, minha pomba-gira e a parte masculina que é do meu pai.

Teve até uma época que minha irmã queria me levar pra São Paulo, com medo, pois eu tava aqui sô, mas eu nunca tive vontade de sair disso aqui, eu gosto da minha roça e quem não gostar de mim, que se mude, quem não quiser me ver que fure os olhos. Hoje quase todo mundo aqui me respeita, ninguém bole comigo não.

Mas eu tive que brigar muito pra isso, porque eu acho assim a vida é minha, eu vivo da forma como eu quiser, como dizia minha mãe cada cabeça é uma bola do mundo e a cada um vai o que quer né verdade?

E vou falar que esses que antes se dizia cabra-macho e até hoje né, quando é de madrugada tão batendo na minha janela ou na porta do meu quintal, pra dormir comigo. Mas hoje eu tenho uma pessoa que ele não gosta que eu fale, pois ainda hoje o povo tem preconceito toma parte das vidas alheias.

Mas eu sou feliz assim, tem dias que não quero me arrumar, aí visto roupa de homem mesmo, não tiro a barba, mas aí quando eu quero ficar bonita, tiro meu "chuchu", depilo minha sobrancelha, coloco meus vestidos minhas bijuterias, me perfume e vou sair por aí, tomar minha cervejinha, ou vou pros candomblé, que ainda hoje eu vou.

E assim fui e vou vivendo, da minha maneira, me inventando, mas sempre feliz, eu vivo aqui com meus bichos vendo minhas galinhas, os porcos, tenho uma cabeça de bode, coloco minhas cartas e assim vou vivendo com pouco e minha irmã também me ajuda todo mês né? Ela manda um dinheirinho pra mim.

E essa é um pedacinho das coisas da vida dessa Travesti velha, hoje eu com 53 anos, eu terminei meu ensino médio no EJA, mas ainda é difícil arrumar emprego né e eu nessa idade, aí até me aposentar pelo fundo rural, vou vivendo assim, mas como falei sou feliz, bonita, alegre.

E ninguém tira isso, esse foi o jeito que eu inventei, que eu achei pra ser feliz. É muita coisa para falar, não tem como a agente dizer tudo, mas fica essa lição.

Ser uma pessoa de cor, ser assim né mulher, nunca vai ser fácil nessa sociedade e é por isso que a gente não pode baixar a cabeça e aceitar as fomas que querem colocar na gente nunca.

Eu sei que eu sou preta até o dia de eu morrer e eu vou ser assim, mulher também até quando eu morrer, porque essa é minha natureza foi assim que eu fui gostando de ser.

Agora depois que minhas pestanas parar de bater e eu ir para o outro lado, pode me enterrar como eu vim ao mundo, como homem, pois, esse era o desejo de minha mãe e meu pai né, não pude da esse gosto a eles em vida.

Mas quando eu morrer podem me enterrar como homem pela memória deles pois depois disso tudo acaba e a gente já não vê mais nada.

Mas meu amor (risos), eu ainda "tô" bem é viva e eu vou viver assim feliz como eu estou sendo, bonita e cheirosa e vaidosa uma borboleta do sertão, da roça. (risos)...

E agora vou varrer o terreiro e fazer meu café, e que bom que isso vai ficar registrado pois as vezes a gente morre e não deixa nada dito do que a gente viveu, pelo menos um pedacinho está aqui. De Maria José ou José Maria como quiserem e preferir.

Quando as borboletas voam do sertão... Os voos de uma borboleta que fugiu da morte anunciada..."

(Renato Lima, 2021)

Figura 32- Borboleta do Ser-tão.



Fonte: Registro do pouso de uma borboleta no pé de seriguela no distrito de Cariáca, 2023, feito por Davi de Oliveira Gramosa.

ENTRE O PERSONAGEM E A ESCRIVIVENCIA É QUE SE GRIA-GRIOU AS IMPOSSIBILIDADES E REEXISTENCIA.

"[...] não mais em relação a um eu, mas em relação a um existe...", como afirmaram Deleuze e Guattari (2000, p. 28). Nesse contexto, há uma teia complexa de verdades e mentiras, muitas vezes ocultas, que escapam à percepção ou são ignoradas por olhos acostumados a enxergar apenas o óbvio e o dual. Essa visão limitada apaga, mata e relega ao esquecimento outras formas de ser.

Como, então, podemos fazer emergir um mundo tão pessoal, tão subjetivo, um mundo tão improvável, em meio a essa construção estabelecida e aceita, essa narrativa estabelecida, que muitas vezes é implacável e excludente? Como podemos permitir que alguém seja a pioneira, a primeira a entrar, a primeira a se tornar professora, a primeira a se destacar na educação em seu próprio SER-TÃO?

Eles dizem que não, eles dizem ela é um macho, é um homem, é mulher, é uma espécie de coisa é uma aberração, mas espera eles desejam, comem sua carne, suas partes, se apaixonam somem, depois voltam com tesão, e a deixa na miséria, negam o emprego, o amor, a família a religião, mas depois de tudo isso eles dizem, que linda nem parece uma TRAVESTI, eles gostam do seu corpo, de sua mente, da sua arte, da sua, da sua...

Olha você é diferente, você estuda é professora, mas não quero que der aula para meus filhos e filhas, apenas que trepe comigo você e seu corpo, e a **Deny** só serve para isso? Ela responde;

DEIXA QUE TE DIGO O TAMANHO DO..

SIM E DO NÃO, É QUE EU ESTOU NUA E EXCITADA NO FIM DESSA DISSERTAÇÃO

QUERO SER

REAPROVADA e

PROVOCAR REFLEXÃO.

É que a solidão, a solidariedade e a sororidade são facetas complexas, mas quem está disposto a enxergar? Quem está pronto para acreditar na viabilidade disso tudo? Aqueles que possuem o lápis e a borracha, prontos para apagar os obstáculos que permeiam as vidas das pessoas que lutam. Elas lutam usando saltos, batom, perucas e vestidos, combatem com o

sangue, o corpo e a mente, com determinação incansável para finalmente fazerem parte dessa tão almejada vida.

Deny, no entanto, almeja mais do que simples reconhecimento. Ela me confessou que deseja uma vida, mesmo que ainda não tenha uma definição precisa do que essa vida seja. O que **Deny** quer é ser reconhecida como uma existência genuína, não apenas uma resistência que navega pelo mundo real, um mundo que pode ser cruel, mas que também lhe mostra que é possível existir. Ela está em busca disso, porque compreende que, apesar de todas as dificuldades, esse "Outrem é, antes de tudo, uma manifestação de um mundo potencial. E esse mundo potencial possui sua própria realidade, enquanto possibilidade..." (DELEUZE e GUATTARI, 2000, 28-29).

É incrível imaginar que toda essa jornada não deveria ser tão árdua. Essa exaustão em busca de aceitação, de pertencimento, de se encaixar sem esforço, sem a necessidade de provar que se é válido, que se é possível **Deny**, repito, seria algo tão natural, tão descomplicado, ser uma professora, uma garota, uma sertaneja, uma TRAVESTI, simplesmente existir.

Talvez, se as coisas fossem mais simples, se a realidade permitisse, **Deny** nem precisaria estar aqui, tentando descrever a sua própria identidade, pesquisando em livros e artigos para explicar o que significa ser TRAVESTI no semiárido baiano. É irônico que, mesmo nos dias de hoje, seja necessário estudar e fundamentar sua própria existência. Tudo seria tão mais descomplicado se pudéssemos vislumbrar um mundo onde "a sexualidade não existisse, tal como seria, tal como deveria ser" (DELEUZE, 2007, p. 312).

Entretanto, é importante destacar que esta pesquisa, embora possa ocasionalmente parecer ensaística em sua apresentação, revela-se como uma exploração interdisciplinar, transitando entre os temas de sexualidade, gênero, território e subjetividade. **Deny** emerge como uma figura conceitual, indo além da mera narração de seus processos subjetivos ou da evocação de sua própria história de vida. Conforme observado por Deleuze e Guattari (2000, p. 87), os personagens conceituais que emergem em sua expressão nunca permanecem implicitamente entendidos, gerando uma ambiguidade inerente.

Deny desempenha um papel central na tessitura deste trabalho, não apenas como um narrador de experiências pessoais, mas como um agente que reconfigura o caos. Ele não se limita a criar novos conceitos que preencham esse caos, mas sim povoá-lo com outras instâncias e entidades, que podem ser poéticas, românticas ou até mesmo pictóricas, como sugere Deleuze e Guattari (2000, p. 88). Nesse processo, **Deny** contribui para a criação de uma nova imagem do pensamento e a instauração de um novo plano de imanência, enriquecendo o panorama conceitual e estético da pesquisa.

Então assim, no decurso dessa escrita, entre as narrativas subjetivas e as performances **Deny** enquanto personagem conceitual foi entrelaçando-se entre os seus atravessamentos e suas vivências em vários momentos em uma “[...] encruzilhada, com bifurcações abrindo-se em desdobramentos. Ao invés de uma hierarquização entre uma prática menor e uma maior, uma simultaneidade de forças correlatas, que se transpassam...” (Pucheu, 2007; 21), **Deny, Denyse, Núbia, Luna, Jakeliny, José Maria, Catarina** todas uma, em suas diferenças.

Enquanto Denyse durante essa pesquisa muitas dúvidas me atravessaram, sobretudo pelo fato de falar de mim mesma, entender o meu corpo como uma (im)possibilidade de estudo e de investigação que foi e vai se Transformando em conhecimento, em uma Transepistemologia¹⁷.

Certamente que essa não foi uma tarefa tão simples, adentrar a pesquisa com minhas falhas e limitações inclusive de formação e ainda ir buscar outras mulheres Trans, Travestis, corpos e corpas femininas para falar de nossas experiências, subjetividades, (des)construções diante um arsenal que já falam de nós, mas não com nós e para nós foi desafiador.

Assim foi necessário primeiramente, entender e tomar consciência da necessidade de me colocar nessa posição, que mesmo diante das mazelas nesse ponto torna-se de privilegio, o lugar de mestrand-a-pesquisadora em educação embora não seja mérito, mas ousadia, desafio e resistência torna-se um lugar de privilegio para mim.

Por isso, também a pertinência em sair do campo de objeto/objetificada e me colocar na escrita em primeira fala, ou por vez personagem conceitual, em performances, em filosofia, em arte para narrar nossas *Escrevivências* (EVARISTO, 2007), escrevendo minha/nossas vida/as para além de representar a vida, mas dizer da própria vida em uma “*escrita de nós*” pois nessa “*escrevivência*, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo.” (EVARISTO, 2017).

Ao escrever...

(Evaristo, 2017)

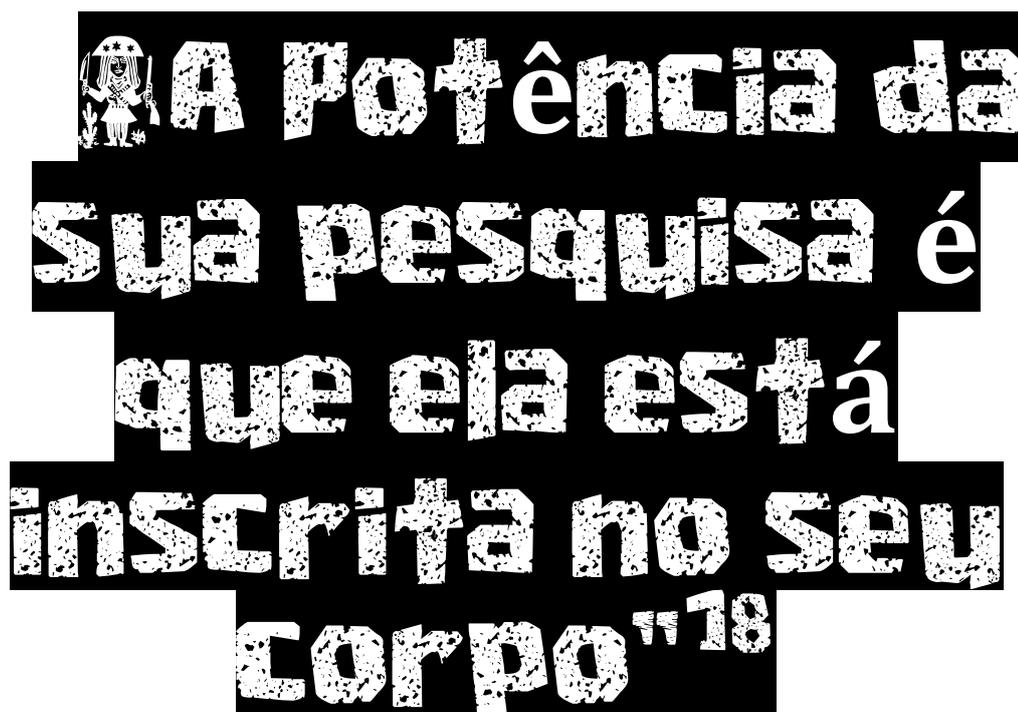
¹⁷Ao propor a Transepistemologia, Sousa Santos- (2010), busca abrir espaço para a diversidade de conhecimentos e perspectivas, reconhecendo a validade de diferentes formas de produção de conhecimento e valorizando as experiências locais e subalternas. Ele enfatiza a importância de descolonizar o conhecimento e superar as hierarquias epistemológicas, dando voz e valorizando as formas de saber que historicamente foram marginalizadas ou excluídas.

Eu precisava falar de mim, e falar de nós Travestis no semiárido baiano, dos acontecimentos dos fatos, dos relatos, ainda embora pareça que essas ou outras coisas como essas já foram ditas, essas são singulares e também carecem serem vistas, ouvidas, lidas, contra essa hegemonia da Travestilidade que nos colocam nos mesmos barcos discursivo, esses corpo-territórios sertanejos e baianos Travestis, agora poderão ser lidos.

Durante essa pesquisa e essa escrita, a preocupação e os questionamentos a auto cobrança e por verdade o descontentamento me invadiram muitas vezes, qual será a contribuição dessa pesquisa? Me questionei por várias vezes será que atenderá e contemplará os objetivos, qual potência se criará a partir desses relatos, dessas performances?

Eu não sei, talvez essa resposta não me caiba, não me pertença, mas de uma coisa a certeza evidência seja como objetivo ou produção de TRANS-FORMAÇÃO.

Essa pesquisa, essa dissertação esse mestrado em educação, me possibilitou mais 24 meses de vida, de oportunidade para me alimentar de comida e sabedoria, de dignidade, de esperança, de Travestilidade e de (in)certezas que poderei ocupar, invadindo os espaços da educação, do Sertão, do Nordeste, da Nação...

**A Potência da
sua pesquisa é
que ela está
inscrita no seu
corpo¹⁸**

(ANDRADE, Elenise, 2022)

¹⁸ Frase pronunciada pela professora Dr.^a Elenise Cristina Pires de Andrade, Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, durante a qualificação do texto de mestrado da mestranda Denyse de Almeida dos Santos.

Figura 33- Corpo-pesquisa/pesquisa-corpo.



Fonte: fotografia de Jeferson de Lima Feitosa, 2023. Para compor essa pesquisa.

CORDEL DOS BASTIDORES

Numa pandemia que assolou,
a vida de todo mundo mudou.
Isolamento e distanciamento,
fizeram da rotina um tormento.
Mas uma travesti destemida,
não deixou que a tristeza a vencesse na
vida.

Com coragem e determinação,
ela se propôs a uma missão.
Escrever uma dissertação,
sobre a vida das travestis em situação.
Mas não foi fácil encontrar,
parcerias que pudessem colaborar.
Porém, ela não desistiu,
e outras travestis ela convenceu.
Juntas, elas se uniram,
e a pesquisa se realizou.
Não podendo evidenciar,
tudo o que queriam expressar.

Ainda assim, ela escrevia,
arrumada, nua, suada ou perfumada.
Sempre depositando toda sua energia,
No sertão da educação, O mestrado é um
desafio,
pra uma pessoa travesti,
A solidão é o vazio.
Na escrita e na dissertação,
Muitas barreiras a enfrentar,
Mas eu não desisti não, e lutei pra me
superar.

Nos bastidores da jornada,
as malas foram esquecidas,
mas eu trouxe o que era importante,
E segui sem despedidas.
Falar sobre nós mesmas,
é uma tarefa bem difícil,

mas eu convenci outras meninas,
E vencemos o obstáculo
Falar sobre quem somos,
Pode doer, pode revoltar,

Mas juntas, podemos fazer mais,
E é preciso lutar.
A jornada pode ser difícil,
Mas precisamos seguir em frente,
Com coragem e resiliência,
Para conquistar o que a gente sente.
Na pandemia, o contato era pelo
WhatsApp

E eu pedia pras amigas trans e travestis
Fazerem relatos pra minha pesquisa,
Mas com exceção de Catarina,
eu fazia
Encontro em minha casa.

Juntas bebíamos, chorávamos e ríamos
Ela dizia "amiga, nós vamos conseguir"
E no dia seguinte eu escrevia
Tudo o que ela dizia e me ensinava.
E pensei que escrever uma dissertação
Seria impossível pra mim, um desafio
Mas não é superação pessoal, não!
É uma ousadia travesti,

um atrevimento Ser atrevida e entrar sem
ser convidada
Mas nós vamos lá e fazemos acontecer
Mostrando que a nossa voz é valiosa e
forte.
Lá em Bonfim, terra querida,
Voltei depois da pandemia,
Encontrei outras amigas trans,
Que na luta se fazem bravias.

Particpei da banca de TCC, Da Núbia,
mulher corajosa,
Quer continuar na docência, E também
seguir a sua prosa
É revolucionário.

Ver isso acontecer Travestis e suas
semelhantes Juntas, fortes, sem temer
E assim, a pesquisa nasceu,
Com relatos singulares e plurais, E o que
era dor e revolta,

Se transformou em saberes ancestrais.
E essa troca tão revolucionária,
De travestis se ajudando,
É um sinal de resistência, E de luta que está
pulsando.

No mundo das Travestis,
Hã histórias pra contar, De risos, lágrimas
e lutas,

Que nos fazem refletir e pensar.
Com Catarina eu pude ver,
O que é a amizade verdadeira,
Juntas bebemos e choramos,

E suas palavras guardei na memória
inteira.
Mesmo com desafios pela frente,
Como mudar de casa várias vezes, E perder
textos e computadores,

Consegui finalizar a dissertação com
mesura e sem stresses.
De volta a Bonfim, minha cidade,
Encontrei as outras Monas,
E na banca de TCC da Núbia,
Presenciei um momento revolucionário,
que até é Deus testemunha.
Com Jakeliny e Luna,
Alianças pude estabelecer,

E suas contribuições ao meu trabalho,
Fizeram tudo acontecer.
Aprendi com elas que não há uma forma
certa,

De ser ou deixar de ser Travesti,
E que cada uma pode inspirar a outra,
A quebrar as normas e viver feliz.
Por fim, essas histórias loucas e tristes, São
provas de que o conhecimento das
Travestis,

Pode transformar vidas e corações,
E nos fazer enxergar o mundo com
outros olhos, com outras razões.
não importando a situação que vivia.

Com amor e dedicação,
ela concluiu a dissertação.
E hoje, com orgulho e satisfação,
ela mostra ao mundo sua produção.
Uma obra que retrata a luta,
das mulheres travestis com bravura
absoluta.

Mesmo sentindo a solidão,
ela buscou a união.
E com suas irmãs de vida,
ela mostrou que a pesquisa não é
proibida.

Quebrando barreiras e preconceitos,
ela mostrou que a escrita é um direito.
E que a luta pela visibilidade,
é uma batalha que se vence com unidade.

Por isso, essa travesti guerreira,
merece nossa admiração verdadeira.
E que sua dissertação seja um exemplo,
de que a luta pela igualdade é um
emblema

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: invenção do "falo": uma história do gênero masculino.** 2ª. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. 254 p. ISBN 978-85-64586-41-3.
- ALBUQUERQUE JÚNIOS, Durval Muniz. **O OBJETO EM FUGA: ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DO CONCEITO DE REGIÃO.** Fronteiras- Revista de História, Dourados, v. 10, n. 17, p. 55-67, Jan/jun. 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62> . Acesso em: 7 nov. 2021.
- AMARAL, Marília dos Santos. **Essa boneca tem manual: práticas de si, discursos e legitimidades de travestis iniciantes/** Marília dos Santos Amaral; Orientadora- Maria Juracy Filgueiros Toneli. Florianópolis, SC, 2012. 1 v.
- ANTRA- **Associação Nacional de Travestis e Transexuais.** Disponível em: - <https://antrabrazil.org/> Acesso em 21/07/2021.
- BAMBERG, Luiz. **Morre Márcia Cabrita, o Carnavalesco de Bonfim.** Senhor do Bonfim-BA, 19 fev. 2023. Disponível em: <https://blogdobamberg.blogspot.com/2016/01/morre-marcia-cabrita-o-carnavalesco-de.html>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- BARROS, L. P de KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos.** In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BARROSO, Hayeska Costa- **“O SÃO JOÃO É GAY! ”: horizontes interpretativos sobre performances trans na festa junina no Ceará.** *Periódicus*, Salvador, n6, v.1 nov2016-abr2017- Revista de estudos interdisciplinares em gênero e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao grupo de pesquisa CUS, da Universidade Federal de Salvador-UFBA. ISSN:2358-0844- <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>.
- BEAUVIOR, Simone De. **O Segundo sexo.** 2. A experiência vivida. 2.a Edição. Difusão europeia do livro- Acessado em 21/09/2021 em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br>
- BENEDETTI, M. **Toda Feita: O corpo e o gênero das travestis.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade/** Berenice Alves de Melo Bento. São Paulo: Brasiliense, 2008. – (Coleção Primeiros Passos; 328).
- BITENCOURT, Kueyla Andrade- **TRANSterritorializações: O espaço (im)preciso da travestilidade-** Universidade Federal da Bahia. *PERIODICUS*. ISSN: 2358-0844. n.8, v.1 nov.2017. abr.2018. p. 154-173.
- BRITO, Maria dos Remédios de; COSTA, Dhemerson Warly Santos- **ESCRITA E CORPO E FABULAÇÃO: VARIAÇÕES COM DELEUZE E CLARICE LISPECTOR/ WRITING AND BODY AND FABULATION: VARIATIONS WITH DELEUZE AND**

CLARICE LISPECTOR. Linha Mestra, N.41, p.45-54, <https://Doi.org/10.34112/1980-9026a2020N41P45-54>, maio-agosto 2020.

BUTLHER, Judith- **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade/** Judith Butler- Tradução: Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003. (Sujeito e História).

CANTELLI, ANDREIA LAÍS; NOGUEIRA, SAYONARA NAIDER BONFIM. **MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS PROFESSORAS TRAVESTIS, MULHERES TRANS E HOMENS TRANS NA EDUCAÇÃO.** Brasil: IBTE – Instituto Brasileiro Trans de Educação, 2018. 98 p. *E-book*.

CARDOSO, Sérgio. **O olhar viajante (do etnólogo).** In: Novas, Adauto. (Org.). O olhar. São Paulo: Companhia de Letras, 1988.

CĂRTĂRESCU, Mircea; BAUDOIN, Edmond. **Travesti: BAUDOIN DE MIRCEA CĂRTĂRESCU.** 1º. ed. Madrid: Impedimenta, 2021. 131 p. v. 1. ISBN 978-84-17553-228. *E-book*.

CASTRO, Thiago Silva de; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. **DAMAS DO SÃO JOÃO: AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NAS/DAS QUADRILHAS JUNINAS NO INTERIOR DO CEARÁ.** Desfazendo Gênero, 2020. ISBN: 978-65-86901-06-1. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65131> Acesso em: 23/04/2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-88, 2002. DOI 10.1590/S0104-026X2002000100011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21/01/2023.

DAMASCENO, Veronica. Personagens conceituais e personagens estéticos em Gilles Deleuze. **Revista Trágica estudos de filosofia da imanência**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 138-151, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26835/1492>. Acesso em: 5 ago. 2022.

DELEUZE, Gilles, 1925-1995, **Mil Platôs- Capitalismo e esquizofrenia**, vol.1, / Gilles Deleuze, Félix Guattari: Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 94 p. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles: **Conversações.** 34. ed. São Paulo: 34 Ltda., 2008. 232 p. ISBN 85-85490-04-2.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. Vol. 1.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996. Vol. 3

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia? 3.ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

Dossiê dos Assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020/ Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). - São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. 136 p.

DUQUE, Tiago – **Montagens e desmontagens: vergonha, estigmas e desejo na construção das travestilidades na adolescência/** Tiago Duque- São Carlos: UFSCAR, 2009. 163f. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Carlos, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado** em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>, acesso em 23 de novembro de 2022,

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. Ed.6.reim. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Luiz Batista. **Entrecruzamento do filósofo com o literário: Devir pelas veredas do grande sertão**. Orientador: Sandro Kobol Fornazari. 2019. 108 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/59269>. Acesso em: 13 nov. 2022.

FERRAZ, Wagner- **Experimentações performáticas**. – Porto Alegre: INDEPEN, 2014. 200p. (Coleção Estudos do corpo: V.2) - Org. Wagner Ferraz. ISBN 978-85-66402-06-3.

FILHO, Franklin Costa Marques – **CONTRABANDOS SUBJETIVOS, transgressões e irregularidades dos modos de vida marginais**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. São Paulo 2019.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Silvio. **Educação e Interdisciplinaridade**; Revista de educação nº 1. Campinas: SINPRO, 2002.

GAGO, Verónica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Editora Elefante, 2020, 321 p. ISBN 978-85-93115-65-3.

GAUTHIER, Jacques- **A SOCIOPOÉTICA COMO MÉTODO DE PESQUISA INSTITUINTE E DECOLONIAL**. Capoeira-Revista de Humanidades e Letras (vol.5), (Nº 21.ano 2019). p.236

GUATTARI, Félix. **A transversalidade (1964)**. In: **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida /S.P: Idéias & Letras, 2004.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Cartografia do Desejo**. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 327 p.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

JUNIOR, Jonas Alves da Silva; SILVA, Leandro Rodrigues Nascimento da. **Imagens do cotidiano escolar: Gênero e sexualidades nos desenhos de estudantes de uma escola pública**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 14, ed. 28, p. 177-192, 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>>. Acesso em: 8 jan. 2022.

KASTRUP, Virginia. **Pistas do método da cartografia pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre. Sulina. 2009.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Cartografar é traçar um plano comum**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LIMA, RENATO. **QUANDO AS BORBOLETAS VOAM DO SERTÃO**. 1ª. ed. atual. São Paulo: Chiado Books, maio 2021. 246 p. ISBN 978-989-52-9423-7. Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/landing>. Acesso em: 9 fev. 2023.

LINS, Daniel. **MANGUE'S SCHOOL OU POR UMA PEDAGOGIA RIZOMÁTICA**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, ed. 93, p. 1229-1256, 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 4 jan. 2023.

LONGARAY, Deyse Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 24(3), p. 761-784, 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p761>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/KMw7k6XzmPJLLmMjn5zdncc/?lang=pt>. Acesso em: 21 jan. 2021.

LUSTOSA Tertuliana E VASCONCELLOS Wescla. **Cordel SerTransneja Balaiera**. Coletivo Xica Manicongo, www.tropicuir.org. 2017. Disponível em: <https://www.tropicuir.org/ocupacao-sertransneja/> Acesso em: 22 jul. 2021.

MAESO, Benito Eduardo; SANTAFÉ, Vladimir Lacerda. **Reações em cadeia: molar, molecular e (des)mobilização das máquinas de guerra**. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v. 14, ed. 1, p. 77-101, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/34726>. Acesso em: 25 dez. 2022.

MALUF, Annita Costa- **Uma poética da iminência: a escrita em Deleuze**- Octa Scientiarum Language and Culture, Maringá, V37, n.3, p.233-241, July-Sept, 2015.

MBEMBE, Achille. **Críticas da razão Negra**. Lisboa: Antígoras, 2014.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MOSSI, Cristian Poletti- **O que pode e o que aprende um corpo?** Educ. Pesqui. São Paulo, V.41, n. especial, p.1541-1552, dez,2015. <http://dx.doi.org/1090515-9702201108142951>

NARDIN, Ana *et al.* Caracterização e análise de " O céu de Suely" de Karim Ainouz, como uma narrativa de viagem. In: NARDIN, Ana *et al.* **Caracterização e análise de " O céu de Suely" de Karim Ainouz, como uma narrativa de viagem**. [S. l.]: RUA, 27 maio 2014. Disponível em: <https://www.rua.ufscar.br/caracterizacao-e-analise-de-o-ceu-de-suely-de-karim-ainouz-como-uma-narrativa-de-viagem/> Acesso em: 13 fev. 2022

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira Do. **Transfeminismos**. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2021. ISBN 978-65-87113-46-3.

NEIL, Franco. 1971- **A diversidade entra na escola: história de professores e professoras que transitam pelas fronteiras de gênero/** Neil Franco- 2009. 239 f.: il.

OLIVEIRA Miranda, Eduardo. **Corpo-Território & Educação Decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência.** Salvador: EDUFBA, 2020. 207 p. ISBN 978-65-5630-030-6. *E-book*

OLIVEIRA, Luciana. **80 pessoas transexuais foram mortas no Brasil no 1º semestre deste ano, aponta associação.** [S. l.]: G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/07/80-pessoas-transexuais-foram-mortas-no-brasil-no-1o-semester-deste-ano-aponta-associacao.ghtml> . Acesso em: 12 jul. 2022.

OLIVEIRA, Megg Rayara de Gomes. **O DIABO EM FORMA DE GENTE: (R)EXISTÊNCIAS DE GAYS AFEMINADOS, VIADOS E BICHAS PRETAS NA EDUCAÇÃO.** Orientador: Profa. Dra Maria Rita de Assis César. 2017. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47605?show=full>. Acesso em: 14/ 01/2022

PARAÍSO, Marlucy. **Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender.** *Linhas*, Florianópolis, v. 17, p. 206-237, 2016. Disponível em: shorturl.at/diyFX. Acesso em: 10 de set. 2022.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; DA ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p. ISBN 978-85-205-0530-4.

PELÚCIO, Adriana. **Objecção: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da aids.** São Paulo: 2009. Ed. Annablume; FAPESP.

PINHEIRO, Wesley Maia. **O preconceito regional como expressão do ódio de classe no brasil.** :LavraPalavra. 17 de maio de 2021. Disponível em <https://lavrpalavra.com/2021/05/17/nordestino-o-povo-que-virou-suco-ensaio-sobre-o>. Acesso em: 18 jan. 2023.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual – práticas subversivas de identidade sexual.** São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade.** Porto Alegre: UFGRS, 2010.

PUCHEU, Alberto (2007). **Pelo colorido, além do cinzento.** Rio de Janeiro, RJ: Beco do Azougue.

RATTS, Alex; GOMES, Bethania. **Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento.** Editora Ogum'S Toques Negros, 2006. 200 p.:il. Disponível em: <https://criola.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Alex-Ratts-Bethania-Gomes-Beatriz-Nascimento-2015-Todas-as-dista%CC%82ncias.pdf>

REIGOTA, Marcos- **A CONTRIBUIÇÃO POLÍTICA E PEDAGÓGICA DOS QUE VEM DAS MARGENS.** Teias: Rio de Janeiro, ano 11, nº 21, jan/abr 2010.

RIOS, Pedro Paulo Souza. **O ESTRANHO QUE HABITA EM MIM: Subjetivações de Gênero na Educação.** Curitiba: CVR, 2022. 252 p. ISBN 9786525125244.

RODOVALHO, Amara Moira- **O cis pelo trans**. Estudos Feministas, Florianópolis 25(1):442, janeiro-abril/2017. 365-373.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**/ Suely Rolnik- São Paulo, Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Denyse de Almeida dos. **“Trans”formando a trajetória, ressignificando a pedagogia: Relato autobiográfico da trajetória dissidente de uma travesti do semiárido baiano**. In: Pedro Paulo Souza Rios. (Org). **Subjetivações e Dissidências de gênero e sexualidades no semiárido**. Salvador: EDUNEB, 2022, p. 47-72.

SANTOS, Erick Naldimar Dos et al. (en) **cenações & práticas discursivas em gêneros e sexualidades: narrativa (auto) biográfica no grupo de teatro gay mutart**. E-book CONQUEER... Campina Grande: Realize Editora, 2018. p. 14-25. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/40188>>. Acesso em: 14 out. 2022.

SANTOS, Erick Naldimar dos. (EN) **CENAÇÕES E PRÁTICAS DISCURSIVAS EM GÊNEROS E SEXUALIDADES: VOZES DISSONANTES NO SEMIÁRIDO**. Congresso de Artes, Ensino e Pesquisa Margens em Desvios: Sistema Político e Poéticos da Arte no Semiárido Nordeste: ConARTES, 2018. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/cartes/conartes/anais-do-i-conartes/artigos/en-cenacoes-e-praticas-discursivas-em-generos-e-sexualidades-vozes-dissonantes-no-semiarido-erick-naldimar-dos-santos/view>. Acesso em: 13 out. 2022.

Sertão Transviado- 2016/Nº 03 Jornal do Projeto Anus Livres- Mídias Radicais e Histórias Marginais- Jornalismo UFCA. Disponível em: https://issuu.com/sertaotransviado/docs/3_ed_-_web_2

SILVA, Ana Carolina de Souza. **Nós, os quilombistas, e a terminologia na luta por libertação**/ Ana Carolina de Souza Silva, Orientador/ Enilde Faulstich. Brasília, 2020, 111.p. dissertação (Mestrado-mestrado em linguística) - Universidade de Brasília, 2020.

SILVA, Stela Maria da. **A vida como obra de arte**. *Revista Científica/FAP*, Vol.2, pp.01-09,2006.

SOSA VILLADA, Camila. **O parque das irmãs magníficas**-São Paulo: Planeta, 2021.

TRINDADE, Rafael. **razaoinadequada.com. O que é Personagem conceitual**. [S.l.]. Razão inadequada, 2017. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2017/11/01/deleuze-o-que-e-personagem-conceitual/> Acesso em: 20 jul. 2022.

VANDRÉ, Geraldo- **Disparada** Álbum: Enciclopédia Musical. Ano: 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=F4pOm8hRUyo>

VASCONCELOS, Cláudia Pereira; VASCONCELOS, Vânia Mara Pereira. **A casamenteira e o artista: Por outras representações de gênero no sertão**. *Revista feminismos*, Salvador, v. 6, n. 3, 2018. Disponível em: www.feminismos.neim.ufba.br. Acesso em: 9 jul. 2021.

VASCONCELOS, Tânia Mara Pereira. **Sertão das “muie séria? Convenções de gênero e rebeldia feminina em processos judiciais em Jacobina (BA) -Revista de História [v.24, n.411]. João Pessoa, p. 318-344, jul/dez.2019, ISSN e.2317-6725.**

VASCONCELOS, Vânia; VASCONCELOS, Cláudia. **"Mulher séria" e "cabra macho": por outras representações de gênero no sertão"** In: RIOS, Pedro Paulo; MENDES;

MARTINS, Alane. Educação, gênero e diversidade sexual: fabricação das diferenças no espaço escolar. Curitiba: CRV, 2018. p. 149-166.

VEIGA, Ana Maria. **A trans-sertanidade e os estereótipos sertanejos**. In: DE ARAÚJO LIMA, Caroline; CARVALHO BRITO, Clovis; PEDREIRA MOREIRA, Jailma dos S. (org.). Outros olhares sobre o sertão nordestino: gênero, masculinidades e subjetividades. Salvador: EDUNEB, 2020. cap. III, p. 187-210. ISBN 978-65-88211-05-2. Disponível em: https://arquivosbrasil.blob.core.windows.net/insulas/anexos/degust_outros_olhares.pdf Acesso em: 1 maio.2022.

ZORDAN, Paola. **Criação na perspectiva da diferença**. In: Revista **Laboratório de Artes Visuais** – UFSM, ano 3, n. 5, setembro de 2010. Santa Maria: UFSM, 2010. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/2135> . Acesso em: 22 jul. 2022.

**APÊNDICE – A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE)**

Você está sendo convidada/e para participar, como voluntária/e em uma pesquisa que se refere ao projeto intitulado “**TRANS-ÁRIDAS: cartografias, diários e relatos autobiográficos de Mulheres travestis do Semiárido Baiano**” que tem como pesquisadora responsável Denyse de Almeida dos Santos, estudante do PPGE- Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, com a orientação do Professor Dr. Antônio de Almeida da Silva. Este projeto visa evidenciar os modos de vida e subjetividade de mulheres Travestis e Transexuais do semiárido baiano. Para a realização desta pesquisa, nos utilizaremos do modo cartográfico, ou seja, desejamos usar imagens, produtos e ou outros elementos que possam fazer-se importante na construção das subjetividades, tal como a utilização das narrativas autobiográficas dessas mulheres Transexuais e Travestis. Sendo assim será necessário gravação de áudio ou vídeos, utilização de imagens, produção imagens, diários, cadernos, etc. Se em algum momento, e por alguma razão você não concordar em oferecer alguma informação para a essa pesquisa, por quaisquer que seja o motivo, nos comprometemos a não o fazer, ou fazelas como você achar melhor. As narrativas serão transcritas, e logo após encaminhadas para cada participante, afim de que as mesmas possam fazer revisões e altera-las caso ache necessário. Todo material seria armazenado e guardado, em banco de dados (GOOGLE DRIVER), onde serão disponibilizadas compartilhamento para cada participante dessa pesquisa. Se em qualquer etapa dessa pesquisa a participante desejar desistir por quaisquer que sejam os motivos, garantiremos a exclusão total de todo material cedido para essa pesquisa. Tal como se em qualquer momento a participante se sentir constrangida e desejar que sejam feitas alterações na sua narrativa, imagem ou etc. também garantiremos o direito da participante.

Diante do que foi posto se você concorda em participar dessa pesquisa, será necessário assinar duas vias desse Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido- (TCLE). Você ficará com uma das vias. E outra via ficará sob nossa responsabilidade. Reiteramos, que a desistência na participação dessa pesquisa não gerará não um custo financeiro, tal como nenhum uma penalidade jurídica ou administrativa. Também ficará garantido a participante o ressarcimento de possíveis custos que essa pesquisa venha gerar para a mesma, tal como indenizações caso aja possíveis danos. Caso queira certificasse da veracidade do teor dessa pesquisa/pesquisador poderá entrar em contato a qualquer momento, no telefone (75) 3161-8084 (Departamento de Educação, UEFS, Av. Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, Feira de Santana - BA, 44036-900). Ou ainda havendo dúvidas sobre os princípios éticos desta pesquisa, indicamos contato do Comitê de Ética em Pesquisa da UEFS, órgão que tem como objetivo defender os interesses

dos sujeitos envolvidos em uma pesquisa com seres humanos: cep@uefs.br ou telefone - (75) 3161-8067.

Pesquisador: _____

Participante: _____

Local e data: _____

APÊNDICE – B: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____ de
nacionalidade Brasileira/e, portadora/e da Cédula de Identidade RG
no _____ residente _____ a
_____, AUTORIZO o uso de minha imagem registrada em vídeo
e/ou fotografia, bem como de imagens por mim registradas no âmbito da pesquisa “**TRANS-
ÁRIDAS: cartografias, diários e relatos autobiográficos de Mulheres travestis do
Semiárido Baiano**”. Que tem como pesquisadora responsável Denyse de Almeida dos Santos,
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE-UEFS, da Universidade
Estadual de Feira de Santana-UEFS, e que tem como Orientador o Professor Dr. Antônio de
Almeida da Silva, do Departamento de Educação dessa mesma Universidade. Essa autorização
é concedida de forma voluntária e participativa, e não gera nenhum tipo de custo financeiro ou
outro para a utilização das imagens mencionadas logo acima. Essas imagens, são
exclusivamente para finalidade de uso acadêmico, podendo ser utilizado como produção
científica em congressos, publicações de revistas e/ou periódicos, exposições e eventos
acadêmicos, reuniões, palestras, entrevistas, mídias sociais. Diante de tudo que foi explicitado,
caso seja feita a autorização de livre e espontânea vontade, será necessária assinatura em 02
(duas) vias iguais.

Pesquisador: _____

Participante: _____

Local e Data: _____